



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS**

MARIA CONCEIÇÃO OLIVEIRA DA PAZ

**LEITURA DE CONTOS E CRIAÇÃO ESCRITA:
UM CONVITE À FRUIÇÃO LITERÁRIA**

São Cristóvão – SE

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS**

MARIA CONCEIÇÃO OLIVEIRA DA PAZ

**LEITURA DE CONTOS E CRIAÇÃO ESCRITA:
UM CONVITE À FRUIÇÃO LITERÁRIA**

Relatório de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/POSGRAP.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: Diversidade Social e Práticas Docentes

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Melo Andrade

São Cristóvão – SE

2024

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
CENTRAL UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Paz, Maria Conceição Oliveira da
P348l Leitura de contos e criação escrita : um convite à fruição literária / Maria
Conceição Oliveira da Paz ; orientador Alexandre de Melo Andrade. – São
Cristóvão, SE, 2024.
146 f. ; il.

Relatório (mestrado profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe,
2024.

1. Literatura brasileira. 2. Escrita - Estudo e ensino. 3. Contos. 4. Letramento -
Aspectos sociais. I. Andrade, Alexandre de Melo, orient. II. Título.

CDU 821.134.3(81)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS- GRADUAÇÃO E PESQUISA



ATA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA PELA
ESTUDANTE MARIA CONCEIÇÃO OLIVEIRA DA PAZ PARA OBTENÇÃO
DO TÍTULO DE MESTRE EM LETRAS PELO PROFLETRAS.

Ao vigésimo oitavo dia do mês de Fevereiro do ano de Dois mil e vinte e quatro, às quatorze horas e trinta minutos, na sala 408B didática 07, reuniu-se a Comissão Julgadora da Dissertação da Mestranda **Maria Conceição Oliveira da Paz**, composto pelos professores Doutores: **ALEXANDRE DE MELO ANDRADE** (Presidente da Banca) **Leilane Ramos da Silva** (membro interno) e **Urandi Rosa Novais** (membro externo ao programa) para examinar o trabalho apresentado sob o título: **LEITURA DE CONTOS E CRIAÇÃO ESCRITA: UM CONVITE À FRUIÇÃO LITERÁRIA**. O Professor Alexandre de Melo Andrade, na qualidade de presidente da banca, passou a palavra para a candidata, informando tempo limite de 20 minutos para a apresentação inicial. Terminada a exposição da mestranda, O Presidente passou a palavra a cada um dos membros da Comissão Julgadora, informando que o tempo previsto para a arguição era de trinta minutos. Após a arguição, a comissão deliberou sobre o resultado da avaliação do trabalho. Em relação ao título de **"Mestre Profissional em Letras"**, a mestranda foi considerando:

- ☒ (X) APROVADO
☐ () APROVADO COM RESTRIÇÃO
☐ () REPROVADO

Parecer:

O trabalho contribui para o conjunto de pesquisas desenvolvidas no PROFLETRAS, especialmente
para a linha de estudos literários, pois traz importante debate sobre o papel da literatura na formação
crítica, humana e cidadã. A proposta apresentada é perfeitamente replicável.

Documento assinado digitalmente
 **ALEXANDRE DE MELO ANDRADE**
Data: 01/03/2024 17:40:56.0300
Verifique em <https://validar.itu.gov.br>

ALEXANDRE DE MELO ANDRADE
PRESIDENTE

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS- GRADUAÇÃO E PESQUISA

Documento assinado digitalmente
 LEILANE RAMOS DA SILVA
Data: 02/03/2024 10:27:56-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

LEILANE RAMOS DA SILVA
EXAMINADORA INTERNA

Documento assinado digitalmente
 URANDI ROSA NOVAIS
Data: 01/03/2024 17:56:53-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

URANDI ROSA NOVAIS
EXAMINADOR EXTERNO AO PROGRAMA

A Maria Sofia e a João Filipe, partes de mim
e frutos que, essencialmente, representam a
força impulsionadora do meu caminhar.

AGRADECIMENTOS

Como desejei escrever esta história! Fazer o curso de Mestrado na Universidade Pública sempre foi um sonho. Ele chegou e se consolidou em um momento permeado por uma atmosfera de emoções e sentimentos. Nessa jornada, três palavras simbolizam minha conquista: fé, força e superação; e unidas a elas estão os seres a quem dignamente agradeço:

A DEUS, Pai Eterno, por estar presente em todos os momentos de minha vida, dando-me o sustento necessário para seguir adiante com a convicção de que tudo dará certo.

À Maria, Nossa Senhora, por ter sido minha defensora, por ter cuidado primorosamente de meu filho e de minha filha em minhas ausências, por ter acolhido as minhas orações.

A Jesus Cristo, que é exemplo de amor e fraternidade. Ele que alimentou minha esperança de vencer esse desafio e concretizar meu desejo; por ter sido presença viva em minha vida.

À minha família, pelo apoio incondicional, por sempre acreditar em meu potencial. Nesse suporte estão meus três irmãos, minhas três irmãs e suas famílias.

Ao meu pai e à minha mãe, José e Antonia, por serem sinais de DEUS e presentes diários na minha vida.

Às minhas crianças, Maria Sofia, minha apoiadora e confidente, que, ao vir ao mundo, me fez tornar uma mulher sensível; e João Filipe, minha inspiração, que me transformou em uma mulher destemida e sagaz.

Ao meu esposo, Joel, pela disponibilidade, compreensão e por sua constância em acreditar em mim. Ele representou um suporte necessário durante esse período.

Aos meus avós, Dudu (*in memoriam*) e Belita (*in memoriam*), sempre serei grata a eles pelos ensinamentos e pelos exemplos de ser humano que demonstraram ser aqui na terra.

Ao meu orientador, Professor Doutor Alexandre de Melo Andrade, por toda atenção e cuidado transmitidos a mim; por seu conhecimento e comprometimento manifestados em nossos encontros, contribuindo, sobremaneira, com o meu crescimento como pesquisadora.

À Professora Doutora Leilane Ramos da Silva e à Professora Doutora Denise Porto Cardoso, responsáveis pela primeira aula do curso, pelas quais nutro um carinho e uma admiração especiais.

Ao Professor Doutor Urandi Rosa Novais, membro da banca, pelas importantes colaborações ao meu trabalho. Pessoa solidária que, gentilmente, esteve pronto a participar da condução deste projeto.

A todo corpo docente do programa PROFLETRAS, por sua missão em colaborar com a melhoria de minhas práticas pedagógicas e, consequente, avanço das aprendizagens dos educandos.

À Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão, por ser minha referência para os estudos e o alinhamento das minhas práticas pedagógicas.

Às(aos) colegas de turma pela generosidade. E a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram com o construto dessa linda jornada.

(...) a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabuloso.

(Candido, 2011, p. 176)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo propor estratégias de ensino por meio da leitura e análise de *contos* literários, na perspectiva de ampliar o acesso de estudantes do 8º ano do ensino fundamental à literatura. Além disso, pretende, a partir da prática de estudo do gênero *conto*, desenvolver a humanização nos educandos no intuito de conduzi-los ao prazer do texto literário. Para tanto, tomam-se como referenciais teóricos: i) no que tange às noções de compreensão leitora: Solé (1998) e Leffa (2012); ii) em relação a uma abordagem processual de produção escrita: Passareli (2012); iii) como amparo às discussões voltadas à percepção de literatura como instrumento de humanização: Candido (2011), Barthes (2015) e Todorov (2009); e iv) concernentes ao debate inerente à definição e função social do gênero *conto*: Cortázar (2006), Gotlib (2004), Piglia (2004) e Moisés (2006). Em termos metodológicos, propõe-se o trabalho com sequência didática, sendo constituída por quatro módulos, organizados em doze aulas, de modo a permitir aos estudantes realizarem a leitura de contos de diferentes autores e temáticas a fim de que, ao final, sintam-se motivados a produzir resenhas literárias a serem publicizadas no ambiente escolar. Levando-se em conta a proposta elaborada para a pesquisa e sua execução, é possível dizer que este trabalho obteve um resultado significativo, pois, no decorrer das aulas, percebeu-se o encantamento dos alunos por texto literário, ao assumirem uma atitude crítica diante dos contos estudados, a par de uma reflexão sobre a realidade. Ademais, com o fito de socializar os resultados deste projeto junto a professores de língua portuguesa, apresenta-se um *Caderno Pedagógico*. Nele está explícita uma metodologia exequível para o atendimento aos anos finais do ensino fundamental, permitindo aos/as professores/as da área de linguagem fazerem adequações na proposta, considerando a realidade, o contexto e o nível de aprendizagem das turmas. Em sentido amplo, a ideia é colaborar com possibilidades de ressignificação do trabalho com o gênero conto na educação básica, pois a literatura precisa fazer parte do universo escolar dos estudantes e dos contextos de sua vida.

Palavras-chave: *Conto*; ensino; humanização; literatura.

ABSTRACT

This study aims to propose teaching strategies through the reading and analysis of literary short stories, with a view to expanding access to literature for 8th grade elementary school students. Furthermore, it aims to develop humanization in students through the practice of studying the short story genre, with the aim of leading them to enjoy literary texts. To this end, the following theoretical references are taken: i) regarding the notions of reading comprehension: Solé (1998) and Leffa (2012); ii) regarding a procedural approach to written production: Passareli (2012); iii) as support for discussions focused on the perception of literature as an instrument of humanization: Candido (2011), Barthes (2015) and Todorov (2009); and iv) concerning the debate inherent to the definition and social function of the short story genre: Cortázar (2006), Gotlib (2004), Piglia (2004) and Moisés (2006). In methodological terms, the work is proposed with a didactic sequence, consisting of four modules, organized into twelve classes, so as to allow students to read short stories by different authors and themes so that, at the end, they feel motivated to produce literary reviews to be publicized in the school environment. Taking into account the proposal elaborated for the research and its execution, it is possible to say that this work obtained a significant result, since, during the classes, it was noticed that the students were enchanted by literary texts, as they assumed a critical attitude towards the short stories studied, along with a reflection on reality. Furthermore, with the aim of socializing the results of this project with Portuguese language teachers, a Pedagogical Notebook is presented. It explicitly presents a feasible methodology for serving the final years of elementary school, allowing language teachers to make adjustments to the proposal, considering the reality, context and learning level of the classes. In a broad sense, the idea is to collaborate with possibilities of redefining the work with the short story genre in basic education, since literature needs to be part of the students' school universe and the contexts of their lives.

Keywords: Short story; teaching; humanization; literature.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Quadros

Quadro 1 – Módulo I da Sequência Didática	43
Quadro 2 – Módulo II da Sequência Didática	44
Quadro 3 – Módulo III da Sequência Didática	45
Quadro 4 – Módulo IV da Sequência Didática	47
Quadro 5 – Respostas ao questionário perfil leitor	49
Quadro 6 – Comentários dos Estudantes I	51
Quadro 7 – Comentários dos Estudantes II	52
Quadro 8 – Comentários dos Estudantes III	53
Quadro 9 – Comentários dos Estudantes IV	55
Quadro 10 – Comentários dos Estudantes V	57
Quadro 11 – Comentários dos Estudantes VI	58
Quadro 12 – Respostas dos Estudantes ao questionário final	62

Lista de Figuras

Figura 1 – Localização do município de Entre Rios – BA	34
Figura 2 – Esquema da Sequência Didática	41
Figura 3 – Assuntos abordados na SD.....	42

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Desempenho dos Estudantes	61
Gráfico 2 – Gosto por leitura	63
Gráfico 3 – Gênero literário	63
Gráfico 4 – Gosto por <i>contos</i>	63
Gráfico 5 – Reflexão do dia a dia	63

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Desempenho dos Estudantes na Resenha Literária	60
---	----

LISTA DE ABREVIACÕES

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCRB	Documento Curricular Referencial da Bahia
EMML	Escola Municipal Monteiro Lobato
LD	Livro Didático
PNLD	Programa Nacional do Livro e Material Didático
PROFLETRAS	Programa de Mestrado Profissional em Letras
SD	Sequência Didática
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAIS.....	13
1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	19
1.1 Compreensão leitora.....	19
1.2 Produção de texto escrito em sala de aula	21
1.3 Literatura, humanização e ensino	24
1.4 O gênero literário conto	28
1.5 O gênero textual resenha	30
2. METODOLOGIA	31
2.1 A pesquisa-ação no ambiente escolar: definição e características.....	31
2.2 A escola e os sujeitos da pesquisa: algumas informações contextuais.....	32
2.3 Composição do <i>corpus</i> da pesquisa	34
2.4 Aspectos metodológicos da pesquisa-ação	39
2.4.1 Apresentação da sequência didática	41
3. ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DOS ESTUDANTES.....	47
3.1 Questionário inicial.....	48
3.2 Conto motivador “Um apólogo” de Machado de Assis.....	51
3.3 Contos de Marina Colasanti, Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector.....	54
3.4 Produção das resenhas literárias.....	59
3.5 Questionário final	61
4. PALAVRAS FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67
ANEXOS	69
Anexo A – Questionário I	69
Anexo B – Questionário II	72
Anexo C – Contos utilizados na sequência didática	75
APÊNDICES	85
APÊNDICE A – Caderno Pedagógico.....	86
APÊNDICE B – E-book	118

PALAVRAS INICIAIS

O ato de ler envolve interação. E, nesse processo, a leitura se manifesta por meio de diálogo entre sujeitos, uma vez que em todo texto existe um autor. Isso implica dizer que há uma conexão entre o leitor e o texto, de modo que neste último são expressas visões de mundo a partir de um determinado contexto social e histórico. Nessa perspectiva, ler é também reagir ao texto, interagir e dialogar com ele, lançando mão de uma leitura crítica como possibilidade de o leitor constituir-se como sujeito capaz de ampliar sua capacidade de exercício da cidadania, atribuindo novos sentidos ao texto lido.

Considerando a importância do desenvolvimento e fortalecimento de hábitos de leitura no espaço escolar, o trabalho com atividades que envolvam a leitura de textos literários deve se configurar como uma prática contínua em sala de aula. E para que esse momento seja de fato significativo, possibilitando ao aluno assumir uma atitude crítica diante do que se lê, o professor deve buscar textos que aproximem o aluno de sua realidade, abrindo espaço em sala de aula para que a turma exponha sua opinião e reflita sobre diversas questões presentes ou não no texto, envolvendo uma análise baseada tanto nos aspectos explícitos, e, principalmente, nos aspectos implícitos do texto literário. Ou seja, é importante que o aluno não se limite às informações explícitas no texto, e sim transponha essa tarefa, fazendo relações com seu próprio universo cultural.

A partir dessa concepção e refletindo sobre a realidade de muitas escolas, é pertinente destacarmos que, no contexto escolar, embora a leitura e a escrita sejam práticas contínuas em aulas de Língua Portuguesa, há uma parcela significativa de estudantes que, quando são submetidos a uma atividade desse tipo, tendem a demonstrar certa dificuldade em expressar-se oralmente ou por escrito e apresentam pouca habilidade na compreensão de textos literários.

Diante disso, é urgente a necessidade de repensar a formação leitora dos estudantes proporcionando-os práticas de leitura e de escrita mais motivadoras e produtivas. Outro fator que temos observado é o pouco ou quase nenhum uso de textos literários do gênero *conto* em livros didáticos (LD) do ensino fundamental. Essa realidade foi perceptível quando analisamos alguns LD, em especial o livro do 8º ano da coleção “Se liga na língua” da Editora Moderna. Esse material de língua portuguesa foi selecionado por professores do município de Entre Rios - BA, em 2020, para apoiar sua prática educativa e dos estudantes por meio do Programa

Nacional do Livro e Material Didático (PNLD)¹, e nele é apresentada uma proposta de trabalho com textos de diferentes gêneros, porém, o *conto* não aparece em nenhuma unidade temática.

Além disso, muitas vezes os momentos de leitura de um gênero textual do tipo narrativo, como é o caso do *conto*, são utilizados de forma inadequada, com o fim específico de responder a questões objetivas presentes ou não no livro didático, apenas com o intuito de propor uma ação voltada para o cumprimento de avaliação quantitativa e protocolos de conteúdos programáticos, tornando as aulas desinteressantes para os alunos. Essa foi uma das razões que nos motivaram na escolha do gênero *conto*, pois, através de uma narrativa precisa, carrega em si marcas de personagens e acontecimentos que representam uma sociedade, ajudando os alunos a pensarem e refletirem sobre sua realidade e, quiçá, incentivá-los a uma mudança de atitude e de pensamento.

Tendo em vista essa realidade, compreendemos que não podemos trabalhar a leitura de textos literários com modelos de exercícios que limitam o estudante a apenas responder a atividades prontas, pois não o motivam a despertar o gosto pelo lúdico, pela arte, e relacioná-la com sua vida social, tampouco o tornam capaz de propor ou recomendar a leitura de uma obra ou texto para outras pessoas. Uma prática nessa perspectiva não contribui para o aperfeiçoamento da competência leitora e escritora do estudante; ao contrário, poderá desencorajar o aluno, limitando sua atitude criativa e tornando-o menos confiante para realizar a leitura de um gênero literário, assim como não o motiva a produzir textos em sala de aula ou fora dela.

Convém realçarmos que a apreciação por atividades que buscam aproximar os estudantes do universo literário, emergiu, também, a partir de inúmeras inquietações e reflexões oriundas da atuação como professora de Língua Portuguesa. Ao longo de vinte anos de trabalho no cenário educacional, foi possível observar as dificuldades que muitos estudantes enfrentam ao se deparar com textos escritos e, ademais, ao serem submetidos à condição de leitor que, evidentemente, precisa interpretar aquilo que lê. De acordo com a realidade que experienciamos, é necessário que os professores ofereçam aos estudantes materiais escritos que sejam interessantes para eles e que despertem sua curiosidade, pois, ao contrário, incorrerão ao risco de apenas cumprir protocolos de conteúdos programáticos, tornando as aulas sem significados e desinteressantes para os alunos. Se por um lado, não se formam bons leitores sem

¹ O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) foi criado em 1985 pelo Governo Federal e compreende um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica do País.

que eles tenham contato com textos literários. Por outro lado, não se formam bons alunos se não tiverem acesso a aulas que tenham sentido para eles.

No fluxo dessa discussão, é bem verdade que nós professores devemos investir, continuamente, em nossa formação profissional, aproximando-nos das possibilidades de compreender a prática docente à luz dos conhecimentos teóricos. Por isso, importa tomar uma perspectiva que todo professor deve investir na formação acadêmica, primando pelos estudos, como forma de melhorar sua prática pedagógica e a qualidade do ensino ofertada na educação básica.

Nessa linha de reflexão, não há como dispensar o papel colaborativo do PROFLETRAS, que se configura como instrumento de incentivo à formação continuada de professores da área de Letras. É um importante programa que contribui com a ampliação de práticas voltadas para o ensino, capacitando profissionais como pesquisador, com condições, inclusive, de interferir na realidade da sala de aula, por meio de um projeto de intervenção pedagógica.

Ao refletirmos sobre esses pontos, nos remetemos aos seguintes questionamentos: Qual lugar o texto literário ocupa no dia a dia dos estudantes do Ensino Fundamental? Como podemos unir a leitura de *contos* às possibilidades criadoras de um texto escrito?

Para responder a estas perguntas, o ponto de partida é planejar um trabalho que contribua para ampliar a experiência de leitor dos estudantes. E aqui sugerimos a proposta de leitura literária com os *contos* “Um apólogo”, de Machado de Assis; “A moça tecelã”, de Marina Colasanti; “Natal da Barca”, de Lygia Fagundes Telles; e “Uma galinha”, de Clarice Lispector. Ficou evidente neste trabalho, que tais *contos* permitem desenvolver no estudante a capacidade de fazer uma leitura dinâmica dos textos, aproximando-os de seu contexto de vida, visto que mesmo que os *contos* tenham sido publicados em momentos histórico-culturais diferentes do atual, as situações e os conflitos se colocam próximos de nossa experiência de vida, além de terem uma linguagem acessível ao público do ensino fundamental - anos finais.

Desse modo, estão integradas nesta pesquisa de intervenção a prática da leitura e da oralidade por meio do estudo de *contos* e da produção textual de resenhas literárias, buscando tornar os *contos* reconhecíveis e reconhecidos pelos estudantes. Nossa intenção é encontrar caminhos para desenvolver um trabalho que tenha o intuito de ampliar o contato dos estudantes com o gênero *conto*, a fim de ajudá-los no desenvolvimento da compreensão leitora, conduzindo-os a interagir com os valores expressos no texto literário, tomando uma posição, ou seja, respondendo ao texto por meio de novas ações. Esse é o papel que a literatura provoca no leitor, se o trabalho for mediado por um planejamento organizado e dentro de uma sequência

de atividades que permitam ao estudante participar integralmente de seu desenvolvimento, gerando sentidos e significados para ele.

Este trabalho visa, portanto, difundir “uma prática que tenha como sustentação a própria força da literatura, sua capacidade de nos ajudar a dizer o mundo e a nos dizer a nós mesmos” (COSSON, 2021, p. 46). Assim, compreendemos que o acesso aos *contos* selecionados, permitirá desenvolver a humanização nos educandos, na perspectiva de conduzi-los ao prazer do texto literário e sua fruição.

A escolha do gênero *conto* se consolidou devido a uma experiência no trabalho docente desenvolvimento anteriormente na escola, na qual, foi observado o pouco conhecimento dos alunos com relação ao gênero conto e seus efeitos de sentido. Frente à escolha pelo gênero, selecionamos os contos, por apresentarem temáticas reveladoras da natureza humana, apontando conflitos e dramas, e, ao mesmo tempo, despertando a capacidade de superação nas personagens protagonistas. A partir da leitura do texto, os pretensos leitores compreenderam que, mesmo diante das dificuldades vivenciadas no dia a dia, temos a possibilidade de ressignificar a nossa vida, mantendo a fé e a crença de que tudo pode ser diferente quando nos propomos a melhorar nossa história.

Após definições da temática desta pesquisa e do gênero literário a ser trabalhado em sala de aula, começamos a fazer uma busca por produções acadêmicas que evidenciassem práticas de leituras voltadas para o estudo dos *contos* literários, nos repositórios do PROFLETRAS, em especial da Universidade Federal de Sergipe (UFS), alinhados ao campo de atuação do Professor Doutor Alexandre de Melo Andrade. A exemplo, temos:

- O espaço nos contos de Antônio Carlos Viana: do texto escrito ao vídeo criativo por estudantes do 9º ano do ensino fundamental, 2021, defendido por Sarah Regina Santos dos Reis, pela Universidade Federal de Sergipe.

- A literatura de Clarice Lispector nas aulas de língua portuguesa: o conto Felicidade clandestina e a produção de doc-filme numa turma do 9º ano, 2021, defendido por Nataniel Bezerra da Costa Hora, pela Universidade Federal de Sergipe.

- Leitura de Contos: uma experiência literária no ensino fundamental, 2016, defendido por Nilson Fernandes dos Santos, pela Universidade Federal do Pará.

- O conto: da leitura à produção criativa, 2016, defendido por Sara Maria Fonseca da Mota, pela Universidade Federal de Sergipe.

Ao realizar essa busca em repositórios acadêmicos, constatamos que existe um número reduzido de produções acadêmicas com ênfase na escrita de resenhas literárias. Assim,

compreendemos que com esta pesquisa, além de colaborar com o ensino de literatura no país, podemos ajudar a compor a biblioteca da UFS com a submissão de uma prática que traça o alinhamento do conto com o gênero textual resenha literária, resultando em um trabalho que busca promover a indicação de leitura de contos aos novos leitores.

Nesse caminhar, é pertinente realçar que o trabalho com textos literários, proposto no escopo desta pesquisa, está circunscrito à linha de pesquisa do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Leitura e Produção Textual: Diversidade Social e Práticas Docentes, a qual ratifica a necessidade de se trabalhar o gênero literário na sala de aula da educação básica. Optamos por dar ênfase a uma metodologia que traduza as contribuições obtidas no âmbito das disciplinas cursadas na pós-graduação. A escolha por uma proposta que considere as diferentes leituras e vieses teórico-práticos resulta de uma busca cuidadosa que prima pela intersecção de diálogos realizados em disciplinas como Literatura e Ensino; Ensino da Escrita, Didatização e Avaliação; Texto e Ensino; e tantas outras que têm seu mérito por ter colaborado com a tessitura deste trabalho.

Na perspectiva de atender a esse propósito, selecionamos como objetivo geral: “Apresentar uma proposta de intervenção a partir do estudo de *contos* literários no intuito de ampliar as possibilidades de aprendizagem e de humanização nos estudantes, com ênfase nas práticas de leitura literária e de escrita de resenhas.” Para alcançar esse objetivo, elencamos de forma específica os pontos que seguem:

- ✓ Organizar atividades didático-pedagógicas utilizando o gênero conto, com vistas a perceber nele um texto literário capaz de promover a formação de sujeitos críticos que refletem e agem sobre a realidade na qual estão inseridos;
- ✓ Reconhecer a literatura como instrumento que proporciona ao sujeito a compreensão de si próprio, em relação às formas de agir diante da aquisição do conhecimento e seu uso nas suas variadas formas, contextos e relações estabelecidas socialmente.
- ✓ Fomentar a leitura literária como estratégia de ensino para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à leitura, interpretação e produção de texto.
- ✓ Compreender a importância da produção de resenhas como apoio para a escolha de textos literários.
- ✓ Mobilizar professores a desenvolverem práticas de leitura literária em aulas de Língua Portuguesa tendo como suporte o Caderno Pedagógico (CP).

As atividades desenvolvidas durante o processo da pesquisa-ação foram consolidadas em uma sequência didática (SD), composta por doze aulas e organizada em quatro módulos, com o objetivo de promover a formação leitora de estudantes do 8º ano do ensino fundamental, a partir da leitura e da reflexão de contos, a fim de fomentar o prazer pelo texto literário e ampliar seu repertório de leitura e de escrita por meio da produção de resenhas literárias.

Como perspectiva teórica da pesquisa, toma-se por base as seguintes abordagens: no que tange às noções de compreensão leitora, temos Solé (1998) e Leffa (2012); em relação ao processo de escrita em sala de aula, consideramos Passarelli (2012); para fortalecer nossas discussões acerca da literatura, temos algumas ideias defendidas por Cosson (2021), Candido (2011), Todorov (2009) e Barthes (2015); e para discutirmos sobre o gênero textual *conto*, consideramos conceitos trazidos por Cortázar (2006), Gotlib (2004), Piglia (2004) e Moisés (2006). Todo o aparato teórico selecionado serviu como recurso para análise e investigação da pesquisa, permitindo-nos observar as ações dos participantes, bem como ofereceu suporte que serviu de base para evidenciar a função da literatura e as múltiplas sensações que ela pode proporcionar ao indivíduo.

O presente relatório tem como propósito apresentar as etapas de planejamento e realização da pesquisa e as conclusões que chegamos após implementação da SD e análise dos resultados. Assim, este trabalho estrutura-se da seguinte forma:

- na seção I estão dispostas as considerações teóricas, divididas em cinco subseções, nas quais dialogamos sobre a compreensão leitora; a produção de texto escrito em sala de aula; literatura, humanização e ensino; o gênero literário conto; e o gênero textual resenha.

- a seção II vem trazendo a metodologia, distribuída em quatro subseções: a primeira realça uma breve consideração da pesquisa-ação, situando o leitor sobre a caracterização da proposta; a segunda apresenta informações sobre a escola e os sujeitos da pesquisa; a subseção seguinte define o *corpus* da pesquisa; na última subseção são trazidos os aspectos metodológicos da pesquisa-ação com a explanação das atividades que integram a SD.

- na seção III estão presentes a apresentação da proposta de pesquisa e discussão dos resultados das produções dos estudantes, sendo assim organizadas: na primeira subseção avaliamos a resposta do questionário inicial aplicado à turma; na segunda subseção evidenciamos as análises da participação dos alunos nas aulas iniciais da SD, com foco no conto de Machado de Assis; na terceira subseção mostramos como se configurou os resultados do trabalho com os contos literários das autoras Marina Colasanti, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles; na subseção quatro avaliamos a participação dos estudantes na produção das

resenhas literárias; e na última subseção são analisadas as respostas do questionário final, a partir de gráficos e tabelas.

- na seção IV são destacadas as considerações finais, nas quais estão descritas as conclusões obtidas por meio da pesquisa e perspectivas para a replicação da proposta em aulas de língua portuguesa.

Por tudo isso, apresentamos os resultados desta pesquisa de intervenção que investigou o interesse dos estudantes por leitura de textos literários, propondo um trabalho mediado através de leituras de *contos* que evidenciam temas que levam os alunos a refletirem sobre sua realidade e sobre o mundo a sua volta. A intenção aqui expressa é que os estudantes, após o contato com os *contos*, possam identificar as informações composicionais dos textos, investigar os elementos das narrativas e ampliar seu repertório de leitura literária, enriquecendo-se do prazer ao ler um texto e interagir suas impressões com os outros. Após realizadas a leitura, o estudo e as discussões dos *contos*, foi proposta aos estudantes a produção escrita de resenhas literárias, buscando atender a uma atividade de intervenção pedagógica que culminou com a publicação dos resultados em murais da escola e na produção de um livro em formato digital, e-book. Com a pesquisa realizada, chegamos à elaboração de Caderno Pedagógico, presente no apêndice A deste material.

Entendemos que este trabalho será de grande relevância para as aulas de Língua Portuguesa, servindo de apoio aos(as) professores(as) e pesquisadores(as) da área, como sugestão para ampliarem as possibilidades de uso de resenhas literárias em sala de aula, bem como no planejamento de propostas voltadas para um ensino inovador que motive os estudantes ao gosto e prazer pela literatura. A pesquisa por nós empreendida pode encaminhar para o aprimoramento de práticas literárias no ensino de língua portuguesa, contribuindo, assim, para o debate sobre o papel da literatura na forma crítica, humana e cidadã de nossos estudantes.

1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

1.1 Compreensão leitora

A educação tem suas bases de sustentação na legislação que normatiza o ato educativo e toda sua estrutura administrativa e pedagógica. Como um documento integrante da política educacional nacional, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) visa orientar os sistemas, as redes e as instituições de ensino na elaboração dos seus referenciais curriculares, bem como na organização do currículo escolar. No âmbito das normativas da BNCC (2018) estão contidas orientações e subsídios didáticos e pedagógicos, propondo contribuir com as

redes de ensino das escolas públicas e particulares do Brasil, no processo de elaboração e adequação de seus currículos e propostas pedagógicas, à luz das singularidades de cada realidade. Nesse documento normativo, o termo “competência” é definido como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores importantes para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2018, p. 9). Em vista disso, a BNCC (2018) cita habilidades para o desenvolvimento da competência leitora, sendo elas as que seguem: reconhecer; identificar; agrupar; associar, relacionar; generalizar; abstrair; comparar; deduzir; inferir e hierarquizar a partir do texto.

Para complementar nosso estudo sobre o sentido da compreensão leitora, destacamos Leffa (2012), quando relaciona quatro competências necessárias para a construção do sentido, são elas: 1. tradução do código; 2. montagem de quebra-cabeça, 3. evocação do saber construído; 4. planejamento de estratégias.

A primeira competência proposta é a tradução do código. E para isso acontecer, o leitor precisa reconhecer a língua, partindo do pressuposto de que ler é muito mais que decifrar códigos, envolve diversos procedimentos perceptuais, motores, cognitivos, afetivos, discursivos e linguísticos. A segunda competência é a montagem de quebra-cabeça e corresponde à conexão do texto quanto à estrutura composicional, ao estilo e ao conteúdo temático, ambos precisam dialogar.

Já a terceira competência trata da evocação do saber, a qual enfatiza o reconhecimento de mundo do leitor, os saberes constituídos que serão acionados e determinantes para desenvolver a compreensão leitora. Finalmente, a quarta competência evidencia o planejamento estratégico do leitor, e neste ponto entra o papel fundamental do professor, através de perguntas estratégicas que levem o aluno à reflexão. Segundo a autora, o processo de compreensão leitora precisa evidenciar três aspectos: o texto, o leitor e a intervenção pedagógica.

Souza (2015) propõe uma quinta competência, a interpretação como potencializadora no processo da compreensão. E nas palavras de Leffa (2012),

Vê-se a interpretação como uma atividade consciente, que, ao mesmo tempo em que alimenta a compreensão, sugerindo possíveis conexões, também se alimenta, cresce e se desenvolve a partir dela, explorando as conexões que já existem, pelo menos como potencialidade. A compreensão, por outro lado, é vista como uma camada subterrânea, invisível e impregnada de conexões possíveis. Usando uma metáfora, podemos dizer que a compreensão, embora esteja situada abaixo do nível da consciência, reúne a força, a energia e a fertilidade do húmus que faz brotar a atividade consciente da interpretação (Leffa, 2012, p. 267-268).

É preciso, portanto, que o trabalho desenvolvido pelo professor seja planejado de forma que atenda à realidade de mundo dos alunos, e, a partir daí, eles estabelecem relações com os novos conhecimentos. Sobre esse aspecto, Geraldi (1984) apresenta estratégias para o professor trabalhar leituras de textos em sala de aula, evidenciando a necessidade de identificação do leitor com o texto, assim a leitura ganha significado e transforma o ato de ler prazeroso. O autor evoca questionamentos ao professor, dizendo “como incentivar com textos desligados da realidade dos alunos? Como lhes ser úteis com textos que nada lhes dizem?” (Geraldi, 1984, p.55).

Solé (1998) corrobora com essa ideia e mostra que o professor exerce um papel fundamental ao planejar de maneira eficaz as leituras e estratégias com a finalidade de levar o leitor a compreender o texto lido. Esses textos precisam estar relacionados com o que interessa ao leitor, a leitura precisa ser significativa e ter um objetivo claro para motivar e despertar no aluno o prazer, e, dessa forma, chegar à compreensão do texto lido.

É preciso planejamento sequenciado para o aluno chegar à compreensão do texto, e essa é uma tarefa do professor, que deve sempre se perguntar “Como ensinar a ler esses textos? É possível didatizá-los sem perder seu caráter múltiplo, simultâneo e não linear?” (Rojo & Moura, 2012, p. 176). Nessa perspectiva, os autores reforçam a ideia de que o trabalho com leitura deve ser orientado pelo professor em um processo de interação autor-texto-leitor-contexto, o qual contribuirá para a formação do leitor proficiente.

Após refletirmos sobre os processos que envolvem a leitura, vejamos adiante abordagens relativas ao texto escrito, com orientações a ser trabalhado em sala de aula.

1.2 Produção de texto escrito em sala de aula

Como uma das modalidades de uso da língua, a escrita cumpre um papel importante no contexto social. Ela está presente em inúmeras atividades desempenhadas pelas pessoas, como por exemplo, no trabalho, na vida social, no ambiente familiar, em tantas outras situações que envolvem participação de sujeitos. Dessa forma, é evidente que no contexto escolar o tratamento dado à escrita precisa ser mediado por um planejamento que privilegie a produção de textos como processos e “[...] trabalhar o processo de escrita exige do professor uma capacidade de ajudar seu aluno a utilizar, inventar e/ou adaptar as estratégias produtivas de criação textual.” (Passarelli; Cintra, 2011. p. 97).

Passarelli e Cintra (2011) destacam que analisar e produzir textos diversos geram uma oportunidade para que o professor repense o ensino de produção textual, valorizando práticas

pedagógicas que apresentem a linguagem em uso, como é o caso do trabalho com gêneros textuais. Isso quer dizer que, por meio do trabalho com *contos*, mediados pela proposta de produção de resenha literária, o professor poderá, se bem planejadas, desenvolver atividades que aproximem o aluno de um repertório de escrita que tenha sentido e que desperte nele o gosto por produzir textos escritos. Compreendemos que a partir de um estudo realizado sobre os *contos* e do envolvimento dos estudantes no projeto, eles terão a capacidade de produzir resenhas literárias mediadas pelas orientações da professora, visando a escrita de um texto claro, envolvente e capaz de despertar o gosto de outros estudantes por *contos* literários.

Dessa forma, o aluno terá condições de redigir textos coerentes, inclusive haverá a preocupação em melhorar cada vez mais o seu texto, para torná-lo mais acessível ao entendimento do seu interlocutor. Sobre uma abordagem de feedback à produção escrita, Soares (2009) sugere que o processo de produção poderá acontecer em três etapas, a saber:

i) *pré-escrita*: refere-se às ideias que colaboram para que o escritor organize e planeje como se dará a escrita de seu texto;

ii) *escrita*: quando ocorre o registro no papel das ideias e informações elaboradas pelo autor;

iii) *pós-escrita*: inclui atividades de leitura e revisão das informações presentes no texto, bem como se concretiza a proposta de feedback escolhido pelo professor.

Isso posto, por meio de estudo teórico sobre o ensino e a avaliação do texto escrito, constatamos que, ao trabalhar a escrita com esse viés, o professor obterá avanços significativos no processo de ensino e aprendizagem, pois oferecerá aos estudantes um melhor entendimento sobre a escrita de textos, assim como poderá ajudá-los a escrever com menos resistência, aprendendo a articular as ideias com maior segurança.

De acordo com Passarelli (2012), quando o professor desenvolve um trabalho com gêneros textuais, baseado na análise e produção de sequências didáticas, promove possibilidades para que o estudante possa adquirir um melhor desempenho comunicativo. E trabalhar esse aspecto, numa perspectiva de escrita como processo, nos permite pensar em propostas de ensino, as quais desenvolvam no aluno a compreensão de que a atividade de produção escrita precisa contemplar etapas que sejam desenvolvidas até o produto final, ou seja, até o estágio de editoração, conforme preconiza Passarelli (2012, p. 181).

Essas abordagens precisam estar bem claras para os professores, porque ainda é recorrente observarmos nas escolas um trabalho de escrita como produto pronto e acabado, considerando uma primeira versão do texto do aluno, sem, contudo, propor maneiras de melhorar sua escrita.

Sobre esse aspecto, Passarelli (2012) afirma que:

Defendemos a perspectiva de que cabe ao professor assumir um papel de *incentivador e organizador* da produção escrita de seus alunos. Para isso, é preciso levar em conta uma proposta teórico-metodológica que considere o *processo da escrita*, descartando aquelas que trabalham tão somente sobre o texto acabado, ou seja, o texto *produto*. (Passarelli, 2012, p. 102).

Como parte do processo de produção textual, segundo Passarelli (2012), existe o momento de revisão no qual o autor inicia uma retomada do seu texto para verificar se as construções estão de acordo com as suas intenções, bem como observando se as ideias expressas estão claras e coerentes, adequando-as ao destinatário-leitor. A atividade de escrita torna-se uma atividade interativa de manifestação verbal de alguém para outra pessoa. (Antunes, 2009).

Após a fase de produção escrita do aluno, é chegado o momento em que o professor poderá propor um trabalho voltado para a avaliação do texto. O professor deve possibilitar práticas de escrita em sala de aula como processos a serem vivenciados e qualificados pelo próprio aluno, escritor do texto, e dele com os outros leitores colaboradores, como o colega e o professor, utilizando processos que contribuam para a construção do texto editável.

Nessa etapa, é importante que o professor sugira ao aluno fazer uma autocorreção do texto, observando os elementos que não podem faltar em uma resenha literária com foco no texto narrativo, lançando mão de indagações e reflexões sobre o que poderia ser colocado no primeiro momento da escrita. Ao propor uma nova etapa da sequência didática, na perspectiva de produção escrita, o professor poderá fazer uso de outras técnicas para estimular o aluno a fazer revisões ao seu texto, a fim de melhorá-lo continuamente. Dentre essas técnicas, temos o *feedback* vindo dos colegas, o qual consiste em uma proposta que permita aos alunos participarem de uma conversa dialogada, desenvolvendo as habilidades de analisar e revisar sua escrita e a escrita de seus colegas.

Nesse contexto, o *feedback* do professor tem um papel fundamental, pois oportuniza ao aluno interagir com o seu próprio texto, num processo reflexivo, com o objetivo de tornar o texto mais claro e adequado à leitura, isto é, à situação de interlocução, optando por ajudar o aluno a reformular a frase sem dar ênfase a erro pontual.

Todas essas são possibilidades lançadas ao estudante como forma de ajudá-lo a identificar problemas de escrita de forma independente, por meio da autocorreção quando ler e reler seu próprio texto, fazendo intervenções importantes, ora com o papel de leitor, ora como escritor. Assim, como forma de entendimento sobre a importância do trabalho com *contos* literários, na subseção 1.3, trataremos das abordagens teóricas acerca da literatura e sua contribuição ao ensino de Língua Portuguesa.

1.3 Literatura, humanização e ensino

Durante muito tempo o ensino da literatura esteve centrado na estrutura da obra, configurando-se como um modelo redutor de apreensão do literário. Esse olhar passou a considerar apenas o sentido estrutural da obra e não sua relação com o contexto social e com o papel que a história desempenha na sociedade. A abordagem da literatura como sistema de obras, considera aspectos característicos de autores e obras, importando tão somente os conhecimentos de natureza histórica, estética e social do período em que tais obras foram escritas. Nesse percurso, surge na obra de Antonio Candido “A literatura e a formação do homem” (1972), a abordagem que trata especificamente da função humanizadora da literatura, isto é, da capacidade que a literatura tem de confirmar a humanidade nos seres humanos. Para o pensador brasileiro, a literatura precisa ser considerada, sobretudo, “como força humanizadora; e não somente como sistema de obras” (CANDIDO, 1972, p. 806).

Nesse sentido, Candido (1975, p. 175) afirma ser a “literatura fator indispensável de humanização”, ou seja, a literatura permite que o leitor estabeleça um diálogo com o texto, empreendendo os sentidos que ele lhe causa. Essa noção de humanização se relaciona com o cotidiano do indivíduo, fazendo com que ele adquira seus próprios traços humanizadores. Assim, a partir da compreensão do texto literário, o indivíduo vai se constituindo em um processo de transformação, no qual sua relação com o mundo se torna enriquecedora, pois ele passa a contribuir com sua realidade, confirmando a proposição que Candido (1972) disse sobre a literatura, “exprime o homem e depois atua na própria formação do homem”. (Candido, 2002, p. 82)

Sobre esse aspecto, Candido (2011) parte de uma reflexão sobre o direito à literatura na obra “Vários escritos”, apontando os efeitos que a literatura pode causar indivíduo, partindo de questões que evocam os direitos humanos. Ele inclui, nessas abordagens, o debate acerca das desigualdades sociais, dos preconceitos e das injustiças na distribuição do direito. Em sua análise, essas diferenças ocorrem “[...] não por mal, mas porque quando arrolam os seus direitos não estendem todos eles ao semelhante” (Candido, 2011, p. 174-175). Nesse ponto, Candido (2011) refere-se ao restrito acesso das classes menos favorecidas à arte e à literatura, já que são elas consideradas pelo escritor como elementos essenciais para a humanidade.

Dentro desse contexto, a literatura é apresentada por Candido (2011) como um bem indispensável para a formação e constituição do ser humano. Apesar disso, o escritor apresenta a distinção entre “bens compressíveis” e “bens incompressíveis”, referenciando a literatura a este último. Assim, os “bens incompressíveis” correspondem às necessidades

básicas do ser humano e nessa categoria se enquadram a literatura e a arte, pois essa classificação “está ligada a meu ver com o problema dos direitos humanos, [...] isto é, os que não podem ser negados a ninguém”. (Candido, 2011, p. 175)

Essas reflexões tornam-se efusivas e nos levam a buscar atitudes que nos impulsionam a valorizar ainda mais a literatura, enquanto modalidade capaz de transformar e humanizar as pessoas. É urgente, portanto, a necessidade de inserir nas práticas de ensino o trabalho com a literatura, por meio do acesso a textos e obras literárias. Dito isto, reforçamos o poder da literatura como “bem incompressível” e instrumento indispensável de humanização. Nesse sentido, é ela (a literatura) que permite ao ser humano adquirir conhecimentos que o conduzem a perceber os problemas da vida, tornando-o “mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (Candido, 2011, p. 182). Dentro desse aspecto, o próprio Candido (2011) justifica:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (Candido, 2011, p. 177).

Essa noção de reconhecimento do valor da literatura como força humanizadora é, também, assumida por Todorov (2009), chamando a atenção para o tratamento à literatura concebido nas salas de aula, onde se privilegia, muitas vezes, a história da literatura por meio de um trabalho que considera o modo estrutural de uma obra. Tal postura leva em conta, apenas, uma discussão sobre a caracterização, contexto histórico da obra e biografia do autor, sem contato direto com as obras literárias. Todorov reforça o princípio de que essas abordagens podem ser utilizadas nas aulas de literatura, como meios de compreensão das obras e de seus sentidos e não como fins em si mesmos. (Todorov, 2009, p. 90). Assim, Todorov (2009) é bastante enfático e afirma:

É verdade que o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento. Portanto, para trilhar esse caminho, pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso o estudo desses *meios* de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu *fim*. (Todorov, 2009, p.31, grifo do autor).

Nessa perspectiva, a obra de Todorov, *A literatura em perigo* (2009), traz à tona reflexões acerca do ensino da literatura nas escolas e nas universidades, levando-nos à compreensão dos motivos pelos quais a literatura estaria em perigo. Algo pertinente sobre o título da obra de Todorov (2009) é demarcado por Caio Meira (2009, p. 10), em sua apresentação do livro, quando diz que a “literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública.” Segundo ele, a arte poética e ficcional deve ser apresentada por meio de sua capacidade de encantamento e de emoção, pois, contrária a essa atitude estaríamos sucumbindo a literatura a uma situação de perigo. Meira (2009) acrescenta que “o perigo está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária” (Meira, 2009, p. 10).

Assim, a literatura vai além do conhecimento estrutural de uma obra, ela permite ao leitor ampliar sua relação com o mundo e enriquecer suas experiências de vida. Nesse sentido, Todorov (2009, p. 23-24) nos ensina que

[...] a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

Todorov (2009, p. 32) reforça ainda que um “leitor não profissional” faz leitura de obras literárias não para dominar “método de ensino”, mas com o intuito de compreender melhor a vida, a relação entre o homem e o mundo. Esse aspecto é muito importante, pois é possível perceber nos escritos de Todorov (2009, p. 78) seu posicionamento por um trabalho em sala de aula que incite o leitor a pensar e formular tese, sendo um sujeito mais ativo diante daquele texto literário e do mundo.

De acordo com Candido (1972) e Todorov (2009), é importante dizer que a literatura tem o poder de ir além das conexões que o leitor pode estabelecer com seu cotidiano. Ela alcança os interiores daquilo que nos faz humanos, nos apresentando novas perspectivas sobre nossa visão de mundo. É nesse sentido que esta pesquisa se efetivou, buscando trabalhar a literatura, por meio de práticas de leituras literárias do gênero textual *conto*, consolidando em uma proposta que culminou na recomendação escrita dos *contos* lidos pelos alunos.

A escolha pelo *conto* se deu por se tratar de narrativas que evocam sentimentos variados no leitor e evidenciam temáticas que mostram elementos importantes para desenvolver a

humanização nos educandos, com a intenção de conduzi-los ao prazer do texto literário e sua fruição. Além disso o gênero *conto* detém uma narratividade e processos figurativos que ajudam na aproximação do leitor com o texto, permitindo-lhe identificar-se com a história lida. Isso ocorre porque o *conto* possui um forte apelo oral, uma vez que é de sua natureza a vinculação com a oralidade e com as realidades dos estudantes.

Assim, nesses textos os alunos podem expressar-se tanto por meio de sua escrita quanto por meio de diálogos nas aulas, possibilitando que discutam sobre diversos conhecimentos de mundo, exercitem a reflexão e a capacidade de lidar com os problemas da vida. A literatura tem esse poder à medida que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, para a sociedade e para o semelhante (Candido, 2011).

A literatura, portanto, é um instrumento de comunicação e interação social, e vem cumprir também o papel de ser expressão da cultura de uma comunidade. Dito isto, ratificamos a ideia de Cosson (2021), quando diz que o efeito de proximidade que um texto literário produz no indivíduo, é resultado de sua inserção na sociedade e reflete, ainda, sobre a maneira com que nos relacionamos com o mundo e com os outros. Ou seja, a obra pode causar empatia no leitor e desvelar alguns contextos de vida.

Nessa linha de compreensão, é necessário evidenciar a colaboração da normativa da BNCC (2018). Nela, a abordagem da literatura está presente no campo artístico-literário que traz como objetivo promover o contato dos estudantes com diversas manifestações artísticas, em especial as literárias. A perspectiva adotada pelo documento é que a formação do leitor literário aconteça por meio da função utilitária da literatura, na qual dê vez à dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, reforçando a ideia de que o leitor “seja capaz de implicar na leitura dos textos, de desvendar suas camadas de sentido, de responder às duas demandas” (Brasil, 2018).

Após a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), surge o Documento Curricular Referencial da Bahia (2020) – DCRB, no qual, em sua constituição, estão contidas as orientações sobre o ensino da literatura. Este documento reforça as cinco competências presentes na BNCC e integra o ensino da literatura no campo de atuação artístico-literário, o qual se refere “à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas.”, sugerindo, inclusive, o trabalho com o gênero literário *conto*.

Além disso, nesta pesquisa buscamos incentivar os alunos a perceber a literatura na perspectiva de fruição, que, segundo Barthes (2015), produz no leitor uma certa desestabilização, gerando um desconformismo com determinada realidade. Nesse aspecto o

autor evidencia que o texto de fruição cria no leitor certo desconforto e o coloca em estado de consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, fazendo-o entrar em crise em relação com a linguagem. (Barthes, 2015).

Tendo feito a exposição sobre o potencial formador da literatura para o ser humano, bem como suas contribuições ao ensino, fundamentadas, inclusive, nas legislações mais atuais, passaremos, a seguir, para as considerações teóricas sobre o *conto* e sua enfática importância para o universo do leitor.

1.4 O gênero literário conto

O ato de contar histórias faz parte do contexto das pessoas há muito tempo. O “contar” sempre foi um hábito natural do ser humano, seja para divertir ou para extrair lições de vida; qualquer que seja o propósito, a necessidade de contar histórias fez e faz parte do universo das pessoas como forma de dar sentido à própria vida e sua existência. Segundo Gotlib (2004), não se tem definido o início do *contar estória*, sobretudo, torna-se impossível identificar uma data que demarque seu surgimento. Para a autora, a hipótese que se tem nos conduz a tempos remotos, os quais antecedem a tradição escrita das histórias. Sabemos, pois, que as grandes histórias eram contadas oralmente e só depois passaram a ter o registro escrito. Nas palavras de Gotlib (2004, p. 5),

Aliás, sob o signo da convivência, a estória sempre reuniu pessoas que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para transmissão dos mitos e ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam ideias e... contam casos. (Gotlib, 2004, p. 5)

Sob o olhar de reconhecimento da importância do ato de contar histórias, percebemos a dimensão desta ação, quando observamos o resultado ao inventar histórias, ao narrar fatos fabulosos do imaginário das pessoas, os quais aproximam o leitor/ouvinte de sua realidade, fazendo-o refletir sobre sua vida. Nessa perspectiva, é possível depreender que esse movimento de narrar acontecimentos percorre gerações, acompanhando-as, de início, oralmente, e evoluindo para o registro escrito das histórias. É importante deixar claro que, como bem elucida Gotlib (2004, p. 8), “o contar não é simplesmente um relatar acontecimentos e ações”, vai além dessa classificação e envolve a característica do gênero textual *conto*.

O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. [...] Há, pois, diferença entre um simples relato, que pode ser um documento, e a literatura. Tal como o tamanho, *literatura*

não é documento. É literatura. Tal qual o conto, pois. O conto literário. (Gotlib, 2004, p. 8)

O *conto* também é apresentado por Massaud Moisés. Ele afirma que “O conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma unidade dramática, uma célula dramática, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação” (MOISÉS, 2006, p. 40). Devido ao caráter reduzido da narrativa, o *conto* não é um gênero simples de ser escrito e, por que não dizer, de ser compreendido. Sobre esse aspecto Moisés (2006) reforça que:

Para bem se compreender a unidade dramática que identifica o conto, é preciso levar em conta que os ingredientes convergem para o mesmo ponto. A existência de uma única ação, ou conflito, ou ainda de uma única “história” ou “enredo”, está intimamente relacionada com a concentração de efeitos e de pormenores: o conto aborrece as digressões, as divagações, os excessos. (Moisés, 2006, p. 41).

Assim, foi possível selecionar, dentre os diversos gêneros literários presentes no universo do leitor, o gênero literário *conto* devido a sua concisão, brevidade e precisão na arte de contar. Para Piglia (2004), a brevidade do conto não está relacionada ao seu tamanho ou volume de palavras, mas na maneira de revelar, em poucas linhas, a profundidade de uma narrativa que permite ao leitor compreender o mundo a sua volta e a si mesmo.

São muitas as memórias que podem ser ativadas pelo leitor quando lê um *conto*. Esse gênero literário, através de suas narrativas, expressa sensações pertencentes à condição humana como os sonhos, as dores, as aventuras e desventuras, as inquietações e tantos outros aspectos da natureza da humanidade, oferecendo ao leitor esse lugar privilegiado capaz de recuperar sua vivência e revelar uma história subjetiva, possibilitando-o confrontar acontecimentos da narrativa com sua realidade. Concordamos com Cortazar (2006), quando, ao se referir ao *conto*, o considera como “essa explosão de energia espiritual que ilumina repentinamente algo que vai além da pequena e às vezes banal história que conta” (Cortazar, 2006, p. 153).

Este escritor reforça a ideia de que o *conto* é capaz de expressar de forma breve e concisa a complexidade da vida humana. Para ele a estrutura composicional do *conto* se manifesta quando estão presentes “as noções de significação, de intensidade e de tensão” (Cortazar, 2006, p. 152). Dito isto, entendemos que a partir dessa tensão provocada no leitor, ele é convidado a prosseguir em sua leitura, a qual causa uma certa fuga da realidade ou como bem elucida Cortazar (2006, p. 153) uma “ruptura do cotidiano que vai muito além do argumento”.

De fato, o *conto* tem o poder de iluminar um mundo, uma realidade, se nos deixarmos envolver pela força de transformação que a literatura é capaz de provocar em nós. Quando nós

passamos a nos deleitar por uma narrativa impactante como o *conto*, permitimos ir além daquilo que está escrito, transpomos a história escrita e experienciamos viver de forma mais crítica, compondo um cenário que permeia entre o mundo imaginado e o mundo concreto.

Nessa lógica, o conto é revelado por Piglia (2004), por meio de duas teses. Na primeira tese ele evidencia que “um conto sempre conta duas histórias” (2004, p. 89). Uma delas é a história aparente e a outra é a história implícita. É nesse aspecto que encontramos o caráter grandioso do gênero, pois, ao final da narrativa, o contista surpreende o leitor com a revelação de uma história que está nas entrelinhas do texto. A outra tese faz alusão à história secreta, confirmando a ideia de que “a história é construída com o não-dito, com o subtendido.” (2004, p. 92). Para nós, ambas as teses colaboram para o entendimento do valor do conto, pois são elas que criam no leitor a expectativa de mobilizar seu imaginário, relacionando com o mundo conhecido por ele, por meio das conexões com sua realidade.

Para endossar essa assertiva, retomamos a Gotlib (1990), quando evoca que o *conto* apresenta, em uma de suas características, a narrativa de um acontecimento de interesse humano. A autora enfatiza que a construção de narrativas ocorre na perspectiva “de conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeito”.

Estas considerações sobre o efeito causado pelo *conto* são relevantes, pois, para Gotlib (1990), quando o contista inicia seu processo de escrita de histórias, ele precisa saber quais as impressões que deseja causar no leitor. Conduzir o leitor a refletir e até a agir sobre sua realidade, por meio da palavra escrita e os sentidos evocados pelo *conto*, é a mais clara manifestação da função da literatura, enquanto representação da humanidade. Nesse ponto, trazemos a ideia da literatura que tem a função não apenas de alegrar, mas também de desconfortar a estrutura do ser, fazendo com que o sujeito se sinta incomodado, inquieto e motivado a provocar mudanças em seu pensamento e transformar seu contexto de vida. Apresentamos, pois, na seção a seguir, informações importantes sobre o material escrito que fora produzido pelos estudantes, após leitura dos *contos*.

1.5 O gênero textual resenha

Segundo as autoras Ana Rachel Machado, Eliane Lousada e Lília Abreu-Tardelli (2004) a resenha é um gênero textual que apresenta informações centrais sobre os conteúdos do texto lido. Além disso, mostra o posicionamento do resenhista (o escritor que produz a resenha) sobre os aspectos do material lido, recomendando ou não a leitura da obra.

Para Medeiros (2014), a resenha é “um relato minucioso das propriedades de um objeto, ou de suas partes constitutivas”, a qual contribui para desenvolver a capacidade de síntese e interpretação do autor da resenha. Para ele, o que deve ser apresentado na resenha dependerá do objetivo que se tem, assim como do destinatário que se pretende atingir. Ainda, segundo o autor, existem alguns critérios que devem ser levados em consideração ao elaborar uma resenha, dentre eles, título e nome do autor da obra, data de publicação, o resumo da obra, uma apreciação do resenhista e a indicação da obra ao leitor.

Diante disso, ao propor o trabalho com resenha literária, buscamos dar vez a esses elementos a fim de ajudar os estudantes, iniciantes na produção desse tipo de texto, a sentirem-se seguros no momento da elaboração. Esse tipo de trabalho possibilita ao resenhista desenvolver a compreensão leitora e ampliar seu conhecimento de mundo, em um processo ativo de construção de sentido, que se configura entre o autor da resenha, o texto e o leitor.

Desse modo, a produção da resenha ajuda o estudante a buscar argumentos para expor suas apreciações sobre o texto e externalizá-los no papel, fazendo com ele esteja rememorando ações e emoções provocadas pela narrativa. Além disso, desenvolve a capacidade de sintetizar ideias, pois ele deverá selecionar as palavras para produzir sua resenha. Enfim, a resenha permite ao aluno assumir e expressar sua voz, de modo que ele saiba que essa voz será ouvida por alguém.

No âmbito do trabalho desenvolvido em sala de aula, neste projeto de pesquisa, foi possível observar a dificuldade que os alunos demonstraram ao iniciar sua produção escrita da resenha literária. Para que a atividade ocorresse de forma efetiva, foi necessária a mediação docente, a fim de auxiliar os alunos em suas dificuldades e inseguranças, quando se encontram diante de uma atividade escrita. Por isso, quanto mais oportunizarmos ao aluno o acesso a textos diversos, maior será sua capacidade leitora e escritora, ampliando, a bem verdade, seu potencial criativo e sua própria autonomia.

2. METODOLOGIA

2.1 A pesquisa-ação no ambiente escolar: definição e características

Esta pesquisa² caracteriza-se como uma proposta de investigação e intervenção no espaço escolar, utilizando-se de um planejamento de ações que visam à melhoria da prática de

² A pesquisa proposta nesta subseção foi apresentada na forma de comunicação oral intitulada “Leitura de contos e criação escrita: um convite à fruição literária” no IX Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino – ECLAE, 2023, realizado na Universidade Federal de Sergipe.

ensino, por meio de contos literários. Dessa forma, ela se constitui como uma prática seguida de reflexão e representa o caminho investigativo privilegiado em trabalhos dessa natureza. A elaboração e a aplicação da proposta pedagógica tem como norte a pesquisa-ação, que, apesar de apresentar caráter prático, deve ser organizada considerando-se também o caráter teórico. Nessa perspectiva, Thiollent (1985, p. 14), diz:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Sob esse viés, nesse tipo de pesquisa, a interação entre o pesquisador e os atores envolvidos na situação a ser investigada, tem um caráter social, uma vez que está qualificada como uma ação voltada para a busca de possíveis soluções aos problemas ou dificuldades reais.

Vejamos com mais detalhes os caminhos metodológicos utilizados para a concretização desta pesquisa-ação.

2.2 A escola e os sujeitos da pesquisa: algumas informações contextuais

Partindo de pesquisas sobre as contribuições dos textos literários para o ser humano e considerando uma proposta de sequência didática com a utilização do gênero *conto*, este projeto busca implementar um trabalho com foco na leitura, na reflexão e na escrita por meio de estratégias que possibilitem uma aproximação maior entre o leitor e o texto literário. O atendimento e implementação desta pesquisa, ocorreu em uma turma de 8º ano do ensino fundamental, no turno vespertino, da Escola Municipal Monteiro Lobato (doravante EMMML). A instituição de ensino está localizada no município de Entre Rios - Bahia. Os estudantes participantes da turma, possuem a faixa etária de 13 a 23 anos, dentre eles uma aluna de 22 anos com dislexia e um aluno de 23 anos com deficiência auditiva.

A EMMML atende a turmas do ensino fundamental e está localizada na Rua do Pará, 106, Bairro Palame, em Entre Rios, estado da Bahia. Ela funciona nos turnos da manhã e da tarde, sendo o matutino, destinado a estudantes de ensino fundamental do 1º ao 7º ano; e no turno vespertino, o atendimento ocorre em turmas do 6º ao 9º ano. A instituição é administrada pela Secretaria Municipal da Educação, que a considera como escola de médio porte. Atende a 352 estudantes que residem nos bairros mais próximos à escola, incluindo alunos oriundos do

campo, em quantidade menor. No quadro de funcionários, a escola possui 65 servidores, dentre eles estão 26 professores, 2 coordenadoras pedagógicas, 2 vice-gestores e 1 gestor.

Em relação à estrutura física, a unidade escolar possui 8 salas de aula, 1 laboratório de informática, 1 pátio coberto, 1 pequeno auditório, 1 cozinha, além da secretaria e sala de coordenação de atendimento a estudantes especiais. O prédio não dispõe de biblioteca ou, ao menos, sala de leitura. Os livros literários existentes na escola são oriundos do PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático), instituído pelo governo federal. Este programa é quem provê as escolas de educação básica públicas de obras didáticas, pedagógicas e literárias, assim como outros materiais de apoio à prática educativa.

A unidade escolar tem seu nome em homenagem ao ilustre escritor brasileiro, Monteiro Lobato. A inauguração da instituição se deu no dia 18 de abril 1978, dia e mês do aniversário dele. A escola possui um Projeto Político Pedagógico datado, em sua última versão, no ano de 2017. Entretanto, considerando que a reformulação prevista no documento é que sua atualização aconteça a cada biênio, esse instrumento encontra-se defasado. Há, portanto, a necessidade de inserção de propostas e legislações mais atuais no documento, pois, além de ser uma exigência legal expressa na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, permite a revelação da identidade da instituição, de suas concepções e de suas aspirações. No documento da EMMML estão definidas a natureza e o papel socioeducativo, cultural, político e ambiental da escola, bem como sua organização e gestão curricular, subsidiando seu Regimento Escolar, documento balizador das ações educativas.

Como informado anteriormente, a escola está situada no município de Entre Rios - Bahia, e por isso entendemos ser pertinente destacar algumas informações sobre a localidade.

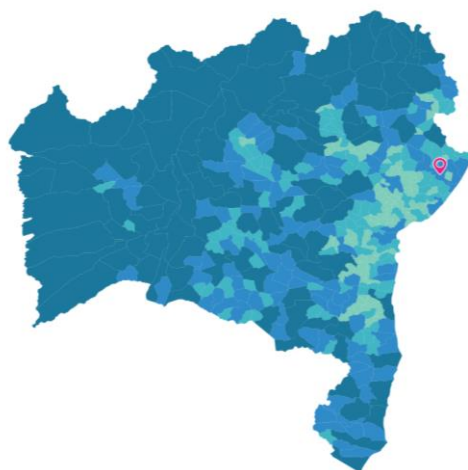
Entre Rios é um município do estado da Bahia, no Brasil. Criado oficialmente em 3 de abril de 1872 pela Lei 1.178, a cidade possui uma área de 1 215,29 quilômetros quadrados e densidade demográfica de 35,09 habitantes/quilômetro quadrado, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em 2021 a população estimada do município é de 42.014 habitantes.

Quando os primeiros navegadores europeus chegaram à região, no século XVI, o local era ocupado pela tribo tupi dos tupinambás. Nesse mesmo século, a coroa portuguesa concedeu sesmarias na região à Casa da Torre de Garcia d'Ávila. O povoado português inicial na região foi erguido junto aos rios Joanes, Itapicuru e Inhambupe, daí o nome "Entre Rios". No povoado, foi erguida a capela de Nossa Senhora dos Prazeres, que se tornou a Padroeira do município.

O município é formado por sua sede e pelos distritos Aguazinha, Sítio do Meio, Ibatuí, Lagoa Redonda e pelas praias de Subaúma, Massarandupió e Porto de Sauipe, além de outras

localidades situadas na zona rural. A cidade pode ser acessada pela rodovia BR-101 em direção a Aracaju (acesso ao distrito sede). Também pode ser acessada pela Linha Verde até o Palame, distrito de Esplanada, onde passará a usar a rodovia BA-400 até o distrito sede. Outro acesso, esse o mais típico junto com o primeiro, é feito a partir da cidade de Simões Filho, pela rodovia BA-093, passando por Dias d'Ávila, Mata de São João, Pojuca, Araçás até, finalmente, chegar ao distrito sede. Por suas belezas naturais, Entre Rios é um grande polo de turismo. As praias de Massarandupió, Subaúma e Porto de Sauipe são fortes atrativos de turistas na região. Abaixo está a localização do município de Entre Rios, dentro do estado da Bahia.

Figura 1: Localização do município de Entre Rios - BA



Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/ba/entre-rios/panorama>. Acesso em 10 de junho de 2023.

2.3 Composição do *corpus* da pesquisa

Com o intuito de desenvolver uma pesquisa de intervenção, que desperte a atenção e entusiasmo nos estudantes do 8º ano do ensino fundamental, em relação ao texto literário, alcançando os objetivos propostos nesta pesquisa, realizamos, a princípio, o estudo teórico sobre a literatura e sua função humanizadora. Após essa ação, buscamos selecionar os *contos* que fariam parte do *corpus* desta pesquisa. Essa seleção se deu a partir do prazer e fruição provocados pelos *contos* de autores selecionados, ao fazer a leitura de seus textos, alguns deles, inclusive, foram trabalhados na disciplina “Literatura e Ensino” do PROFLETRAS.

Além disso, foi pensando na qualidade das obras dos autores indicados que a escolha pelo gênero *conto* ocorreu, pois, por meio dos escritos ficcionais, o leitor é envolvido no texto ao ponto de transpor sua realidade, permitindo-lhe estabelecer relações entre o tempo das

narrativas e seu tempo atual. Nessa viagem, envolvida pela leitura de *contos*, os quais compõem a união do mundo concreto e do mundo imaginado, o leitor percorre uma aventura que ratifica o poder da literatura e sua utilidade, assim evocadas nas palavras de Antonio Candido (1989), quando afirma ser a literatura um direito de todos e a considera como bem incompressível, pois “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (Candido, 1989, p. 178).

Nessa perspectiva, como se pode constatar, o *conto*, com seu acontecimento preciso, possibilita ao leitor revisitar sua vida e imergir, também, na vida figurativa das personagens. Nos *contos* que compõem o *corpus* desta pesquisa, estão presentes temáticas que nos induzem à discussão sobre as relações entre as pessoas, permeadas, por vezes, pelo encanto e desencontros afetivos, pela ambição e individualismo, pelo trágico e, ao mesmo tempo, pela esperança e a fé, marcas essas inerentes à condição humana. Desse modo, estão integrados ao *corpus* desta pesquisa os *contos* que seguem: 1. “Um apólogo”, de Machado de Assis; 2. “A moça tecelã”, de Marina Colasanti; 3. “Natal da Barca”, de Lygia Fagundes Telles; 4. “Uma galinha”, de Clarice Lispector.

Para nós, não é exagero dizer que o conto literário revela histórias subjetivas dos leitores, percorre suas realidades, permitindo a eles darem o acabamento e a fruição à narrativa dentro de um movimento de diálogo com o texto. E nessa relação estabelecida entre texto e leitor, este último se posiciona e valora a história. É nesse sentido que o *conto* atravessa o leitor, que se reconhece em determinados personagens, transfigurando-se à sua própria imagem e refletindo sobre sua realidade.

Dito isto, é possível constatar essa atmosfera de sentido no *conto* “Um apólogo”, de Machado de Assis, publicado no livro *A cartomante e outros contos*, em 1884. Porém, anterior a ação de apresentação do conto, é importante destacar que esse escritor brasileiro nasceu em Chácara do Livramento, no Rio de Janeiro, no dia 21 de junho de 1839. Fez seus primeiros estudos na escola pública do bairro de São Cristóvão. Tornou-se amigo do padre Silveira Sarmento e o ajudava nas missas, mantendo contato com o latim durante os sermões da igreja. Ao completar 10 anos, perdeu sua mãe e, posteriormente, seu pai casou-se com outra mulher, em 1854. Sua madrasta trabalhava como doceira em uma escola e levava o enteado para assistir aulas. Durante as noites, Machado ia para uma padaria e aprendia francês com o padeiro. Muito interessado por leitura, nesse período ele já escrevia suas primeiras poesias. Sua carreira literária inicia aos 15 anos quando o jornal “Marmota fluminense” publica na página 3 o poema “Ela”. Durante sua vida, o autor, contista, cronista, romancista, poeta e dramaturgo escreveu para outros periódicos, também. Em 15 de dezembro de 1896, Machado de Assis, junto com

outros intelectuais e artistas, funda a Academia Brasileira de Letras, tornando-se o primeiro presidente da instituição. Em 29 de setembro de 1908, Machado de Assis morre no Rio de Janeiro sem deixar nenhum filho.

Durante sua vida como escritor, Machado de Assis participa de duas fases da literatura brasileira: a romântica e a realista. Atualmente, ele é considerado por alguns leitores e críticos, o maior escritor do Brasil, alcançando a admiração de muitos por sua inteligência e coragem ao evocar críticas à elite burguesa e refletir sobre a corrupção humana, além de outros temas.

Em se tratando do *conto* “Um apólogo”, de Machado de Assis, sua publicação é originalmente ocorrida na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, em 28 de novembro de 1884. Faz parte da coletânea de *contos* reunidos em *A Cartomante e Outros Contos*. Posteriormente, foi incluído no livro *Várias histórias*, em 1896. Esse *conto* apresenta uma narrativa que busca instruir lições de sabedoria, através de uso de personagens inanimados com personalidades distintas. A história é composta por um conteúdo que destaca o orgulho e a vaidade nos diálogos entre uma agulha e um novelo de linha. Nela, cada personagem apresenta seu argumento, mostrando sua devida importância no trabalho de coser de uma costureira, desejando o destaque e reconhecimento do outro, ao mesmo tempo em que desprestigia a função e utilidade de seu companheiro. Nesse texto, Machado de Assis, com uma genial destreza na escrita, revela a condição precária do homem que se mostra egoísta, vaidoso e orgulhoso, interrompendo o fluxo de uma relação que poderia ter sido produtiva e amistosa. Tanto a linha como a agulha, personagens principais do *conto*, são importantes e desempenham funções que se complementam. Porém, a partir do instante em que uma quer se sobrepor à outra, evidenciam-se sentimentos de melancolia na narrativa. O autor denuncia comportamentos humanos, por meio de uma escrita com propósito moralizante e realista. Desse modo, o sentido tocante do *conto* é conduzir o leitor a pensar sobre algumas atitudes do ser humano e, sobretudo, gerar uma mudança de atitudes de ordem moral e social.

O segundo *conto* selecionado para compor o *corpus* do projeto é “A moça tecelã”, de Marina Colasanti. Essa grande autora contemporânea nasceu em 26 de setembro de 1937, em Asmara, na Eritreia. Três anos depois, ela e a família se mudaram para a Itália. Somente em 1948, eles decidiram morar no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Assim, a escritora possui dupla nacionalidade: brasileira e italiana. Sua formação é em artes plásticas, trabalhando como jornalista, tradutora, além de atuar em programas televisivos e publicidade. Na literatura desenvolveu poesias, *contos*, crônicas e romances, escrevendo também para o público infanto-juvenil, sendo condecorada com prêmios importantes e com o reconhecimento da crítica e do público. Em 1968, Colasanti publica seu primeiro livro intitulado *Eu sozinha*. Suas obras são

caracterizadas pela presença de protagonistas femininas, realismo fantástico, crítica social e elementos referentes aos contos de fadas. Com uma carreira literária bem-sucedida, Colasanti já recebeu vários prêmios literários.

Em seu *conto* “A moça tecelã”, publicado em 2003, Marina Colasanti traz à luz temas relevantes ligados aos desejos e a autonomia feminina. Nesse texto primoroso, a autora consegue reproduzir uma atmosfera de conto de fadas, mostrando como podemos ser capazes de criar nosso mundo, motivando o leitor a construir uma nova realidade para sua vida diante da existência de aprisionamentos os quais o atrapalhem em sua evolução. A personagem da narrativa é uma mulher tecelã que, utilizando sua arte de bordar, passa a materializar seus desejos cotidianos ao ponto de tecer um homem para lhe fazer companhia. Porém, esse homem, que antes demonstrava atitudes cordiais e gentis com a tecelã, torna-se exigente ao ponto de obrigar à mulher a satisfazer todos os seus desejos, tornando-a subserviente às suas vontades e desvarios. Ao final do *conto*, Colasanti surpreende o leitor, ao exhibir uma mulher que enxerga a situação desfavorável vivida por ela e desfaz-se do nó, a figura do homem, que a aprisiona, assim como se liberta de toda tecitura outrora realizada.

O terceiro *conto* selecionado é de autoria de Lygia Fagundes Telles. Sob o título de “Natal na barca”, o texto foi publicado em 1958 e tem como tema a força da fé, a revelação de milagres, a vida e a morte. Nesse texto e em tantos outros, a nosso ver, Lygia está atenta às questões emocionais que uma produção literária pode causar no leitor. Fica parecendo que seu desejo é comover o leitor, alcançar sua sensibilidade e surpreendê-lo com textos que apontem para o caráter intimista das personagens. Nascida em São Paulo, em 19 de abril de 1923, Lygia Fagundes Telles foi a terceira escritora brasileira a integrar a Academia Brasileira de Letras. Durante sua produção literária, a autora de romances e *contos*, produziu muitas narrativas que tematizam histórias de vida e do cotidiano de diferentes mulheres, um tanto independentes, protagonizando suas obras. Ela, ainda adolescente, manifestou sua vocação pela literatura ao ser incentivada pelos amigos Carlos Drummond de Andrade e Érico Veríssimo. O marco inicial de sua carreira como escritora, se deu a partir da publicação do romance *Ciranda de Pedra*. Ela morreu em 2022, aos 92 anos.

O *conto* “Natal na barca” narra fatos que acontecem durante uma viagem de barca no dia em que é celebrado o Natal, data em que é comum rememorarmos, em clima fraternal, o nascimento de Jesus Cristo. No decurso da viagem, há um diálogo entre duas personagens: a narradora-personagem e uma mulher que segura seu filho nos braços. A mulher, envolvida por uma força sobrenatural, faz a travessia do rio em busca de uma solução para seu bebê que se encontrava doente. Com isso, o diálogo entre as personagens é estendido e a narradora mostra

ao leitor os dramas e os conflitos revelados por aquela mãe, experimentados em sua vida cotidiana. Os fatos vão se sucedendo até que a narradora-personagem observa que aquela criança está morta. Nesse momento a narradora entra em um estado de profundo abatimento e aflição. Tal qual foi a surpresa para o leitor quando é surpreendido com a expressão de alívio da mãe, ao perceber que o filho estava bem. Esse cenário nos apresenta uma relação do imaginário e do real, do humano e do divino. A mãe encontra-se aliviada e renova suas esperanças, ao perceber que seu filho já se encontra sem febre e saudável. Como característica das obras de Lygia, o desfecho do *conto* é envolvido de surpresa, em um clímax surpreendente, mobilizando o leitor a deixar fluir sua imaginação e chegar à conclusão daquilo que pode ter acontecido ao final da trama: milagre movido pelo sentimento de fé e força sobrenatural? Sonho? O inusitado ocorrido no *conto* sugere uma intervenção do divino. A transposição da morte para a vida, revelada por meio de uma semelhança com a cena da ressurreição de Cristo, a qual está expressa no Novo Testamento da *Bíblia Sagrada*, mobiliza sentimentos de fé e de esperança, naturais à condição humana. O *conto* nos mostra fatos e problemas relativos à vida social e evidencia a figura feminina como portadora da criação humana.

O quarto e último *conto* que fará parte da sequência didática é intitulado “Uma galinha”, de Clarice Lispector. A autora nasceu na aldeia de Tchetchelnik, na Ucrânia, no dia 10 de dezembro de 1920. Quando ainda bebê, seus pais mudaram para morar no Brasil, fixando residência em Maceió, Alagoas, onde morava sua tia, irmã de sua mãe. Por iniciativa de seu pai, todos mudaram o nome. Nascida com o nome de Haya Pinkhasovna Lispector, passou a se chamar Clarice Lispector. Aos 12 anos, Clarice mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, indo morar no Bairro da Tijuca e lá estudou e formou-se em Direito.

Como escritora, Clarice Lispector fez parte da “Terceira Geração Modernista” ou “Geração de 45” - época de renovação das formas de expressão literária na prosa e, principalmente, nos gêneros *conto* e romance. Em 1944, Clarice publicou seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, que retrata uma visão interiorizada do mundo da adolescência. Seu último livro publicado em vida foi *Hora da estrela*, em 1977, o qual evidencia a história de Macabéa, moça do interior que tenta viver na cidade grande. Em 1960, trabalhou no “Diário da Noite” com a coluna “Só Para Mulheres” e, nesse mesmo ano, lançou *Laços de Família*, um livro de *contos* que recebeu o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro.

O *conto* “Uma galinha”, de Clarice Lispector, faz parte de uma coletânea de treze *contos* de *Laços de família*, livro publicado em 1960, no qual a autora denuncia diferentes formas de aprisionamento dos indivíduos dentro de uma burguesia do Rio de Janeiro no período pós-guerra. No *conto* em estudo, a autora traz uma crítica à condição, muitas vezes, submetidas por

mulheres, que, diante de sua estabilidade financeira, se acomoda ao papel que desempenha, enquanto dona de casa. A metáfora sugere relacionar a imagem da galinha à mulher. A personagem do *conto*, a galinha, tem potencial para alçar voos, porém, vive presa a um ambiente sem perspectivas de mudanças. Dessa forma, existem realidades em que a mulher aceita viver uma rotina de apenas cuidar da casa e abandona seus sonhos, em prol do desejo e realizações de outras pessoas como filhos, marido e/ou outro membro familiar, ou até mesmo, em seu ambiente de trabalho. Sem um projeto de vida próprio, a mulher acaba se frustrando por alguma decepção vivida, por exemplo. O texto permite fazer reflexões sobre o papel da mulher na sociedade, pois, na narrativa, a galinha foi respeitada enquanto esteve cuidando do ovo, e depois, tudo volta à normalidade ao ponto de servi-la no almoço. Para além de uma história que mostra um almoço de domingo, o *conto* permite que façamos reflexões sobre o contexto social e as relações entre pessoas.

Após a abordagem sobre os elementos do *corpus* desta pesquisa, consideramos bem propícios os *contos* selecionados, uma vez que as narrativas ajudam os estudantes leitores a refletirem sobre sua vida e, indo mais além, pensar a vida em sociedade, afinal, a literatura exerce o papel humanizador. Nesse panorama fica, então, criado o “espaço de fruição” (BARTHES, 2019, p. 9), permitindo que o leitor se posicione na construção do significado do texto. De fato, “o texto que o senhor escreve tem de me dar prova de que ele me deseja. Essa prova existe: é a escritura. A escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem” (BARTHES, 2019, p. 11).

Sendo assim, o texto literário é capaz de desencadear a reflexão interna daquele que o lê, incitar questionamentos e mobilizar argumentos acerca dos acontecimentos sociais. A leitura de *contos* literários gera prazer e fruição, uma vez que os leitores se reconhecem em muitos personagens, promove uma experiência humana e revela uma história subjetiva do leitor. Está, portanto, lançado o convite à fruição literária.

2.4 Aspectos metodológicos da pesquisa-ação

Partindo da concepção de Schneuwly e Dolz (2004, p. 97), o termo sequência didática se refere a um “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. As sequências didáticas permitem integrar leitura, oralidade, escrita e análise linguística e discursiva e têm a finalidade de auxiliar os estudantes a se apropriarem dos gêneros textuais, permitindo que os conteúdos sejam abordados de forma planejada e organizada.

Ao trabalhar a sequência didática, o professor deve primar por uma organização pedagógica que valorize todo o processo de construção do conhecimento do estudante, tendo a possibilidade de replanejar ações, trilhando novos roteiros e, sobretudo, valorizando cada progresso e participação dos alunos. Dessa forma, a proposta de sequência didática não deve ser um planejamento pautado apenas no produto final, mas sua intencionalidade deve estar clara desde o processo inicial de sua efetivação até a conclusão. Ademais, devem ocorrer momentos de avaliação em todas as etapas de implementação da sequência didática, pois seu objetivo é ajudar o professor a realizar intervenções necessárias que busquem melhorias nas ações propostas.

Como marco inicial de nossa intervenção pedagógica, foi necessário que os estudantes participassem de uma pesquisa, por meio do preenchimento de um questionário, com o intuito de analisar as expectativas e necessidades da turma. A partir desse panorama, foi possível traçarmos os objetivos do projeto, reorganizando o planejamento e aproximando-o da realidade e interesse da turma. Além do questionário de sondagem inicial, ao final da sequência didática, aplicamos um novo questionário que serviu de base para avaliarmos os resultados desta pesquisa. Assim, ambos instrumentos foram utilizados como indutores de reflexão e de planejamento, em vista de produzir novos conhecimentos.

Nessa linha de perspectivas, para a apresentação da sequência didática que elaboramos, especialmente no módulo II, esta pesquisa baseia-se na adaptação da proposta de Cosson (2021), ao levar em conta um trabalho voltado para a sequência básica do letramento literário. Essa sequência é constituída por três etapas que se complementam e fazem parte do processo de leitura, são elas:

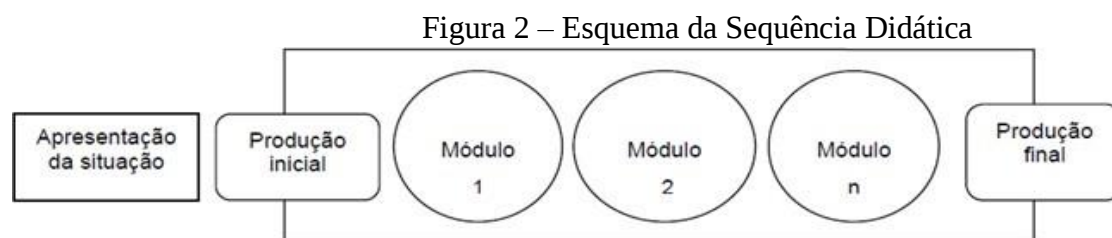
A primeira delas é a *antecipação*. Nela são estabelecidas as conexões realizadas pelo leitor antes de adentrar no texto. Segundo o autor, estão contidas nessa fase as observações dos elementos que compõem a materialidade textual, como capa, título da obra, número de páginas.

A segunda etapa, a *decifração*, se concretiza ao ter acesso ao texto literário por meio das letras e das palavras. Para Cosson (2021), quanto maior a familiaridade e domínio do leitor à prática da leitura, melhor será seu entendimento ao texto lido.

Já a última etapa desse ciclo, diz respeito à *interpretação*, que está atrelada às relações estabelecidas pelo leitor ao ler e processar um texto. Nesse estágio, o processamento das informações acontece por meio das inferências que conduzem o leitor a interpretar as palavras de acordo com sua visão de mundo. Assim, “interpretar é dialogar com o texto, tendo como limite o contexto.” (Cosson, 2021).

Assim, no decorrer da sequência didática aqui proposta, vão sendo sistematizadas estratégias de ensino, as quais contemplam a elaboração espontânea de etapas de um trabalho que incentiva estudantes do 8º ano do ensino fundamental a desenvolver a compreensão leitora, a partir da análise e reflexão de *contos* literários. Buscamos contemplar percursos didáticos que ajudem a turma a desenvolver o prazer por *conto* literário, ao ponto de fazer relações com sua vida pessoal e em sociedade, tornando-se capaz de questionar sua realidade e atuar de forma mais ativa em diferentes ambientes de convivência. As propostas das atividades contidas nesta produção escrita, visam ampliar o contato dos estudantes com a literatura, para além das práticas usuais, e possibilitar, no decorrer da pesquisa, construir uma comunidade de leitores em sala de aula.

A estrutura de base de uma SD é constituída pelos seguintes passos: apresentação da situação, produção inicial, módulos de atividades (quantos necessários) e produção final, como demonstra o esquema abaixo:



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.98).

Assim, à luz do que diz Schenuwly e Dolz (2004, p.97), “uma sequência didática tem precisamente a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais coerente numa dada situação de comunicação”. Ela prevê atividades articuladas em modos de organização por etapas. E, por extensão a essa assertiva, apresentamos a seguir a SD desenvolvida como forma de legitimar esta pesquisa.

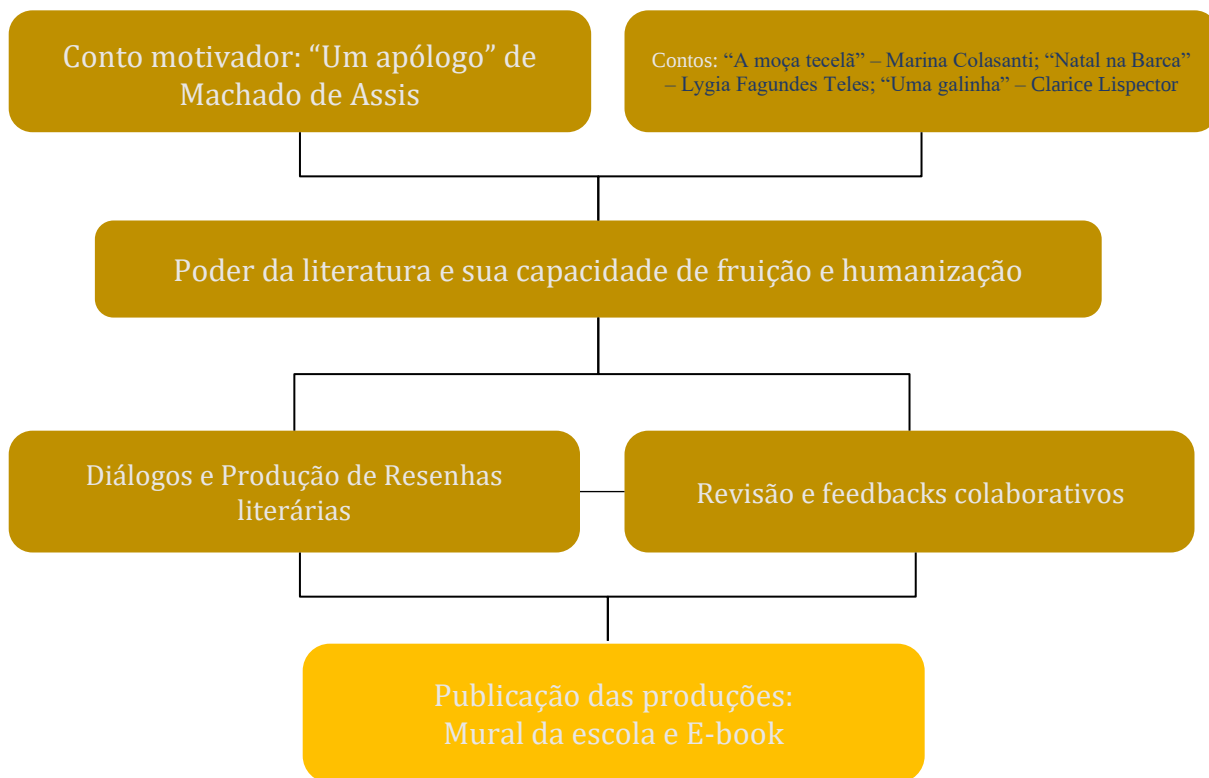
2.4.1 Apresentação da sequência didática

Esta pesquisa de intervenção³ constitui-se por quatro módulos, sendo organizados por doze aulas que seguirão apresentadas por etapas, em quadros de nossa autoria. Visando

³As etapas que compõem esta seção foram apresentadas na forma de comunicação oral intitulada “Leitura de contos e produção escrita de resenhas literárias: uma proposta de ensino para aulas de língua portuguesa”, no XXII SIMPÓSIO DE LETRAS: Linguagens, tecnologias e os multiletramentos - novos olhares para o ensino da atualidade, 2023, realizado na Universidade Estadual do Maranhão, campus Caxias.

propiciar aos leitores um melhor entendimento sobre a organização da SD, elaboramos o esquema abaixo:

Figura 3: Assuntos da sequência didática



É possível depreender, por meio da estrutura que desenha o esquema acima, que o trabalho com os contos literários se tornou o principal foco de estudo deste projeto de intervenção, como bem elucidado na parte introdutória desta pesquisa. Isto porque os contos são textos capazes de demonstrar o poder da literatura e sua capacidade de fruição e humanização. Logo, foi por meio dos contos, que os participantes da pesquisa puderam estabelecer diálogos em sala de aula, relacionando a narrativa com situações de seu cotidiano. Esse momento foi bastante oportuno, para percebermos as diferentes visões de mundo manifestadas pela turma.

A etapa dos diálogos, referentes aos contos trabalhados, deu vez à produção das resenhas literárias. O item seguinte do esquema, é apresentado como possibilidade de os estudantes revisarem os textos produzidos por eles mesmos e manifestarem sugestões de melhorias sobre o texto dos colegas. Esta etapa da SD se alinha à proposta colaborativa dos diferentes tipos de feedback, como preconiza Soares (2009). Ao final, temos o produto final, o qual confere o resultado das produções feitas pelos estudantes, publicadas no mural da escola e em E-book. Vamos, então, ao detalhamento das aulas.

MÓDULO I: CONCEITUANDO O GÊNERO CONTO

HABILIDADES

- Identificar as características e elementos do gênero conto.
- Ler contos estabelecendo relações entre elementos da narrativa e contextos sociais.

Quadro 1 – Módulo I da SD realizada em sala de aula

ETAPAS	ATIVIDADES	TEMPO
1. Dinâmica de motivação: Entrega de um convite personalizado para a turma. 2. Apresentação do gênero textual <i>Conto</i> ;	- Entrega de convite à turma, motivando-a a participar ativamente das aulas que farão parte do projeto. - Apresentação da proposta de trabalho: objetivos a serem alcançados, gênero literário a ser estudado, tempo de duração do projeto e forma de avaliação; - Apresentação de informações relevantes sobre o gênero literário conto: elementos e estrutura narrativa.	1 hora/aula
3. Leitura e análise do <i>Conto</i> “Um apólogo”, de Machado de Assis;	- Realização de uma dinâmica para estudo do conto: dispor a turma em semi-círculo e mostrar um novelo de linha com uma agulha. Pedir para circular nas mãos de todos os estudantes. Após essa ação, será feita uma reflexão sobre a utilidade de cada item apresentado, incentivando a turma a expressar-se oralmente a respeito da função de cada elemento de costura. - Apresentação do conto “Um apólogo”, de Machado de Assis. Esse conto será utilizado como texto motivador para ajudar os estudantes no entendimento sobre o gênero, bem como sobre as possibilidades de reflexão de sua vida. - Conhecimento da vida do autor e obra de onde foi extraído o conto em estudo. - Diálogo com os estudantes sobre os sentidos do <i>conto</i>, deixando-os expressar-se livremente sobre os significados da narrativa e suas relações com o cotidiano.	1 hora/aula
4. Interpretação oral e escrita do conto; Elaboração de painel com impressões dos estudantes sobre o <i>Conto</i> “Um apólogo”, de Machado de Assis.	- Apresentação do conto em vídeo e dialogar com a turma sobre as relações que a narrativa pode estabelecer com seu contexto social. - Produção de um painel com o título “Tecendo comentários”, no qual serão afixadas impressões escritas dos alunos com relação ao conto.	1 hora/aula

MÓDULO II: EXPERIENCIANDO CONTOS LITERÁRIOS

HABILIDADES

- Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo em textos literários.
- Reconhecer nos contos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

Quadro 2 – Módulo II da SD realizada em sala de aula

ETAPAS	ATIVIDADES	TEMPO
1. Apresentação oral e em slides das escritoras Clarice Lispector, Marina Colasanti e Lygia Fagundes Telles.	- Breve apresentação em slides do papel da mulher na sociedade atual, fazendo um paralelo com a condição enfrentada pelas mulheres em tempos passados. Após isso, utilizar a temática sobre a mulher para mostrar à turma imagens das autoras que serão trabalhadas nas próximas aulas: Marina Colasanti, Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector. Ler a biografia de cada autora e situar os estudantes sobre suas produções intelectuais.	1 hora/aula
2. Estudo dos contos	- Apresentação dos títulos dos contos a serem estudados e levantamento de ideias sobre o que cada um pode tratar. Mostrar à turma as obras das autoras, as quais contemplam cada narrativa.	
3. Leitura e estudo dos contos propostos.	- Divisão da turma em três grupos, distribuindo os contos “A moça tecelã”, de Marina Colasanti; “Natal na Barca”, de Lygia Fagundes Telles; “Uma galinha”, de Clarice Lispector; após esta ação, solicitar que os estudantes façam uma leitura silenciosa dos contos em suas respectivas equipes de estudo; - Escolha voluntária de estudantes por equipe para fazerem a leitura do conto, em voz alta, mobilizando-os a criar performances para a apresentação.	
4. Análise dos contos.	- Retomada aos contos lidos, dialogando com os estudantes sobre aspectos dos textos, permitindo que eles argumentem sobre os contos e façam relações com sua vida e com seu contexto social; - Incentivo à turma para participar dos diálogos, estimulando as discussões, a fim de desenvolver a compreensão leitora dos alunos, além de ajudá-los a perceber como a literatura consegue tocar as	1 hora/aula

	nossas vidas, refletindo em situações vivenciadas no dia a dia das pessoas.	
5. Interpretação dos textos literários em estudo.	- Retomada aos pontos importantes dos contos lidos, destacando argumentos utilizados pelos estudantes e permitindo que cada um, além de falar de seu conto, expresse sua opinião e ideias acerca dos textos apresentados pelos outros grupos. - Criação de um painel com registros escritos das principais informações apresentadas por cada grupo de estudantes. - Proposta de um desafio para a turma: cada grupo deverá expressar seu próprio ponto de vista sobre os contos lidos, comentando e recomendando-os aos colegas em situações coletivas e colaborativas.	1 hora/aula

MÓDULO III: RESENHANDO SOBRE CONTOS LITERÁRIOS

HABILIDADES

- Reconhecer as características do gênero resenha.
- Reconhecer a leitura de resenhas como apoio para a escolha de textos literários.
- Revisar/editar o texto produzido, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, características do gênero, aspectos relativos à textualidade e público destinatário.

Quadro 3 – Módulo III da SD realizada em sala de aula

ETAPAS	ATIVIDADES	TEMPO
1. Estudo sobre resenha literária	- Conversa informal com a turma a respeito do significado da palavra resenha. - Apresentação de um exemplo de resenha literária à turma para identificar o ponto de vista do autor sobre o texto, bem como os recursos linguísticos que ele utilizou para expressar sua apreciação ao texto literário; - Leitura e análise de outras resenhas literárias para observar o que se pode dizer sobre uma obra quando se quer recomendá-la a outros leitores.	1 hora/aula
	- Apresentação de informações sobre resenhas literárias, reconhecendo-as como textos de indicação que também se caracterizam por terem	

	função informativa e argumentativa cujo objetivo é convencer o leitor a fazer a leitura do texto literário. - Solicitação aos estudantes, que, estando organizados em duplas, façam a recomendação por escrito do conto lido pelo grupo, do qual fez parte da etapa inicial do projeto.	
2. Produção textual da resenha literária	- Organização de roda de socialização das primeiras descobertas sobre as características da resenha literária. Esperamos que os estudantes observem que ela traz um resumo e uma apreciação do texto, ou seja, revela informações do conto, sem dar conta de tudo. - Proposta que os estudantes dêem continuidade à produção textual da resenha literária em suas respectivas duplas, seguindo as orientações sobre as características para sua elaboração. - Orientação às duplas, esclarecendo dúvidas e mediando a produção das resenhas.	1 hora/aula
3. Revisão textual	- Revisão dos textos escritos (resenhas literárias), elaborados pelas duplas, realizando o processo de <i>feedback</i> feito pelos alunos, com a mediação constante da professora. Esse tipo de <i>feedback</i> consiste em possibilitar que os alunos observem o texto do colega e o ajudem a melhorá-lo.	1 hora/aula
4. Produção de arte/ilustração	- Apresentação de obras de pintura produzidas por artistas plásticos brasileiros que utilizaram sua arte para retratar determinado mundo, seja ele real ou imaginário. - Produção feita pelos estudantes de uma arte (ilustração) baseada no conto resenhado.	1 hora/aula

O papel do professor como mediador é de fundamental importância, pois ele auxiliará a turma a dar o *feedback* ao texto do colega preservando para que o ambiente de aprendizagem seja cordial, imbuído de um clima de confiança e amistosidade.

MÓDULO IV: PUBLICAÇÃO DE RESENHAS LITERÁRIAS A PARTIR DA LEITURA E FRUIÇÃO DE CONTOS

HABILIDADES

- Produzir resenhas literárias recomendando a leitura de contos a outras pessoas.
- Publicizar os textos produzidos nas aulas em local de fácil acesso na escola.

Quadro 4 – Módulo IV da SD realizada em sala de aula

ETAPAS	ATIVIDADES	TEMPO
1. Edição final do texto	- Edição final do texto (produto final) com disposição da arte/ilustração. Nessa etapa, a professora dará sua contribuição aos textos produzidos pelos estudantes por meio de seu <i>feedback</i> .	1 hora/aula
2. Publicação das resenhas literárias	- Apresentação oral das resenhas produzidas e posterior publicação com exposição no mural da escola, a fim de produzir uma comunidade de leitores de contos literários, bem como ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno. Divulgação de catálogo virtual, por meio de e-book, com as produções dos estudantes leitores.	1 hora/aula

3. ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DOS ESTUDANTES

Neste capítulo, são analisados os resultados obtidos por meio da aplicação da sequência didática, com vistas a aferir se as ações realizadas demonstraram melhorias em relação ao interesse dos estudantes por texto literário, bem como se as práticas de ensino se configuraram como possibilidades para o desenvolvimento da humanização nos sujeitos participantes da pesquisa. Validamos o posicionamento de Candido (1972), quando considera que o aspecto humanizador provocado pela literatura refere-se à própria formação do homem, oferecendo, por meio dela, condições para que o sujeito reflita sobre sua existência, adquirindo conhecimentos capazes de adentrar na realidade do mundo.

A proposta de discutir resultados, convertendo-os em dados, é feita considerando os critérios de natureza quantitativa e qualitativa. As análises referentes aos dados quantitativos ocorrem por meio do levantamento de porcentagem, após tabulação de dados. Esse tratamento estatístico está restrito apenas aos questionários aplicados aos estudantes, antes de iniciadas as aulas da sequência didática e após sua conclusão. Para os demais aspectos como a análise das produções escritas dos estudantes, sua participação nas aulas e desempenho nas resoluções das atividades propostas, ocorrem por meio de análises qualitativas.

Para isso, na primeira seção, estão descritos os resultados oriundos do questionário aplicados aos estudantes, antes de participarem das aulas da sequência didática. Importa dizer que em concordância com a gestora escolar e a professora de Língua Portuguesa da turma,

foram cedidas as aulas durante o período de cinco semanas para que fosse aplicada a sequência didática. Continuando, na seção seguinte, são expressas as análises das atividades desenvolvidas com os contos literários, considerando esta organização: - Apresentação do texto literário motivador “Um apólogo”, de Machado de Assis; - Resultados obtidos no desenvolvimento da leitura literária dos contos “A moça tecelã”, de Maria Colasanti, “Natal na barca”, de Lygia Fagundes Telles e “Uma galinha”, de Clarice Lispector. Depois, são sistematizadas as análises das Produções das Resenhas Literárias e, por último, apontamos a tabulação dos dados do questionário final aplicado aos estudantes.

Durante os registros das análises da pesquisa, como forma de simplificar dados referentes ao nome dos estudantes, cada um deles será identificado pela inicial de seu nome, seguido da inicial do sobrenome. Por exemplo, Alberto Mota (nome fictício), seria identificado, nesta pesquisa, como AM. Em caso de coincidência nas siglas, acrescentaremos uma terceira letra, que corresponde ao segundo nome do aluno, nos casos de nomes compostos. Seguimos, portanto, às análises.

3.1 Questionário inicial

Nesta seção, apresentaremos os dados referentes ao questionário inicial, aplicado à turma do 8º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Monteiro Lobato, em Entre Rios – BA. As questões propostas no questionário, tiveram como objetivo conhecer o perfil do aluno, bem como utilizar esse conhecimento como objeto de estudo para aperfeiçoar a elaboração de um planejamento adequado às necessidades de aprendizagem dos educandos, já que o instrumento fora aplicado antes de realizada a qualificação do projeto de pesquisa.

Para delinear o perfil dos participantes da pesquisa, elaboramos um questionário composto por três partes assim organizadas: Parte 1 – Conhecendo o participante; Parte 2 – O participante e sua relação com a leitura; Parte 3 – O participante e sua relação com a escrita. As partes 1 e 2 contemplam oito questões cada uma. Dentre elas, existem as que possuem o formato de respostas escritas curtas e outras de múltipla escolha simples. Já a parte 3, contém seis questões, que também estão distribuídas no mesmo formato das partes anteriores. No total, são vinte e duas questões que contemplam dados pessoais recorrentes em questionários, como nome, data e local de nascimento, cidade na qual o estudante mora, naturalidade, pessoas com quem convive em casa, atividades culturais que costuma participar. Também, há questões envolvendo hábitos e comportamentos de leitura: se gosta de ler, quais materiais, qual gênero literário costuma ter mais acesso na escola, quais as condições e ambientes para a leitura,

comportamentos em relação à leitura e escolaridade. Há questões que envolvem hábitos de escrita: se gosta de escrever, quais materiais, qual local que costuma escrever, pessoas da família que têm o hábito de escrever, além de perguntas sobre a prática do aluno no processo de reescrita do próprio texto.

Para a análise dos dados, organizamos um quadro-síntese com a sistematização das respostas. O questionário completo encontra-se no anexo A deste documento.

A compilação dos resultados pode ser observada no quadro abaixo:

Quadro 5 – Respostas do questionário perfil leitor por participante

Gênero	12 meninos e 08 meninas
Idade	01 estudante com 13 anos, 08 com 14 anos, 03 com 15 anos, 06 com 16 anos e 02 estudantes com idade acima de 20 anos.
Cidade onde nasceu	09 estudantes nasceram em Entre Rios, 01 em Esplanada, 06 em Alagoinhas, 03 em Pojuca, 01 estudante nasceu em Salvador.
Bairro onde mora	05 estudantes residem no bairro Milagres, 04 em Cidade Nova, 01 no Centro da cidade, 05 no bairro Palame e 05 estudantes moram em localidades do campo.
Com quem mora	06 estudantes moram somente com a mãe, 11 moram com a mãe e o pai ou padrasto, 03 moram com outras pessoas, dentre elas irmãos e avós.
Atividades oferecidas no bairro	06 estudantes afirmaram não possuir nenhuma atividade, 03 disseram que há apresentação musical, 05 falaram ter o futebol, 03 relataram ter show como atividade cultural e 03 estudantes falaram ter a capoeira.
Participação em atividades	10 estudantes afirmaram não participar e 10 afirmaram participar.
Atividade para o tempo livre	Dos estudantes que participam, 05 treinam futebol, 01 apresentação musical, 03 praticam a capoeira e 01 não especificou.
Gosto pela leitura	14 estudantes afirmaram gostar de leitura e 06 disseram não.
O que mais gosta de ler	14 estudantes disseram gostar de ler as redes sociais, os demais disseram gostar de livros religiosos e de outros tipos sem

	especificar. Nenhum estudante afirmou gostar de livros literários.
Assunto que mais interessa na leitura	08 estudantes afirmaram interessar-se por fofoca, 06 por notícias e os demais por outros assuntos.
Maior contato com a leitura	11 estudantes afirmaram ter maior contato em casa, 05 na escola, 02 na igreja, 01 na biblioteca e 01 não respondeu.
Aulas de leitura na escola	A maioria disse ter aula
Familiar que costuma ler	09 disseram ser a mãe, 05 não responderam. Os demais foram distribuídos entre avó, irmão e tia.
Gênero literário que mais se identifica	03 estudantes afirmaram identificar-se com o teatro, 03 com poema e apenas 01 com o conto. Os demais estudantes não responderam.
Costuma escrever?	17 afirmaram sim
Lugar que mais escreve	A maioria disse escrever na escola
Familiar que costuma escrever	06 não responderam, 05 disseram ser a mãe e os demais apresentaram outras opções.
Sobre o que escreve	A maioria não declarou
Sobre as aulas de escrita na escola	A maioria disse ter aula de escrita
Na escrita de texto costuma reler o que produziu melhorando a escrita?	13 disseram sim e 03 disseram não. Os demais não responderam.

Os dados evidenciam que os participantes têm um perfil heterogêneo. Há estudantes que nasceram em diferentes cidades da Bahia, a maioria mora em bairros próximos à escola, porém existem aqueles que moram no campo. Nem todos os estudantes participam de atividades culturais em seu bairro. Há estudantes com faixa etária entre 13 a 23 anos. Nessa turma existem dois estudantes com idade superior a 16 anos. A primeira é uma aluna de 22 anos, a qual possui dislexia e é acompanhada durante as aulas por uma mediadora que a auxilia nas atividades. O outro estudante é um aluno de 23 anos, o qual é surdo. Este último, tem o acompanhamento de uma professora intérprete de libras que o auxilia na compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula e na interação com os colegas da turma. Vale ressaltar que ambos estiveram sempre

atentos às atividades, participando efetivamente das propostas. No estudo dos contos, utilizamos a exibição em vídeo com interpretação em libras para ajudar o aluno surdo no entendimento das narrativas.

Além dessas considerações e com base nas respostas dos participantes, ao utilizarmos esse mecanismo de geração de dados, constatamos que os estudantes, em sua maioria, têm um perfil que se mostra com pouca experiência com a leitura literária, e, dentre os gêneros literários de maior preferência, o conto está em menor prestígio, ou seja, representa menor interesse para eles.

Esse resultado só faz reforçar a necessidade de a escola proporcionar hábitos de leitura literária em suas práticas, tornando possível aos estudantes o contato com bons textos. Nesse caso, recomendamos o conto, para que eles se sintam, realmente, impactados pela literatura e percebam que ela está atrelada a sua vida social.

3.2 Conto motivador “Um apólogo” de Machado de Assis

Nesta seção, daremos voz ao trabalho desenvolvido com o conto “Um apólogo”, de Machado de Assis. A atividade com o conto aconteceu com o intuito de iniciar nosso processo de conquista dos estudantes, em relação ao texto literário, já que, de acordo com o questionário inicial, mais especificamente nas questões 2, 7 e 8 (ver anexo A), a maioria dos estudantes não demonstraram interesse pela leitura literária.

Diante dessa realidade, houve a necessidade de estabelecer diálogos com a turma sobre o gênero conto, ativando os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do que eles entendiam sobre esse texto e citando exemplos. Nesse momento, houve pouca participação do grupo. Apenas alguns responderam ao intento com as devolutivas que mostraremos a seguir:

Quadro 6 – Comentários dos Estudantes I

ESTUDANTE	COMENTÁRIOS
EVS	<i>O conto tem a ver com histórias.</i>
AAS	<i>Acho que é quando uma pessoa conta algo para outra.</i>
GS	<i>Tem personagens no meio</i>
ES	<i>Lembro da história da Branca de Neve</i>
AS	<i>Os três porquinhos também é uma história</i>

Nota-se que os estudantes demonstraram conhecimento limitado com relação ao gênero conto e nos exemplos citados evidenciaram conhecer apenas contos clássicos. A memória daqueles que se expressaram, remonta ao contato que tiveram com obras literárias no período de sua infância.

Seguindo as considerações sobre o gênero literário, introduzimos na aula uma dinâmica para estudo do conto “Um apólogo”, de Machado de Assis, dispondo a turma em semicírculo e mostrando um novelo de linha com uma agulha. Esses instrumentos circularam nas mãos de todos os estudantes. Após essa ação, iniciamos uma reflexão sobre a utilidade de cada item apresentado, incentivando a turma a expressar-se oralmente a respeito da função de cada elemento de costura.

Prosseguindo com o estudo, apresentamos o conto “Um apólogo”, de Machado de Assis. No início houve a preocupação em considerar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre a palavra “apólogo”, utilizando o dicionário para os devidos esclarecimentos. Em seguida, fizemos a apresentação em slides, com a exibição da biografia do autor, evidenciando sua importância na literatura brasileira, assim como foi posta em destaque a informação de que mesmo o conto tendo sido escrito no século XIX, suas impressões e sentidos mostram-se atuais.

Para a leitura literária do conto, todos os alunos receberam uma cópia do conto para, inicialmente, ser realizada a leitura silenciosa e, posteriormente, uma releitura para novos entendimentos.

Em um clima motivado por diálogos, os estudantes, incentivados constantemente pela professora, foram tecendo comentários sobre o conto, e ao indagarmos sobre a possibilidade de existir na narrativa um elemento mais importante que outro, obtivemos as seguintes elocuções:

Quadro 7 – Comentários dos Estudantes II

ESTUDANTE	COMENTÁRIOS
BC	<i>Nesse conto a agulha é mais importante.</i>
DC	<i>Acredito que os dois são importantes, tanto a agulha como a linha.</i>
EVS	<i>Não existe um ser melhor que outro. Os dois trabalham e tem sua importância.</i>

GB	<i>A agulha foi provocada pela linha. Tudo começou aí. Acho que a agulha é mais importante por isso.</i>
AAS	<i>Eu já fui provocada e fiz o mesmo que a agulha fez usando a linguagem verbal.</i>
EVS	<i>Já me disseram algo que eu não gostei. Me diminuíram. Mas eu mostrei que não era aquilo que falaram de mim. Dei a resposta com meu exemplo.</i>

Ao passo que as discussões iam acontecendo, novas considerações foram colocadas. Em relação à identificação dos estudantes com situações semelhantes às aquelas expressas no conto, a resposta foi unânime. Todos disseram que sim. O conto aproxima, portanto, o leitor de sua trama. Ao final, dois estudantes acrescentaram informações dizendo que “*Se ela (a agulha) não furasse a roupa, ela (a linha) não iria ao baile porque a linha tem a mesma importância que a agulha tem.*” (DS – Aluno surdo). No outro comentário o aluno EVS completou “*Posso tirar um ensinamento desse conto, precisamos nos valorizar e continuar tendo amor-próprio*”.

Em continuidade a aula, novas considerações foram apresentadas aos estudantes, como o contexto histórico do período em que o conto foi produzido, presença de elementos da narrativa, e, sobretudo, a forma como os assuntos abordados no conto têm relação com a vida das pessoas. Além disso, foi pensado sobre como uma escrita produzida no século XIX revela semelhanças com a realidade atual.

Na atividade de registro escrito de comentários dos estudantes sobre o conto, asseguramos uma maior participação do grupo. Muitos ainda demonstravam timidez em expressar-se oralmente diante dos colegas e da professora, necessitando de incentivo para participar da aula. Dentre os comentários escritos, registramos alguns abaixo, mas a sua maioria coincidiu no sentido produzido pelo texto.

Quadro 8 – Comentários dos Estudantes III

ESTUDANTE	COMENTÁRIOS
BC	<i>Devemos nos valorizar em primeiro lugar e se respeitar.</i>

EVS	<i>Não devo dar atenção a comentários negativos que falam sobre mim. Eu preciso ter amor-próprio.</i>
DC	<i>O importante é que devemos nos valorizar e amar sempre em primeiro lugar e não começar confusão com ninguém.</i>
GB	<i>Devemos ter respeito ao próximo e valorizar o outro. Todos temos importância.</i>
AAS	<i>Eu já fui provocada e fiz o mesmo que a agulha fez usando a linguagem verbal.</i>

Percebemos, por meio das participações dos estudantes, que eles conseguiram compreender a função social exercida pela literatura, que, além de revelar situações vividas em contexto histórico social, conduz o(a) leitor(a) a fazer reflexões sobre sua vida e estabelecer relações com seu cotidiano. Porém, para que eles alcançassem esse entendimento foi necessário o incentivo da professora, estabelecendo diálogos e valorizando cada comentário que surgia na aula. Isso representa, mais uma vez, o papel da escola, enquanto instituição capaz de elaborar ações que sejam significativas para os alunos e que tenham sentidos para eles. Por meio da literatura, o leitor será capaz de observar sua realidade e perceber aspectos de sua prática diária de modo crítico.

3.3 Contos de Marina Colasanti, Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector

Esta seção marca o trabalho realizado com os contos “A moça tecelã”, de Maria Colasanti, “Natal na barca”, de Lygia Fagundes Telles e “Uma galinha”, de Clarice Lispector. Para isso, esse ponto de análise prioriza duas temáticas bastante relevantes para nossa pesquisa: o processo de fruição resultante do contato com o texto literário e o processo formativo do ser humano, característica que acende no leitor sua capacidade de tornar-se um ser crítico e ativo diante do meio em que está integrado. Este último processo, Candido (2004) nomeia como humanização, conforme estamos reforçando no decurso desta pesquisa. A bem verdade, concordamos com o autor quando diz ser o texto literário

[...] uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos

humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade (2004, p.186).

Com isso, para o estudo do módulo II da SD, apontamos como um dos seus objetivos o de promover a humanização do aluno-leitor a partir da representação simbólica dos sentidos constituintes dos contos. Buscamos o alinhamento das ações, promovendo atividades que evidenciaram o contato dos estudantes com a leitura dos contos, acesso à biografia das autoras, com destaque às suas obras acadêmicas e ao contexto histórico social em que estavam inseridas.

Vale destacar que o motivo da seleção dos textos das três autoras ocorreu, também, devido ao fato de serem mulheres e por existir uma semelhança nos contos selecionados, a figura feminina como protagonista da trama. Todas elas expressam em suas narrativas personagens principais que não se acomodam diante da condição que são impostas e tomam certas atitudes, na tentativa de mudança de realidade e/ou, até mesmo, tentativa de romper com certo conflito que as aprisiona. Foi muito especial viver esse momento de reflexão com os estudantes, pois os contos reacenderam neles sentimentos que se encontravam adormecidos, como a consciência sobre a força que cada um possui, a convicção da fé e a capacidade de projetarmos para a nossa vida aquilo que desejamos. Em linhas gerais, mesmo que existam as vacilações, os obstáculos e os conflitos, cada um detém o poder de mudar a sua realidade. Isso ficou evidente, ao passo que as ações se realizavam.

Além dos diálogos que ocorreram durante os trabalhos desenvolvidos com a turma, seja em grupos ou nas duplas, cada um com propósitos e tarefas específicas, foram organizados momentos para sistematização escrita das inferências percebidas pelos estudantes no estudo dos contos. Sob essa perspectiva, destacamos as seguintes, detalhadas de acordo com cada conto.

COMENTÁRIOS SOBRE O CONTO “A MOÇA TECELÃ” DE MARINA COLASANTI RESULTANTE DO TRABALHO REALIZADO EM GRUPO

Quadro 9 – Comentários dos Estudantes IV

ESTUDANTES	COMENTÁRIOS
EVS	<i>Esse conto fala de uma moça que vivia na janela de sua casa tecendo um tapete gigante. Ela tecia todos os seus desejos a ponto de tecer um homem. No começo foi maravilhoso, mas no decorrer da história ela percebeu que ele estava apenas explorando</i>
DS	
ES	

BC	<i>ela. Depois, ela decide desmanchar o tapete, partindo da maior torre do castelo.</i>
AS	<i>Uma mulher que tece sua própria vida, materializando seus desejos e construindo uma nova realidade.</i>
GS	<i>As vezes muitas mulheres se sentem sozinhas e buscam um marido mas acabam se arrependendo amargamente e pedem o divórcio.</i>
	<i>Deve ter muito cuidado com o que se deseja. Você pode se arrepender.</i>
	<i>O conto nos leva a refletir sobre as escolhas que fazemos na vida.</i>
	<i>Podemos mudar e transformar nossas vidas, basta querermos.</i>
	<i>Ele revela marcas de aprisionamentos, desamor e arrependimentos.</i>

O trabalho com o conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, configurou-se como uma oportunidade de reflexão sobre a vida de uma personagem, a tecelã, pela qual foi possível associar suas atitudes aos contextos de vida dos alunos. Como observamos, os resultados obtidos no quadro, pressupõem um leitor participativo, envolvido com a leitura do texto e que revela sentimentos e impressões, por meio de sua escrita.

De acordo com os comentários, percebemos a atuação dos estudantes ao buscar os sentidos para o entendimento do conto, a partir das informações implícitas no texto, quando relacionam fatos da narrativa com situações vividas por eles ou que se assemelham a fatos de seu cotidiano. Notamos, inclusive, que eles conseguiram extrair ensinamentos e perspectivas para sua vida. Em outras palavras, o texto literário ajuda o leitor a pensar sobre o que a obra significa para ele. Tal assertiva é ratificada, à luz do que nos diz Todorov (2009, p. 23), “a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo”. Tal excerto nos convida a refletir sobre como nossas aulas têm contribuído para que os estudantes participem de experiências leitoras que colaborem com o desenvolvimento de sua autonomia e criticidade, tornando-os capazes de interagir em diversas práticas sociais.

COMENTÁRIOS SOBRE O CONTO “NATAL NA BARCA” DE LYGIA FAGUNDES TELLES RESULTANTE DO TRABALHO REALIZADO EM GRUPO

Quadro 10 – Comentários dos Estudantes V

ESTUDANTES	COMENTÁRIOS
DC	<i>O conto despertou sentimentos de tristeza e melancolia.</i>
PT	<i>No final do conto aparece uma alegria quando a mulher percebe o ressurgir da vida do bebê.</i>
EC	<i>Ele mostra que devemos ter fé. A fé de uma mãe.</i>
AAS	<i>Quando eu era criança via como minha mãe ficava preocupada comigo quando ficava doente. Ela também sempre teve fé. Sempre acreditou que eu ia melhorar.</i>
RF	
EM	<i>O conto nos envolve e nos leva a perceber que devemos ter fé, força e coragem para superar as dificuldades da vida.</i>
GB	

O conto “Natal na barca”, de Lygia Fagundes Telles, aproxima o aluno de uma narrativa envolvente e dramática. Percebemos diversos diálogos, fortemente, marcados pela emoção e comovidos com a situação de uma personagem, a mãe que segura um bebê, arrebatada pela incerteza vindoura. Por outro lado, os alunos puderam perceber, que a personagem protagonista da história era movida por sentimentos de fé e de esperança, os quais encorajavam ela a buscar solução para os problemas enfrentados.

E nesse viés entre a vida e a morte, entre a força e a fraqueza, além da oportunidade de vivenciar sentimentos inerentes ao ser humano, por meio da leitura literária, os estudantes conseguiram envolver-se com o enredo e estabeleceram relações com sua vida. Nessa esteira, a bem da verdade, “a literatura desenvolve em nós uma quota da humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 2011, p. 182). Urge dizer, portanto, que as produções dos alunos endossam a função da literatura, com o seu papel humanizador, pois, permite a eles participarem de reflexões sobre

si e sobre sua realidade e, por conseguinte, fortalece-os a atuar em sociedade de forma mais participativa.

COMENTÁRIOS SOBRE O CONTO “UMA GALINHA” DE CLARICE LISPECTOR RESULTANTE DO TRABALHO REALIZADO EM GRUPO

Quadro 11 – Comentários dos Estudantes VI

ESTUDANTES	COMENTÁRIOS
AA	<i>O conto conta a história de uma família que escolhe uma galinha para o almoço de domingo. Ela foge. Na fuga quando volta a casa da família põe um ovo.</i>
FS	
IG	<i>Podemos refletir sobre o sentido da vida. A galinha só presta enquanto está dando ovos. Depois matam ela.</i>
GG	<i>Comparamos à figura da mulher que as vezes se acomoda em um lugar e não busca conquistar seus sonhos.</i>

Conforme ao que advoga Todorov (2009, p. 86), “a narrativa está necessariamente inserida num diálogo do qual os homens não são apenas o objeto, mas também os protagonistas”, nos reportamos aos comentários dos estudantes e percebemos como a interação entre leitor e texto se consolidou. A partir do momento em que eles estabelecem relações do conto com situações do mundo, fortalece a ideia de que seu conhecimento, também, é considerado, valorizando sua participação. Nesse cenário, cabe ao professor, por meio de sua atuação como mediador do processo de ensino-aprendizagem, promover esse encontro, mostrando ao aluno, a partir da leitura literária, como pode reconstruir os sentidos e ideias dos textos, assumindo novas interpretações e gerando múltiplos significados para o sujeito leitor.

Esse encontro traz em si diversas possibilidades de interação. Dentre elas, podemos destacar: quando o leitor se identifica com algum personagem do conto; quando confronta situações apresentadas no texto com sua história de vida ou de seu contexto social. São muitas as possibilidades de encontro entre o leitor e o texto literário, devendo à escola criar oportunidades de acesso dos alunos à literatura. Dito isto, é urgente a necessidade de levar o aluno a apreciar livros e textos literários, pois é nessa tempestade de sensações e emoções que a fruição literária acontece, “quando lemos, nos tornamos antes de qualquer coisa especialistas

em vida. Adquirimos uma riqueza que não está apenas no acesso às ideias, mas também no conhecimento do ser humano em toda a sua diversidade” (TODOROV, 2010, p. 39).

3.4 Produção das Resenhas Literárias

Neste ponto, está proposta uma continuidade do trabalho com os contos selecionados das escritoras Marina Colasanti, Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector. Depois de realizadas as atividades de leitura, análise e reflexão dos contos, em um processo de fruição e conexão com a vida, a proposta das aulas foi a produção, em dupla, de resenhas literárias com o propósito de recomendar a leitura dos contos a outros leitores. Nesse âmbito, há uma intencionalidade nas ações, considerando que a produção do texto tem objetivos, destinatários específicos, que são os estudantes das turmas do 8º ano A e 9º ano, e produz um efeito colaborativo, pois a partir das leituras dos contos, os estudantes fazem análise do texto literário, escrevem comentários e sugerem o acesso ao conto a futuros leitores. Essa função torna a atividade solidária, quando os estudantes assumem o compromisso de avaliar um texto e recomendar sua leitura para outros colegas.

Toda proposta foi devidamente explicada à turma, e a professora disponibilizou, inclusive, uma estrutura com tópicos que contemplassem a produção das resenhas. Ao avaliar as produções, percebemos que os estudantes realizaram as tarefas com afinco, sendo todas elas mediadas pela professora.

Vale ressaltar a colaboração teórica de Passarelli (2012), quando reverbera o trabalho com a escrita de textos, considerando todo o processo de construção até o estágio de editoração. Implementar essa prática em sala de aula, contribuiu para que os estudantes percebessem que um texto não se limita a uma única versão, mas, sim, necessita de reescritas para sua concretude final. Além disso, foi importante desenvolver o processo de avaliação dos textos, por meio do feedback vindo colegas, em uma situação colaborativa e, também, o feedback vindo do professor, utilizando método que contribua para a construção do texto editável.

Ao final, para analisarmos o nível de desempenho das duplas sugerimos três critérios que classificam as produções escritas. Se o aluno ou a aluna atingiu três categorias do nível excelente, o desempenho dele(a) foi EXCELENTE; se atingiu duas ou uma categoria(s) do nível excelente, o desempenho dele(a) foi BOM; já o desempenho MEDIANO equivale ao resultado do aluno ou da aluna que não atingiu nenhuma categoria do nível excelente e nenhuma categoria do nível bom. Vejamos a seguir, por meio da tabela de desempenho dos estudantes, como foi feita a avaliação de acordo com os critérios identificados como “Ideias apresentadas

com clareza”, “Recomendada para a produção da resenha literária” e “Utilizou argumentos que recomendam o conto a outras pessoas”:

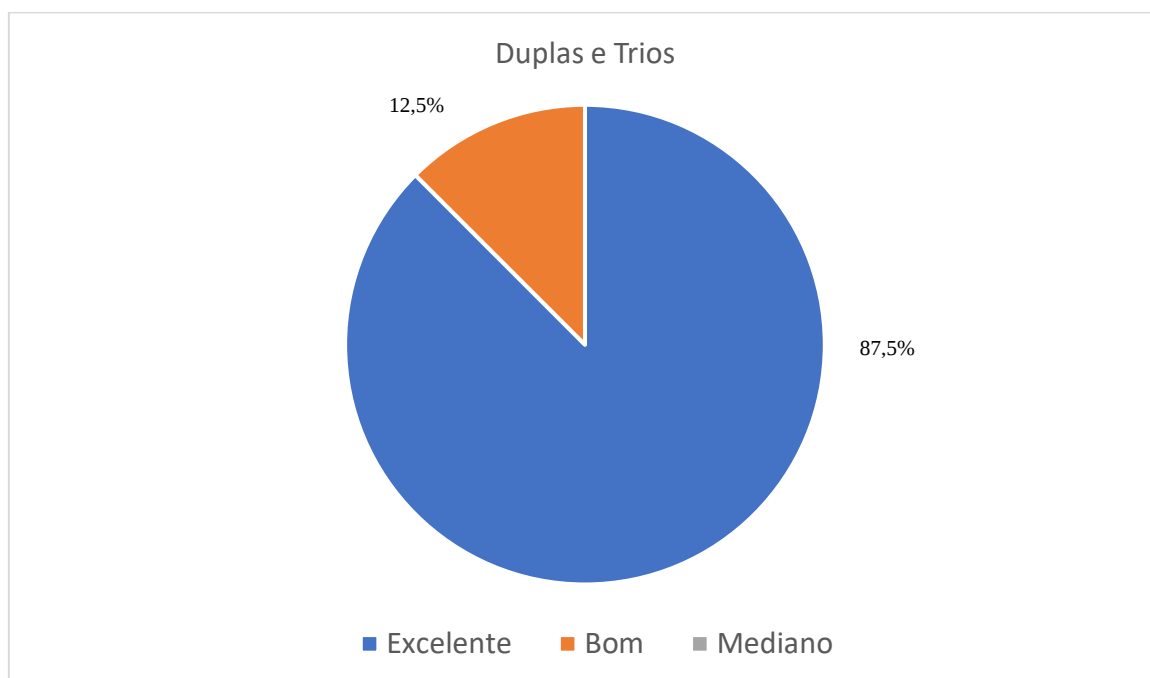
Tabela 1 – Desempenho dos Estudantes na Resenha Literária

DUPLAS ou TRIOS	CRITÉRIOS								
	Ideias apresentadas com clareza			Atendeu à estrutura recomendada para a produção da resenha literária			Utilizou argumentos que recomendam o conto a outras pessoas		
	NÍVEIS			NÍVEIS			NÍVEIS		
	Excelente	Bom	Mediano	Excelente	Bom	Mediano	Excelente	Bom	Mediano
DS ES	x			x			x		
EVS BC	x			x			x		
GS DS	x			x			x		
EC GB RS		x		x			x		
EC AAS	x			x			x		
PT DC	x			x			x		
IG GG	x			x			x		
AA FS JS	x			x			x		
Total percentual	87,5%	12,5%		100%			100%		

Fonte: Elaboração própria baseada no estudo de Passarelli (2012).

Ao classificar o desempenho dos estudantes obtivemos como resultado o seguinte gráfico:

Gráfico 1 – Desempenho dos Estudantes



Fonte: Elaboração própria.

Ao finalizar o processo de produção, apresentação oral e publicação das resenhas literárias no mural da escola, envidamos esforços para a confecção de um livro virtual, e-book, a fim de divulgar o resultado de um trabalho produtivo e permeado de reflexões sobre o mundo ficcional e real. É essa a percepção causada pelos contos em seus leitores, permitindo, então, ampliar sua visão de mundo e sensibilizando-os quanto às condições das pessoas. Este e-book será disponibilizado aos estudantes da escola, no início do ano letivo 2024, como forma de promover uma comunidade de leitores e valorizar as produções dos estudantes.

Do que expomos, fica aberta a proposta aos professores de Língua Portuguesa para que seja implementada em sala de aula, com as adequações necessárias, considerando a realidade da turma e suas expectativas de aprendizagem.

3.5 Questionário final

Neste ponto, daremos ênfase à apresentação da tabela e do gráfico que tratam dos resultados do questionário final, aplicado à turma, logo após a realização da sequência didática sobre contos literários. O questionário é composto por 4 partes, sendo assim constituído: - Na

parte 1 – Identificação – há duas questões; Na parte 2 – Sua relação com a leitura há cinco questões; Na parte 3 – Sua relação com a escrita – há três questões; e, finalmente, na parte 4 – Sua experiência com os contos – há doze questões, totalizando vinte e duas questões de múltipla escolha e no formato de respostas curtas. Elegemos apenas algumas questões para compor as análises quantitativas da tabela e dos gráficos. O questionário completo consta no anexo B deste material. Nessa atividade tivemos um total de 18 participantes.

Quadro 11 – Respostas dos estudantes ao questionário final

PERGUNTAS	RESPOSTAS				
SUA RELAÇÃO COM A LEITURA					
- Você gosta de ler?	Sim: 13			Não: 05	
- Qual o gênero literário que você mais se identifica?	Conto 11	Crônica 01	Poema -	Romance 06	Teatro -
SUA RELAÇÃO COM A ESCRITA					
- Como foi sua experiência ao escrever a resenha literária?	Ruim 01	Boa 06	Ótima 11		
- Seu colega o ajudou na produção do texto?	Sim 18		Não -		
SUA EXPERIÊNCIA COM OS CONTOS ESTUDADOS					
- Você já conhecia os contos e os autores estudados?	Sim 02	Não 15	Não respondeu 01		
- Você gostou dos contos estudados?	Sim 18		Não -		
- Os contos literários lhe ajudaram a entender e discutir assuntos que ocorrem no dia a dia?	Sim 17		Não 01		
- Considera que a leitura de contos ajuda você a refletir sobre aspectos do mundo, desenvolve seu pensamento crítico e sua escrita criativa?	Sim 14	Não 03	Em parte 01		
- Indicaria a leitura dos contos para um amigo?	Sim 17		Não 01		
- Você gostaria de ler outros contos?	Sim	Não	Talvez		

15

02

01

Fonte: Elaboração própria.

A partir da apresentação da tabela, podemos sintetizar alguns resultados do questionário, em formato de gráficos, a fim de ajudarmos o leitor a compreender o impacto do trabalho realizado com a SD sobre contos literários. Seleccionamos abaixo seis questões, oriundas do questionário, para avaliarmos a pesquisa-ação. Vejamos os dados:

Gráfico 2 – Gosto por leitura

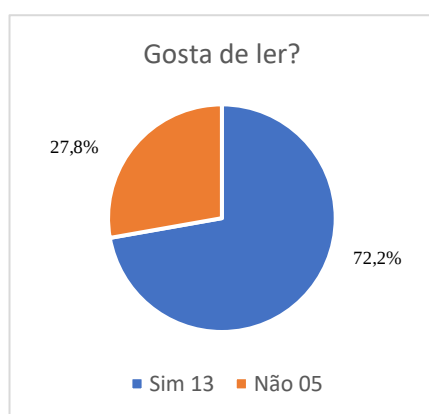


Gráfico 3 – Gênero literário

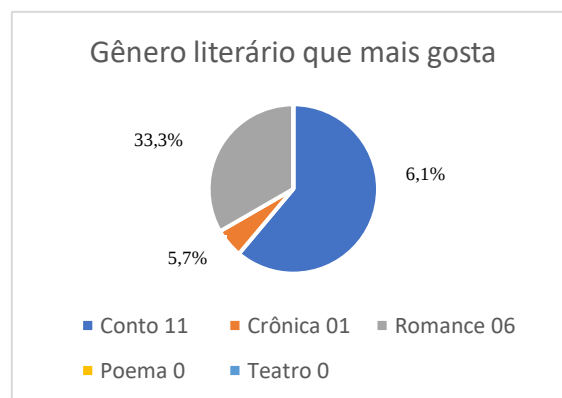


Gráfico 4 – Gosto pelos contos

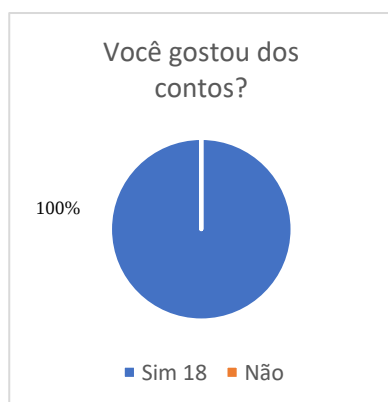
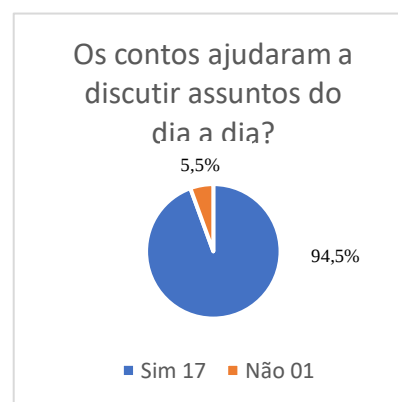


Gráfico 5 – Reflexão do dia a dia



Fonte: Elaboração própria.

Como podemos perceber, a partir do panorama mostrado na tabela e nos gráficos referentes ao questionário final, as respostas dadas pelos estudantes representam, em sua maioria, o resultado positivo do trabalho realizado com a turma. Apesar de estarmos conscientes

de que não conseguimos a adesão de toda a turma, pois havia dois alunos que, mesmo estando presentes na aula, não participaram das atividades, reconhecemos que o esforço envidado no trabalho, proporcionou, aos demais estudantes, espaços de reflexão e vivências de novas experiências.

As contribuições teóricas, o estudo e análises realizadas ao longo desta proposta interventiva, demonstraram como é importante implementar aulas que tenham como foco a leitura literária, pois é possível, sim, através da literatura, formar e humanizar pessoas. Fica evidente que este trabalho possibilitou aos estudantes o acesso aos conhecimentos até então desconhecidos, por meio do contato com os contos, permitindo a identificação de seus contextos de vida com os elementos de ficção.

Cabe a nós, professores, o compromisso de inserir em nosso planejamento escolar práticas de leitura literária e, aqui, orientamos o trabalho com os contos. Sabemos e comprovamos, por meio das atividades realizadas nesta pesquisa, que a literatura tem o potencial formador de sensibilizar e mobilizar o indivíduo a pensar sobre sua realidade, a partir da fruição de um texto. É possível, sim, formar sujeitos críticos e humanos, capazes de mudar sua maneira de ver o mundo. É preciso, sobretudo, dar voz e vez ao estudante! E a literatura é capaz de permitir essa transformação no ser humano.

4. PALAVRAS FINAIS

Qual lugar o texto literário ocupa no dia a dia dos estudantes do Ensino Fundamental? Como podemos unir a leitura de *contos* às possibilidades criadoras de um texto escrito? Tais questionamentos permearam esta pesquisa-ação e tornaram-se elementos motivadores para o desdobramento de estratégias de ensino, organizadas por meio de uma sequência didática.

A elaboração desta proposta, intitulada “Leitura de *contos* e criação escrita: um convite à fruição literária”, esteve centrada na prática da leitura literária de *contos*, enfatizando as relações que podemos entrelaçar com os contextos sociais que atravessam a vida humana. A perspectiva, ao produzir este projeto de pesquisa, baseou-se na tentativa de aproximar o texto literário do universo leitor dos estudantes do 8º ano B do ensino fundamental, da Escola Municipal Monteiro Lobato, em Entre Rios – BA.

Assim, no fito de encontrar possíveis respostas para os questionamentos acima expressos, foram traçados percursos que alinharam os eixos de leitura, oralidade e produção textual, como meios para desenvolver atividades que favorecessem a construção de um ambiente dialógico entre professora e estudantes, culminando com a elaboração de uma resenha literária.

No início do percurso empreendido para a elaboração desta pesquisa-ação, foram observados dados, por meio de um questionário aplicado à turma, nos apresentando um perfil de estudantes com pouca experiência com a leitura literária, sendo o conto, manifestado por eles, como o gênero de menor interesse. Esse resultado nos mostrou que uma boa situação de aprendizagem é aquela que o educador propõe atividades desafiadores e, por meio de situações didáticas bem planejadas, consegue despertar o gosto dos estudantes pela temática trabalhada, promovendo um desempenho significativo ao final do projeto.

E esta perspectiva foi confirmada ao concluir as etapas da SD, pois, constatamos que os resultados foram bastante proveitosos. Isto pôde ser observado a partir das vivências diárias com os alunos e as alunas, e, também, por meio das análises da pesquisa, apresentadas no último capítulo deste material.

Vale lembrar, que para que esta pesquisa interventiva se efetivasse, foi imprescindível utilizar o aparato teórico de autores que validam o poder transformador da literatura, como Todorov (2009), Barthes (2015), Candido (2011), Piglia (2004), dentre outros, os quais deram um suporte para o construto deste trabalho.

Ora, de tudo que dissemos até aqui, fica evidente o potencial formador da literatura, sobretudo no contexto de sala de aula, e, de forma prática, evidencia a necessidade de qualificar

os atos de leitura implementados nas escolas. Sob esse viés, foi possível observar o envolvimento dos alunos nas ações propostas, a atenção dada por eles no momento de escuta dos contos, bem como a seriedade com que a maioria se propunha, quando eram lançadas proposições voltadas para a realização de atividades, em formato individual ou na coletividade. Acreditamos que todas as formas de agrupamento são importantes e cada uma delas favorece aprendizagens diferentes.

Essas posturas foram reflexos do meu compromisso e comprometimento com a pesquisa, ao detalhar para os estudantes os propósitos de cada atividade a ser desenvolvida e motivá-los a participar das aulas, assim como revela a convicção do poder que os textos literários podem repercutir nas atitudes e comportamentos dos sujeitos.

Dessa forma, o estudo mostrou que as práticas de leitura literária em aulas de Língua Portuguesa, configuram-se como uma proposta de trabalho eficaz no desenvolvimento de habilidades, como a de inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo em textos literários.

Por tudo isso, e muito mais, constatamos que as reflexões, os estudos e as pesquisas realizadas no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras, pela Universidade Federal de Sergipe, campus de São Cristóvão, foram acertadamente significativas para meu crescimento, enquanto pessoa humana e professora pesquisadora que sou hoje. Para além do desejo precípua de adentrar em uma universidade pública e ingressar em curso de Mestrado, reservo em meu interior uma gratidão especial a todos(as) professores(as), com quem tive a oportunidade de viver experiências produtivas científicas e humanas, cujas atitudes foram sempre convidativas para meu aperfeiçoamento.

Para mim, restam as possibilidades futuras de ampliar meus estudos e minha pesquisa, respaldadas na expectativa de cursar o doutorado e contribuir continuamente com a educação de meu território e, de forma extensiva, de nosso país. Falamos do alcance a este último, pois sabemos que este material será disponibilizado em repositório institucional da universidade, como forma de replicação em outros contextos educacionais. E se assim o fizerem, eis aí um grande avanço.

Ademais, deixamos, aqui, demarcados esses caminhos para pesquisas futuras e concluímos este texto expressando nosso desejo de que as propositivas apresentadas sejam utilizadas nas aulas de Língua Portuguesa. Nosso intento é que tais propostas contribuam para o fortalecimento de um trabalho, que tenha como cerne, a formação de leitores literários capazes de posicionar-se criticamente em seu contexto social, conhecendo a si mesmos e empenhando-se em transformar sua realidade. Eis, portanto, o primoroso convite enviado a vocês!

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Alexandre de Melo; ROZA, Edleide Santos; DAMACENO, Taysa Mércia dos Santos Souza. **Gêneros da linguagem: intersemioses e práticas de multiletramentos na escola**. 1ª ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2022.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português - encontro & interação**. 8ª edição. São Paulo: Parábola, 2009. Pp. 45-46.
- AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin de; FREITAG, Raquel Meister Ko. **Registros de Práticas Pedagógicas: o potencial do caderno pedagógico e do módulo didático**. 1ª ed. Campinas – SP: Pontes Editores, 2020.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Global, 2004. 1. Ed., 9ª reimpressão.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul; Duas Cidades, 2004. p. 169-191.
- CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.
- CINTRA, Anna Maria Marques; PASSARELI, Lílian Ghiuro. O que é e para que serve a escrita. In: **Leitura e produção de texto**. São Paulo: Blucher, 2011. pp. 95 – 109.
- CORTAZAR, Julio. **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arriguet Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2021.
- DALVI, Maria Amélia. **A mediação da leitura literária**. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/46526>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.
- Documento curricular referencial da Bahia para educação infantil e ensino fundamental (v. 1) / Secretaria da Educação do Estado da Bahia. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.
- LEFFA, Vilson Jose. **Fatores da Compreensão Na Leitura**. Cadernos do IL, Porto Alegre, v.15, 1996.

LISPECTOR, Clarice. **Uma galinha**. In: LISPECTOR, C. Todos os contos. Rio de Janeiro: Rocco, 2016b, pp. 156-158.

Literatura na educação básica: propostas, concepções, práticas. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/7896>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumo, resenhas**. 12ª ed. São Paulo: Atlas, 2014.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ORMUNDO; SINISCALCHI; Wilton & Siniscalchi. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem**. 1 ed. 7 ano. São Paulo: Moderna, 2018.

PASSARELLI, Lílían Ghiuro. Da teoria à prática: o lúdico e o processual na produção do texto narrativo. In: **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Cortez, 2012. pp. 177 – 238.

PASSARELLI, Lílían Ghiuro. **Ensinando a escrita: o processual lúdico**. 3ª Edição. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: **Formas breves**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MACHADO, Anna Rachel; ABREU-TARDELLI, Lília; LOUSADA, Eliane. **Resenha**. São Paulo: Parábola, 2004.

TELLES, Lygia Fagundes. Natal na Barca. In: **Antes do Baile Verde**. Niterói, Rio de Janeiro: EDUFF, 1999.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Literatura não é teoria, é paixão**. Revista BRAVO. Ano 12, n. 150, p.38-39, fev – 2010.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. 11 edição. São Paulo: Ática, 1990.

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000269.pdf>. Acesso em: 12 de junho de 2023

ANEXOS

ANEXO A: INSTRUMENTO DE PESQUISA I

QUESTIONÁRIO INICIAL

As questões propostas abaixo têm como objetivos:

- Conhecer melhor você, que é aluno do 8º ano da Escola Municipal Monteiro Lobato, do turno vespertino.
- Utilizar esse conhecimento como objeto de estudo/pesquisa (em que está garantido o sigilo das informações prestadas por você) e também para a elaboração de um planejamento adequado às suas necessidades de aprendizagem.

INSTRUÇÕES:

- Responda às questões com calma, buscando ser sincero(a) e expondo sempre a verdade.
- A este questionário não será atribuída nota, mas é muito importante para o aprimoramento das atividades em sala de aula, visando sempre sua aprendizagem.

PARTE 1 – Vamos conhecer você

1. Qual seu nome completo? _____
 2. Qual sua data de nascimento? _____
 3. Em que cidade e estado você nasceu? _____
 4. Em que bairro mora? _____
 5. Com quem você mora? _____
 6. Que atividades culturais são oferecidas em seu bairro?

() Show

() Dança

() Capoeira

() Apresentação musical

() Outra _____
 7. Você participa de alguma delas? Qual? _____
-
8. Quais destas atividades você faz em seu tempo livre? (Se faz mais de uma delas, você pode numerar por ordem de maior frequência com que faz).

() Assistir televisão

() Acessar redes sociais

() Escutar música ou rádio

() Passear em parques/prças

() Reunir-se com amigos ou família

() Escrever

() Assistir vídeos

() Jogar videogames

() Sair com amigos

() Ler (jornais, revistas, livros, textos na Internet)

() Navegar na Internet

() Ir a eventos no município

() Fazer compras

() Ir à igreja

() Desenhar, pintar ou fazer artesanato

() Viajar

PARTE 2 – Sua relação com a leitura

1. Você gosta de ler? () Sim () Não

1.1 Justifique sua resposta:

2. O que você mais gosta de ler? (Pode marcar mais de uma alternativa)

() Revistas () Livros didáticos () Livros religiosos
() Livros literários () Jornais () Panfletos () Redes sociais
() Outros Quais: _____

3. Quando você quer ler, que assunto(s) mais lhe interessa(m)?

4. Onde você tem maior contato com a leitura?

() Na biblioteca () Na casa de outras pessoas
() Na igreja () Na escola () Em sua própria casa
() Outros lugares Quais: _____

5. Na escola, você tem aulas de “leitura”? () Sim () Não

5.1 Como são essas aulas?

6. Na sua família, outras pessoas têm o costume de ler? () Sim () Não

6.1 Quem são essas pessoas? O que elas leem? _____

7. Qual gênero literário você costuma ter mais acesso na escola?

() Conto () Crônica
() Romance () Teatro
() Poema

8. Dentre eles, destaque aquele gênero que você mais se identifica. Justifique o porquê de sua escolha. _____

PARTE 3 – Sua relação com a escrita

1. Você costuma escrever? () Sim () Não

1.1 Sobre o que escreve?

2. Em qual desses lugares você mais escreve?

() Em casa () Na escola () Na igreja

() Outros Quais? _____

3. Onde você mais escreve?

() Caderno () Computador () Livro () Diário () Celular

() Outro Qual? _____

4. Na sua família, as pessoas têm o costume de escrever? () Sim () Não

4.1 Quem são essas pessoas?

4.2 Sobre o que elas (as pessoas da sua família) escrevem?

5. Na escola, você tem aulas de “escrita”? () Sim () Não

5.1 Como são essas aulas? _____

6. Ao escrever um texto você tem o hábito de reler o que produziu, melhorando sua escrita?

Agradecemos sua contribuição! Sua participação foi muito importante para nós!

“Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente a cabeça é: porque ela me ajuda a viver.”

Tzvetan Todorov



ANEXO B: INSTRUMENTO DE PESQUISA II**QUESTIONÁRIO FINAL****INSTRUÇÕES:**

- Responda às questões com calma, buscando ser sincero(a) e expondo sempre a verdade.

PARTE 1 – Identificação

1. Qual seu nome completo?

2. Qual sua data de nascimento? _____

PARTE 2 – Sua relação com a leitura

1. Você gosta de ler? () Sim () Não

1.1 Justifique sua resposta:

2. O que você mais gosta de ler? (Pode marcar mais de uma alternativa)

() Revistas () Livros didáticos () Livros religiosos
() Livros literários () Jornais () Panfletos () Redes sociais
() Outros Quais: _____

3. Quando você quer ler, que assunto(s) mais lhe interessa(m)?

4. Onde você tem maior contato com a leitura?

() Na biblioteca () Na casa de outras pessoas
() Na igreja () Na escola () Em sua própria casa
() Outros lugares Quais: _____

5. Qual gênero literário você mais se identifica?

() Conto () Crônica
() Romance () Teatro
() Poema

Justifique o porquê de sua escolha. _____

PARTE 3 – Sua relação com a escrita

1. Você costuma escrever? () Sim () Não

1.1 Sobre o que escreve?

2. Como foi sua experiência ao escrever a resenha literária. Por quê?

() Ruim () Boa () Ótima

3. Seu colega o ajudou na produção do texto? () Sim () Não

PARTE 4 – Sua experiência com os contos estudados

1. Você tem costume de fazer leituras de contos por conta própria ou apenas quando solicitadas pela escola?

2. Você já conhecia os contos e os autores estudados?

3. Você gostou dos contos estudados? Por quê?

4. Qual dos contos lidos você gostou mais? Por quê?

5. Escolha a parte do conto que achou mais comovente e escreva.

6. Você gostou das discussões sobre os contos desenvolvidas em antes e depois da leitura dos textos? Fez você entender os contos?

7. Você se identificou com algum personagem ou com alguma situação/conflito presente nos contos? Qual/quais?

8. No momento da leitura do conto, você sentiu dificuldades em entender o conto? Quais?

9. Os contos literários ajudaram você a entender e discutir assuntos que ocorrem em seu dia a dia?

10. Considera que a leitura de um conto ajuda você a refletir sobre aspectos do mundo, desenvolve seu pensamento crítico e sua escrita criativa?

11. Você indicaria a leitura dos contos para um amigo (a)? Por quê?

12. Você gostaria de ler outros contos?

Agradecemos sua contribuição! Sua participação foi muito importante para nós!

ANEXO C: CONTOS UTILIZADOS NA PESQUISA

Conto 1: Um Apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu.

Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic plic-plic* da agulha no pano.

Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando

compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Machado de Assis

Conto 2: A moça tecelã

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comida. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

Marina Colasanti

Conto 3: Natal da Barca

Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão. Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança e eu.

O velho, um bêbado esfarrapado, deitara-se de comprido no banco, dirigira palavras amenas a um vizinho invisível e agora dormia. A mulher estava sentada entre nós, apertando nos braços a criança enrolada em panos. Era uma mulher jovem e pálida. O longo manto escuro que lhe cobria a cabeça dava-lhe o aspecto de uma figura antiga.

Pensei em falar-lhe assim que entrei na barca. Mas já devíamos estar quase no fim da viagem e até aquele instante não me ocorrera dizer-lhe qualquer palavra. Nem combinava mesmo com uma barca tão despojada, tão sem artifícios, a ociosidade de um diálogo. Estávamos sós. E o melhor ainda era não fazer nada, não dizer nada, apenas olhar o sulco negro que a embarcação ia fazendo no rio.

Debrucei-me na grade de madeira carcomida. Acendi um cigarro. Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era Natal.

A caixa de fósforos escapou-me das mãos e quase resvalou para o rio. Agachei-me para apanhá-la. Sentindo então alguns respingos no rosto, inclinei-me mais até mergulhar as pontas dos dedos na água.

— Tão gelada — estranhei, enxugando a mão.

— Mas de manhã é quente.

Voltei-me para a mulher que embalava a criança e me observava com um meio sorriso. Sentei-me no banco ao seu lado. Tinha belos olhos claros, extraordinariamente brilhantes. Reparei que suas roupas (pobres roupas puídas) tinham muito caráter, revestidas de uma certa dignidade.

— De manhã esse rio é quente — insistiu ela, me encarando.

— Quente?

— Quente e verde, tão verde que a primeira vez que lavei nele uma peça de roupa pensei que a roupa fosse sair esverdeada. É a primeira vez que vem por estas bandas?

Desviei o olhar para o chão de largas tábuas gastas. E respondi com uma outra pergunta:

— Mas a senhora mora aqui perto?

— Em Lucena. Já tomei esta barca não sei quantas vezes, mas não esperava que justamente hoje...

A criança agitou-se, choramingando. A mulher apertou-a mais contra o peito. Cobriu-lhe a cabeça com o xale e pôs-se a niná-la com um brando movimento de cadeira de balanço. Suas mãos destacavam-se exaltadas sobre o xale preto, mas o rosto era sereno.

— Seu filho?

— É. Está doente, vou ao especialista, o farmacêutico de Lucena achou que eu devia ver um médico hoje mesmo. Ainda ontem ele estava bem mas piorou de repente. Uma febre, só febre... Mas Deus não vai me abandonar.

— É o caçula?

Levantou a cabeça com energia. O queixo agudo era altivo mas o olhar tinha a expressão doce.

— É o único. O meu primeiro morreu o ano passado. Subiu no muro, estava brincando de mágico quando de repente avisou, vou voar! E atirou-se. A queda não foi grande, o muro não era alto, mas caiu de tal jeito... Tinha pouco mais de quatro anos.

Joguei o cigarro na direção do rio e o toco bateu na grade, voltou e veio rolando aceso pelo chão. Alcancei-o com a ponta do sapato e fiquei a esfregá-lo devagar. Era preciso desviar o assunto para aquele filho que estava ali, doente, embora. Mas vivo.

— E esse? Que idade tem?

— Vai completar um ano. — E, noutro tom, inclinando a cabeça para o ombro: — Era um menino tão alegre. Tinha verdadeira mania com mágicas. Claro que não saía nada, mas era muito engraçado... A última mágica que fez foi perfeita, vou voar! disse abrindo os braços. E voou.

Levantei-me. Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade. Mas os laços (os tais laços humanos) já ameaçavam me envolver. Consegui evitá-los até aquele instante. E agora não tinha forças para rompê-los.

— Seu marido está à sua espera?

— Meu marido me abandonou.

Sentei-me e tive vontade de rir. Incrível. Fora uma loucura fazer a primeira pergunta porque agora não podia mais parar, ah! aquele sistema dos vasos comunicantes.

— Há muito tempo? Que seu marido...

— Faz uns seis meses. Vivíamos tão bem, mas tão bem. Foi quando ele encontrou por acaso essa antiga namorada, me falou nela fazendo uma brincadeira, a Bila enfeiou, sabe que de nós dois fui eu que acabei ficando mais bonito? Não tocou mais no assunto. Uma manhã ele se levantou como todas as manhãs, tomou café, leu o jornal, brincou com o menino e foi trabalhar. Antes de sair ainda fez assim com a mão, eu estava na cozinha lavando a louça e ele me deu um adeus através da tela de arame da porta, me lembro até que eu quis abrir a porta, não gosto de ver ninguém falar comigo com aquela tela no meio... Mas eu estava com a mão molhada.

Recebi a carta de tardinha, ele mandou uma carta. Fui morar com minha mãe numa casa que alugamos perto da minha escolinha. Sou professora.

Olhei as nuvens tumultuadas que corriam na mesma direção do rio. Incrível. Ia contando as sucessivas desgraças com tamanha calma, num tom de quem relata fatos sem ter realmente participado deles. Como se não bastasse a pobreza que espiava pelos remendos da sua roupa, perdera o filhinho, o marido, via pairar uma sombra sobre o segundo filho que ninava nos braços. E ali estava sem a menor revolta, confiante. Apatia? Não, não podiam ser de uma apática aqueles olhos vivíssimos, aquelas mãos enérgicas. Inconsciência? Uma certa irritação me fez andar.

— A senhora é conformada.

— Tenho fé, dona. Deus nunca me abandonou.

— Deus — repeti vagamente.

— A senhora não acredita em Deus?

— Acredito — murmurei. E ao ouvir o som débil da minha afirmativa, sem saber por quê, perturbei-me. Agora entendia. Aí estava o segredo daquela segurança, daquela calma. Era a tal fé que removia montanhas...

Ela mudou a posição da criança, passando-a do ombro direito para o esquerdo. E começou com voz quente de paixão:

— Foi logo depois da morte do meu menino. Acordei uma noite tão desesperada que saí pela rua afora, enfiei um casaco e saí descalça e chorando feito louca, chamando por ele! Sentei num banco do jardim onde toda tarde ele ia brincar. E fiquei pedindo, pedindo com tamanha força, que ele, que gostava tanto de mágica, fizesse essa mágica de me aparecer só mais uma vez, não precisava ficar, se mostrasse só um instante, ao menos mais uma vez, só mais uma! Quando fiquei sem lágrimas, encostei a cabeça no banco e não sei como dormi. Então sonhei e no sonho Deus me apareceu, quer dizer, senti que ele pegava na minha mão com sua mão de luz. E vi o meu menino brincando com o Menino Jesus no jardim do Paraíso. Assim que ele me viu, parou de brincar e veio rindo ao meu encontro e me beijou tanto, tanto... Era tamanha sua alegria que acordei rindo também, com o sol batendo em mim.

Fiquei sem saber o que dizer. Esbocei um gesto e em seguida, apenas para fazer alguma coisa, levantei a ponta do xale que cobria a cabeça da criança. Deixei cair o xale novamente e voltei-me para o rio. O menino estava morto. Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. Estava morto. A mãe continuava a niná-lo, apertando-o contra o peito. Mas ele estava morto.

Debrucei-me na grade da barca e respirei penosamente: era como se estivesse mergulhada até o pescoço naquela água. Senti que a mulher se agitou atrás de mim

— Estamos chegando — anunciou.

Apanhei depressa minha pasta. O importante agora era sair, fugir antes que ela descobrisse, correr para longe daquele horror. Diminuindo a marcha, a barca fazia uma larga curva antes de atracar. O bilheteiro apareceu e pôs-se a sacudir o velho que dormia:

— Chegamos!... Ei! chegamos!

Aproximei-me evitando encará-la.

— Acho melhor nos despedirmos aqui — disse atropeladamente, estendendo a mão.

Ela pareceu não notar meu gesto. Levantou-se e fez um movimento como se fosse apanhar a sacola. Ajudei-a, mas ao invés de apanhar a sacola que lhe estendi, antes mesmo que eu pudesse impedi-lo, afastou o xale que cobria a cabeça do filho.

— Acordou o dorminhoco! E olha aí, deve estar agora sem nenhuma febre.

— Acordou?!

Ela sorriu:

— Veja...

Inclinei-me. A criança abriu os olhos — aqueles olhos que eu vira cerrados tão definitivamente. E bocejava, esfregando a mãozinha na face corada. Fiquei olhando sem conseguir falar.

— Então, bom Natal! — disse ela, enfiando a sacola no braço.

Sob o manto preto, de pontas cruzadas e atiradas para trás, seu rosto resplandecia. Apertei-lhe a mão vigorosa e acompanhei-a com o olhar até que ela desapareceu na noite.

Conduzido pelo bilheteiro, o velho passou por mim retomando seu afetuoso diálogo com o vizinho invisível. Saí por último da barca. Duas vezes voltei-me ainda para ver o rio. E pude imaginá-lo como seria de manhã cedo: verde e quente. Verde e quente.

Lygia Fagundes Telles

Conto 4: Uma galinha

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã.

Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi, pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto voo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou — o tempo da cozinheira dar um grito — e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro voo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde está, hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa.

De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre. Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga.

Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou, respirando, abotoando e desabotoando os olhos.

Seu coração, tão pequeno num prato, solevava e abaixava as penas, enchendo de tepidez àquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarrecida. Mal, porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos:— Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem!

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave, nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

— Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

— Eu também! jurou a menina com ardor. A mãe, cansada, deu de ombros.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: "E dizer que a obriguei a correr naquele estado!" A

galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícios da grande fuga — e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo — se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar.

Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria, mas ficaria muito mais contente.

Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho — era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se os anos.

Clarice Lispector

APÊNDICES

APÊNDICE I: CADERNO PEDAGÓGICO

APÊNDICE II: E-BOOK DE LEITURA LITERÁRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Experiências com
contos:
um convite à fruição
literária

Maria Conceição Oliveira da Paz



CARTA CONVITE

Estimado professor, estimada professora,

É com imensa satisfação que convidamos você, docente de língua portuguesa, a dialogar conosco a respeito de uma proposta de trabalho que contempla a leitura e a análise de contos literários, a qual foi aplicada em uma turma de 8º ano do ensino fundamental. Esta ação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão.

O percurso que empreendemos neste trabalho é resultado da pesquisa implementada no Programa de Mestrado Profissional em Letras, em rede Nacional, o qual tem como objetivo capacitar professores(as) pesquisadores (as) de Língua Portuguesa do ensino básico, no intuito de contribuir para a qualidade do ensino no país, primando por uma prática que amplie o acesso do estudante às múltiplas competências linguísticas.

Apresentamos, pois, este Caderno Pedagógico, recorte do projeto de pesquisa, no qual você encontrará sugestões de atividades para o desenvolvimento de uma prática docente que privilegia a literatura como escopo, a fim de despertar no estudante o gosto e o prazer ao ler um conto, contribuindo, assim, para estabelecer conexões entre o texto literário e sua vida social. Nesse viés, acreditamos nesta proposta porque temos a convicção de que a literatura oferece ao indivíduo possibilidades para refletir sobre seu contexto, a partir da análise e discussão de textos, nesse caso o conto, conduzindo-o a ampliar seu repertório cultural e promovendo avanços significativos no processo de humanização do aluno leitor e da aluna leitora.

Além de endossar a necessidade de se trabalhar o gênero literário em sala de aula, a proposta tem como mérito conduzir os discentes à produção escrita de resenha literária, atividade cujo reconhecimento é evidente devido à função social, bem como pelo papel regulador que assume junto às matrizes de avaliação do ensino ofertado no país.

Este material endossa uma proposta de intervenção que fora realizada na Escola Municipal Monteiro Lobato, em Entre Rios – BA, no período compreendido entre os meses de outubro e novembro de 2023, e teve como cerne a aplicação de uma sequência didática, composta por quatro módulos, organizados em doze aulas. Por se tratar de textos do gênero literário conto, está proposto neste caderno uma metodologia exequível para o atendimento aos anos finais do ensino fundamental, permitindo aos/às professores/as da área de linguagem fazerem adequações na proposta, considerando a realidade, o contexto e o nível de aprendizagem das turmas. Tal condição potencializa o papel do professor de estar atento às necessidades dos estudantes, oportunizando-os condições para avançarem em suas aprendizagens.

Em sua estrutura, o caderno está organizado em três partes: I – Introdução: apresenta breves conceitos sobre o ato de ler, a literatura como possibilidade de humanização do sujeito, o gênero literário conto, caráter processual da escrita e gênero textual resenha literária; II – Atividade prática: apresenta as etapas da sequência didática, detalhando ações e atividades propostas, bem como seus objetivos; III – Palavras finais: tece reflexão sobre a prática pedagógica desenvolvida, assim como sugere leituras e materiais de apoio ao/à professor/a.

Esperamos que este produto sirva como importante instrumento no debate sobre o papel da literatura na forma crítica, humana e cidadã de nossos estudantes. Este projeto segue aberto para adequações que você, caro/a colega, pode fazer, considerando seus propósitos de ensino e de sua turma. Nosso desejo é que as orientações expressas neste caderno sejam fortalecidas e ampliadas em aulas de língua portuguesa e literatura.



Boa leitura.

SUMÁRIO

PARTE I – PALAVRAS INICIAIS	04
PARTE II – OBJETIVOS	08
PARTE III – ATIVIDADE PRÁTICA	09
3.1 Sequência didática	09
3.2 Descrição das ações didáticas	13
PARTE IV – PALAVRAS FINAIS	26
4.1 Materiais de apoio	27
HABILIDADES DA BNCC	28
AGRADECIMENTOS E CRÉDITOS	30
REFERÊNCIAS	31



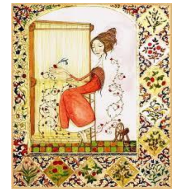
PARTE I: PALAVRAS INICIAIS

EXPERIÊNCIAS DE LEITURAS COM CONTOS LITERÁRIOS: COSTURANDO IDEIAS E AMPLIANDO SABERES



Iniciamos a nossa conversa, dizendo a vocês, caros(as) colegas professoras(as), que, a partir desta seção, faremos uma breve abordagem sobre três conceitos básicos que norteiam a sequência didática proposta neste caderno pedagógico. O primeiro, refere-se ao trabalho com leitura literária, tão necessária em aulas de Língua Portuguesa, bem como falaremos sobre a importância da literatura no processo de humanização dos sujeitos; o segundo, trata do gênero literário conto e seus efeitos positivos no processo de ensino e aprendizagem; no último tópico, daremos voz ao caráter processual da escrita orientado por meio da produção de resenhas literárias.

TECENDO COMENTÁRIOS SOBRE LEITURAS LITERÁRIAS E A FORMAÇÃO HUMANA



No âmbito escolar, o compromisso com a formação de leitores literários deve ser uma prioridade em aulas de Língua Portuguesa. Oferecer momentos para a leitura e o estudo de textos literários ao educando, são possibilidades importantes para conduzi-los à reflexão de sua vida, capacitando-os a entender como a literatura tem o poder de aproximar o leitor do texto. É por meio das relações estabelecidas com as vivências e com o conhecimento dos estudantes, que serão fortalecidas e ampliadas sua atuação crítica frente à realidade e ao contexto histórico e social em que se encontra o leitor.

Sabemos que a leitura é fundamentalmente considerada como uma atividade sociointerativa, pois, estão imbricadas nesse processo, a participação e os diálogos entre o leitor e o texto. Nesse diálogo existe, por um lado, a voz do autor, que produziu seu texto de acordo com seu ponto de vista e dentro de um determinado contexto. E, por outro lado, há o leitor, que cumpre o papel de reconhecer o texto, posicionando-se diante dele, por meio de uma postura pensante e atitude crítica. Para que essa relação se concretize, o(a) educador(a), ao exercer seu papel de mediador(a), deve oferecer aos(as) estudantes textos que tenham sentido para eles(as) e que ampliem suas possibilidades de compreensão de si mesmo e do mundo à sua volta.

Em vista disso, o texto literário exerce uma importante função, sobretudo no que se refere ao seu potencial formador associado às práticas de leitura escolares. Sem dúvida, a literatura tem a poder de dar sentido aos sentimentos do mundo, ela nos organiza e nos humaniza. (Candido, 2011).

Assim, à luz do que nos diz Candido (2011), convém realçarmos suas palavras dizendo que o ensino da literatura precisa fazer parte do dia a dia da escola, pois é ela um instrumento poderoso de instrução e de humanização. E por humanização, compreendemos o processo de socialização do sujeito ao permitir que ele compreenda a si mesmo e reflita sobre o que o cerca, tornando-se capaz de mudar sua realidade e a maneira de ver o mundo.

Ademais, a partir do contato com a obra literária, o estudante consegue discutir ideias e se torna um ser mais crítico e mais ativo diante de sua realidade. Nessa linha de compreensão, é necessário evidenciar a colaboração da normativa da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Nela, a abordagem da literatura está presente no campo artístico-literário, que traz como objetivo, promover o contato dos estudantes com diversas manifestações artísticas, em especial as literárias. A perspectiva adotada pelo documento, é a de que a formação do leitor literário aconteça por meio da função utilitária da literatura, na qual dê vez à dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, reforçando a ideia de que o leitor “seja capaz de implicar na leitura dos textos, de desvendar suas camadas de sentido, de responder às duas demandas” (Brasil, 2018).

Como vimos, o trabalho com leitura literária emerge de um compromisso da escola para fomentar a formação de um sujeito crítico e humano, capaz de compartilhar impressões com outros leitores, no exercício contínuo do diálogo, manifestado mediante práticas orais e escritas. Sem dúvida, esta proposta vem realçar o trabalho com o gênero literário conto, exibindo uma metodologia exequível em sala de aula do ensino fundamental, adaptável, inclusive, para as diferentes realidades em cada ano da escolaridade.

DIÁLOGOS SOBRE O CONTO



Neste caderno pedagógico, propomos um trabalho com contos literários, os quais, em concordância com Gotlib (1990), apresentam como uma de suas características a narrativa de um acontecimento de interesse humano. A autora enfatiza que a construção de narrativas ocorre no conto na perspectiva “de conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeito”. (Gotlib, 1990).

Os contos que compõem este projeto, apresentam possibilidades pedagógicas que favorecem a construção de um ambiente dialógico, movido por práticas de incentivo à leitura, à oralidade e à produção de textos. O estudo dos contos literários aqui apresentados contempla esses três eixos.

Para que consigamos um resultado satisfatório na leitura e compreensão dos contos, é necessário potencializar o conhecimento dos estudantes sobre o texto narrativo e os elementos constituintes dessa tipologia. A partir dessa abordagem, eles passam a entender as características da narrativa, como o estilo do texto, a configuração do tempo, o conflito existente na trama, entre outros elementos que nós professores podemos ajudá-los a compreender.

Em termos práticos, na sequência didática que será detalhada a seguir, contemplamos os contos “Um apólogo”, de Machado de Assis; “A moça tecelã”, de Marina Colasanti; “Natal da Barca”, de Lygia Fagundes Telles; e “Uma galinha”, de Clarice Lispector. Estamos certos de que estes *contos* permitem desenvolver no estudante a capacidade de realizar uma leitura dinâmica, aproximando-os de seu contexto de vida, visto que mesmo que os *contos* tenham sido publicados em momentos histórico-culturais diferentes do atual, as situações e os conflitos se colocam próximos de nossa experiência de vida. Assim, recomendamos a leitura literária desses contos, escritos por autores tão significativos para a literatura nacional, pois, a nosso ver, são portadores de temáticas atuais, além de serem providos de uma linguagem acessível ao público dos anos finais do ensino fundamental.

Ao trabalhar o gênero conto em sala de aula, é necessário que o educador desenvolva estratégias de leitura que ajudem os estudantes em sua compreensão leitora, levando-os a perceber a utilização do texto que foi submetido à leitura e à análise, associando os fatos da narrativa aos contextos de vida.

Nesse caminhar, para os momentos de leitura e análise dos contos, propomos o aporte teórico de Cosson (2021), quando aponta três etapas como partes constituintes e, ao mesmo tempo, complementares do processo de leitura, são elas:

Antecipação - nela são estabelecidas as conexões realizadas pelo leitor antes de adentrar no texto. Segundo o autor, estão contidas nessa fase as observações dos elementos que compõem a materialidade textual, como capa, título da obra, número de páginas, entre outros.

Decifração - se concretiza ao ter acesso ao texto literário por meio das letras e das palavras. Para Cosson (2021), quanto maior a familiaridade e domínio do leitor à prática da leitura, melhor será seu entendimento ao texto lido.

Interpretação - está atrelada às relações estabelecidas pelo leitor ao ler e processar um texto. Nesse estágio, o processamento das informações acontece por meio das inferências que conduzem o leitor a interpretar as palavras de acordo com sua visão de mundo. Assim, “interpretar é dialogar com o texto, tendo como limite o contexto.” (Cosson, 2021).

Os contos presentes na sequência didática apresentam uma atmosfera reflexiva, pelo fato de não se limitar em uma narrativa de acontecimentos, mas sim, às reações que os acontecimentos provocam nas personagens. Nesse caso, o leitor, ao acessar o conteúdo dos textos literários, se reconhece diante dos conflitos e das inquietações vividas pelas personagens. A partir desse reconhecimento, além de construir diálogos com a leitura realizada, os contos podem provocar nesses leitores encontros com suas realidades, resultando em reflexões, bem como motivando sua participação, uma vez que os fatos narrados se mostram abertos às interpretações e complementações.

Para continuar nosso diálogo, é importante darmos ênfase, também, ao trabalho com a escrita, pois, aliada à leitura, tornam-se ferramentas essenciais na formação do indivíduo, abrindo novas perspectivas para o aluno e, sobretudo, influenciando-o a interagir em seu meio social e aprender coisas novas, ao longo de sua vida. Desenvolver estratégias de leitura e de escrita em sala de aula, são processos que precisam ser ensinados aos alunos. É necessária a mediação do professor para que os alunos adquiram autonomia e desenvolvam a competência leitora e escritora. Para ajudá-los nesta reflexão, vamos falar um pouco de escrita?

PREPARANDO A ESCRITA PARA RESENHAR

Como uma das modalidades de uso da língua, a escrita cumpre um papel importante no contexto social. Ela está presente em inúmeras atividades desempenhadas por pessoas, como por exemplo, no trabalho, na vida social, no ambiente familiar, em tantas outras situações que envolvem participação de sujeitos. Nesse sentido, é evidente que no contexto escolar o tratamento dado à escrita requer um trabalho mediado por um planejamento que privilegie a produção de textos como processos e “[...] trabalhar o processo de escrita exige do professor uma capacidade de ajudar seu aluno a utilizar, inventar e/ou adaptar as estratégias produtivas de criação textual.” (Passarelli; Cintra, 2011. p. 97).

Como parte do desenvolvimento de produção textual, segundo Passarelli (2012), existe o momento de revisão no qual o autor inicia uma retomada do seu texto para verificar se as construções estão de acordo com as suas intenções, bem como observando se as ideias expressas estão claras e coerentes, adequando-as ao destinatário-leitor. A atividade de escrita torna-se



uma atividade interativa de manifestação verbal de alguém para outra pessoa. (Antunes, 2009).

Sob essa perspectiva, fica claro que uma proposta que privilegia a escrita de resenhas literárias, resultantes da leitura de contos, reforça um trabalho de muita relevância para o ensino de língua portuguesa. Esse tipo de prática possibilita ao(à) aluno(a) leitor(a) o desenvolvimento de sua capacidade de compreensão leitora, bem como o(a) ajuda a buscar argumentos para expor suas apreciações, comentários e/ou críticas sobre o texto.

PARTE II: OBJETIVOS

Esta proposta de intervenção tem como propósito promover a formação leitora de estudantes do 8º ano do ensino fundamental, a partir da leitura e da reflexão de *contos* literários, a fim de fomentar o prazer pelo texto literário e ampliar seu repertório de leitura e de escrita, por meio da produção de resenhas literárias. Para alcançar este propósito, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Fomentar o gosto do aluno pelo texto literário por meio da leitura de *contos*;
- ✓ Possibilitar a leitura de *contos* com diferentes temáticas, partindo de reflexões dos próprios estudantes a fim de que eles possam estabelecer relações dos textos lidos com seus contextos de vida;
- ✓ Reconhecer o gênero conto como texto literário capaz de promover a formação de sujeitos críticos que refletem e agem sobre a realidade na qual estão inseridos;
- ✓ Apresentar o gênero resenha literária e suas características, a fim de desenvolver a capacidade argumentativa do estudante, com foco na exposição de suas apreciações e posicionamento diante do estudo dos contos literários;
- ✓ Mobilizar os estudantes a produzir resenhas de indicação literária, comentando-as e recomendando-as aos colegas em situações coletivas e colaborativas;
- ✓ Levar o estudante a compreender que escrever é (também) reescrever, considerando sua produção textual como um objeto a ser retrabalhado;
- ✓ Produzir um livro virtual, e-book, com o conteúdo das resenhas literárias elaboradas pelos estudantes.

PARTE III: ATIVIDADE PRÁTICA

3.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

É chegado o momento tão esperado! Vocês, caros(as) colegas professores(as), a partir de agora, terão acesso às aulas que compõem nossa sequência didática, que se constitui por quatro módulos. Cada módulo é composto por uma determinada quantidade de aulas, totalizando doze. Esperamos que elas sirvam de apoio para o desenvolvimento de uma ação pedagógica mediada por uma prática da leitura literária de contos, em sala de aula. Vejamos, então, esse desdobramento:

QUADRO-SÍNTESE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

MÓDULO I: CONCEITUANDO O GÊNERO CONTO

ETAPAS	ATIVIDADES	TEMPO
1. Dinâmica de motivação: entrega de um convite personalizado para a turma. 2. Apresentação do gênero textual <i>Conto</i> ;	- Entrega de convite à turma, motivando-a a participar ativamente das aulas que farão parte do projeto. - Apresentação da proposta de trabalho: objetivos a serem alcançados, gênero literário a ser estudado, tempo de duração do projeto e forma de avaliação; - Apresentação de informações relevantes sobre o gênero literário conto: elementos e estrutura narrativa.	1 hora/aula
3. Leitura e análise do <i>Conto</i> “Um apólogo”, de Machado de Assis;	- Realização de uma dinâmica para estudo do conto: dispor a turma em semi-círculo e mostrar um novelo de linha com uma agulha. Orientar que os objetos devem circular nas mãos de todos os estudantes. Após essa ação, deve-se realizar uma reflexão sobre a utilidade de cada item apresentado, incentivando a turma a expressar-se oralmente a respeito da função de cada elemento de costura. - Apresentação do conto “Um apólogo”, de Machado de Assis. Esse conto será utilizado como texto motivador, para ajudar os estudantes no entendimento sobre o gênero, bem como sobre as possibilidades de reflexão de sua vida.	1 hora/aula

	- Conhecimento da vida do autor e da obra de onde foi extraído o conto em estudo. - Diálogo com os estudantes sobre os sentidos do <i>conto</i>, deixando-os expressar-se livremente acerca dos significados da narrativa e suas relações com o cotidiano.	
4. Interpretação oral e escrita do conto; Confecção de painel com impressões dos estudantes sobre o Conto “Um apólogo”, de Machado de Assis.	- Apresentação do conto em vídeo, incentivando o diálogo com a turma, sobre as relações que a narrativa pode estabelecer com seu contexto social. - Confecção de um painel com o título “Costurando ideias”, no qual serão afixadas impressões escritas dos alunos com relação ao conto.	1 hora/aula

MÓDULO II: EXPERIENCIANDO CONTOS LITERÁRIOS

ETAPAS	ATIVIDADES	TEMPO
1. Apresentação oral e em slides das escritoras Clarice Lispector, Marina Colasanti e Lygia Fagundes Telles.	- Breve apresentação em slides do papel da mulher na sociedade atual, fazendo um paralelo com a condição enfrentada pelas mulheres em tempos passados. Após isso, utilizar a temática sobre a mulher para mostrar à turma imagens das autoras que serão trabalhadas nas próximas aulas: Marina Colasanti, Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector. Ler a biografia de cada autora e situar os estudantes sobre suas produções intelectuais. - Apresentação dos títulos dos contos a serem estudados e levantamento de ideias sobre o que cada um pode tratar. Mostrar à turma as obras das autoras, as quais contemplam cada narrativa.	2 hora/aula
2. Estudo dos contos	- Divisão da turma em três grupos, distribuindo os contos “A moça tecelã”, de Marina Colasanti; “Natal na Barca”, de Lygia Fagundes Telles; “Uma galinha”, de Clarice Lispector. Após esta ação, solicitar que os estudantes façam uma leitura silenciosa dos contos, em suas respectivas equipes de estudo;	
3. Leitura e estudo dos contos propostos.	- Escolha voluntária de estudantes por equipe, para fazerem a leitura do conto, em voz alta, mobilizando-os a criar performances para a	

	apresentação.	
4. Análise dos contos.	- Retomada aos contos lidos, dialogando com os estudantes sobre aspectos dos textos, permitindo que eles argumentem sobre os contos e façam relações com sua vida e com seu contexto social; - Incentivo à turma para participar dos diálogos, estimulando as discussões, a fim de desenvolver a compreensão leitora dos alunos, além de ajudá-los a perceber como a literatura consegue tocar as nossas vidas, refletindo em situações vivenciadas no dia a dia das pessoas.	1 hora/aula
5. Interpretação dos textos literários em estudo.	- Retomada aos pontos importantes dos contos lidos, destacando argumentos utilizados pelos estudantes e permitindo que cada um, além de falar de seu conto, expresse sua opinião e ideias acerca dos textos apresentados pelos outros grupos. - Criar um painel com registros escritos das principais informações apresentadas por cada grupo de estudantes. - Lançar um desafio para a turma: cada grupo deverá expressar seu próprio ponto de vista sobre os contos lidos, comentando e recomendando-os aos colegas em situações coletivas e colaborativas.	1 hora/aula

MÓDULO III: RESENHANDO SOBRE CONTOS LITERÁRIOS

ETAPAS	ATIVIDADES	TEMPO
1. Estudo sobre resenha literária	- Conversa informal com a turma a respeito do significado da palavra resenha. Apresentação do gênero textual resenha e suas características. - Apresentação de um exemplo de resenha literária à turma para identificar o ponto de vista do autor sobre o texto, bem como os recursos linguísticos que ele utilizou para expressar sua apreciação ao texto literário; - Leitura e análise de outras resenhas literárias para observar o que se pode dizer sobre uma obra quando se quer recomendá-la a outros leitores.	2 hora/aula

	- Estudo sobre resenhas literárias, reconhecendo-as como textos de indicação que, também, se caracterizam por terem função informativa e argumentativa, cujo objetivo é convencer o leitor a fazer a leitura do texto literário. - Organização dos estudantes em duplas, solicitando que façam a recomendação por escrito do conto lido pelo grupo, o qual fez parte da etapa inicial do projeto.	
4. Produção textual da resenha literária	- Organização de um semicírculo para a socialização das primeiras descobertas sobre as características da resenha literária. Esperamos que os estudantes observem que ela traz um resumo e uma apreciação do texto, ou seja, revela informações do conto, sem dar conta de tudo. - Solicitação aos estudantes para continuarem produzindo sua resenha literária, nas respectivas duplas, seguindo as orientações sobre as características para sua elaboração e atentando-se às impressões deixadas pelo conto, as quais poderão ser inseridas na produção. - Orientação às duplas, esclarecendo dúvidas e mediando a produção das resenhas.	1 hora/aula
5. Revisão textual	- Revisão dos textos escritos (resenhas literárias), elaborados pelas duplas, realizando o processo de feedback feito pelos alunos, com a mediação constante da professora. Esse tipo de <i>feedback</i> consiste em possibilitar que os alunos observem o texto do colega e o ajudem a melhorá-lo.	1 hora/aula
6. Produção de arte/ilustração	- Apresentação de obras de pintura produzidas por artistas plásticos brasileiros que utilizaram sua arte para retratar determinado mundo, seja ele real ou imaginário. - Proposta da produção de uma arte (ilustração), feita pelos alunos, baseada no conto resenhado.	1 hora/aula

MÓDULO IV: PUBLICAÇÃO DE RESENHAS LITERÁRIAS A PARTIR DA LEITURA E FRUIÇÃO DE CONTOS

ETAPAS	ATIVIDADES	TEMPO
1. Edição final do texto	- Edição final do texto (produto final), com disposição da arte/ilustração. Nessa etapa, a professora dará sua contribuição aos textos produzidos pelos estudantes, por meio de seu <i>feedback</i> .	2 hora/aula
2. Publicação das resenhas literárias	- Apresentação oral das resenhas produzidas e posterior publicação, com exposição no mural da escola, a fim de produzir uma comunidade de leitores de contos literários, bem como ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno. Divulgação de livro virtual, e-book, com as produções dos estudantes leitores.	1 hora/aula

3.2 DESCRIÇÃO DAS AÇÕES DIDÁTICAS

Nesta seção, estão descritas algumas atividades selecionadas, a partir da sequência didática apresentada no quadro-síntese deste Caderno Pedagógico. A seleção baseia-se nas ações que demonstraram maior participação dos estudantes, seja individual ou coletivamente, bem como aquelas que foram mais efetivas quanto ao aprendizado da turma.

A ideia é assegurar o compartilhamento de experiências exitosas, possibilitando a você, colega professor(a), a replicação da proposta presente neste material. Reconhecemos, sobretudo, que as realidades das turmas são diferentes e, portanto, este documento segue aberto às adaptações e ajustes necessários às especificidades dos estudantes.

Destarte, no Módulo I, as ações estão descritas evidenciando o gênero conto, numa proposta de diálogos com a turma, para, então, promover a leitura do conto motivador “Um apólogo”, de Machado de Assis, escritor brasileiro que muito influenciou na produção literária nacional. No Módulo II, estão propostos momentos de leitura, análise e discussão dos demais contos apresentados neste caderno, escritos por mulheres consideradas como importantes nomes da literatura brasileira, são elas: Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e Marina Colasanti. No Módulo III, são descritas as ações referentes às características da resenha literária e sua produção textual feita pelos estudantes. Por último, temos o Módulo IV, que descreve o processo de revisão textual, apresentação e publicação das resenhas literárias.

3.2.1 DESCRIÇÃO DE AÇÕES – MÓDULO I

Este módulo centra-se no estudo do gênero conto, com base em suas características e breves considerações acerca de seu contexto histórico. Outro ponto em destaque, é a abordagem referente aos elementos constituintes do texto narrativo. Aqui será feita a leitura e análise do conto “Um apólogo”, de Machado de Assis, como estratégia utilizada para motivar a turma a perceber a literatura e sua relação com situações contextuais dos estudantes.

MÓDULO I: CONCEITUANDO O GÊNERO CONTO

HABILIDADE(S) DA BNCC: EF69LP53

OBJETO DO CONHECIMENTO: Adesão às práticas de leitura

PRÁTICAS DE LINGUAGEM: Leitura



OBJETIVOS DA AULA:

- Identificar as características e elementos constituintes do gênero literário conto.
- Ler o conto “Um apólogo”, de Machado de Assis, estabelecendo relações entre os elementos da narrativa e os contextos sociais.



CONTEÚDOS:

- Gênero literário Conto.
- Elementos constituintes do texto narrativo.
- Leitura de conto literário.

ATIVIDADE 1: Dinâmica introdutória para estudo do conto

Materiais: Um novelo de lã e uma agulha

Tempo estimado: 10 minutos

Descrição: Dispor os alunos em círculo. Pedir para cada um manipular os objetos (novelo e agulha), passando em seguida ao próximo colega. Ao final, quando os itens de costura chegarem ao último participante, o professor recolhe-os e expõe as seguintes perguntas, uma por vez:



- ➡ Pergunta 1: O que vocês observaram nos objetos? Para que servem?
- ➡ Pergunta 2: O que significa cada elemento no processo de costura?
- ➡ Pergunta 3: O que aconteceria se um deles parasse de exercer seu papel?

É importante que o professor dê atenção à participação de cada aluno, motivando-o a comentar suas impressões sobre a dinâmica. A cada questão levantada, deve-se dar um tempo para a turma expressar-se.

ATIVIDADE 2: Leitura e análise do conto “Um apólogo”, de Machado de Assis.



Foco no conteúdo

Antes da leitura - Antecipação

Ação 1: Apresentar o conto “Um apólogo”, de autoria de Machado de Assis.

Ação 2: Levantar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre a palavra “apólogo”, utilizando o dicionário para os devidos esclarecimentos.

Ação 3: Apresentar slides com a biografia do autor, evidenciando sua importância na literatura brasileira, assim como dar destaque à informação de que, mesmo o conto tendo sido escrito no século XIX, suas impressões e sentidos mostram-se atuais.

Ação 4: Expor a obra do autor, na qual está presente o conto em estudo.

Durante a leitura - Decifração

Ação 5: Ler o conto, individualmente, e depois abrir para uma leitura compartilhada, em voz alta, feita pelos alunos.

Ação 6: Levantar as palavras-chave e a ideia principal do texto.



Anote essa dica

Se possível, após a realização da leitura do conto (Ação 5), disponibilize o texto, em slides ou vídeo, para ajudar os estudantes em seu entendimento. Caso tenha aluno surdo, há vídeos do conto “Um apólogo” de Machado de Assis, com interpretação em libras. Isso vai colaborar com a compreensão do texto pelo estudante, fortalecendo sua aprendizagem. Este foi um importante recurso utilizado por nós, durante as aulas.

Você pode encontrar no link https://www.youtube.com/watch?v=tkhvr_vwr-8.0

Após a leitura – Interpretação



Na prática

Ação 7: Fazer uma análise e estudo da narrativa, dando voz aos estudantes, para compartilharem suas impressões e propondo estabelecer relações do texto com sua realidade.

Ação 8: Discutir se as expectativas dos estudantes, em relação ao texto, foram atendidas, estabelecendo conexões com sua vida, em especial.

Ação 9: Construir um painel intitulado “Costurando ideias”, com exposição das impressões e comentários dos alunos em relação ao texto lido.

3.2.2 DESCRIÇÃO DE AÇÕES – MÓDULO II

Neste módulo, realiza-se o estudo dos contos “A moça tecelã” de Marina Colasanti, “Uma galinha” de Clarice Lispector e “Natal na barca” de Lygia Fagundes Telles. A partir das leituras e análises dos contos, serão produzidas as resenhas literárias.

MÓDULO II: EXPERIENCIANDO CONTOS LITERÁRIOS

HABILIDADE(S) DA BNCC: EF69LP44 e EF69LP49

OBJETO(S) DO CONHECIMENTO: Adesão às práticas de leitura

Produção de textos orais

PRÁTICAS DE LINGUAGEM: Leitura

Oralidade



OBJETIVOS DA AULA:

- Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos sob visões de mundo em textos literários.
- Reconhecer nos contos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.
- Apreciar a leitura de contos, refletindo sobre a linguagem de textos literários.
- Promover a humanização do aluno-leitor a partir da representação simbólica dos sentidos constitutivos dos contos.



CONTEÚDOS:

- Leitura de contos.

ATIVIDADE 1: Conhecendo os contos das escritoras Marina Colasanti, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles



Foco no conteúdo

Antes da leitura - Antecipação

Ação 1: Iniciar a aula distribuindo citações de autoria das escritoras Marina Colasanti, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles e pedir para os alunos fazerem a leitura em voz alta, tecendo comentários sobre os textos. Nesse momento, devemos motivá-los a participar livremente da atividade, respeitando os turnos de fala dos colegas.

Ação 2: Projetar a imagem das escritoras que serão estudadas, bem como suas biografias, situando os estudantes sobre suas produções intelectuais.

Ação 3: Expor os títulos dos contos que serão lidos. Apresentar perguntas norteadoras dirigidas à turma, no intuito de criar antecipações e possíveis inferências a respeito dos textos.



Pergunta 1: Sobre o que você pensa que trata o conto?



Pergunta 2: Qual poderia ser o enredo de um conto com esse título?

Durante a leitura - Decifração

Ação 4: Organizar a turma em 3 grupos. Cada grupo ficará com um conto para fazer a leitura entre os participantes, primando para que esse momento ocorra com dinamismo e fluência.

Ação 5: Abrir espaço para uma leitura compartilhada, em voz alta, feita pelos alunos, para que todos conheçam os contos lidos pelos outros grupos.

Ação 6: Levantar as palavras-chave e as ideias principais do texto.

Ação 7: Confrontar se as primeiras respostas dos questionamentos coincidem ou não com as interpretações pós-leitura dos alunos.

ATIVIDADE 2: Interpretação e fruição dos contos

Após a leitura – Interpretação



Na prática

Ação 8: Retomar aos contos lidos, dialogando com os estudantes sobre aspectos dos textos. Abra espaço para que eles argumentem e façam relações com sua vida e com seu contexto social, ajudando-os a perceber como a literatura consegue tocar as nossas vidas, repercutindo em situações vivenciadas no dia a dia das pessoas. Dê espaço para que cada grupo, separadamente, exponha suas impressões.

Ação 9: Apresentar questões norteadoras a cada grupo, no intuito de refletir sobre os sentidos dos contos. Em seguida, compartilhar as conclusões de cada grupo, mediando as participações dos alunos e mobilizando-os aos diálogos e discussões.

PARA REFLETIR SOBRE O CONTO

Título da obra:

Autora:

Personagens:

Síntese da história:

Quais os dilemas da história?

Qual o papel da personagem principal?

Como a personagem principal se comporta? Quais as atitudes marcantes da personagem principal frente às suas escolhas?

Como questões levantadas nessa história surgem na sociedade atual?

Você se identifica com algum personagem na narrativa? Qual?

Relação entre o título e a história:

Podemos estabelecer alguma relação entre os três contos? Quais seriam os pontos em comum?

Por que vocês acham que as personagens não apresentam nomes?

Os questionamentos abrem possibilidades para que os estudantes tenham oportunidades para o exercício da fruição do texto literário, o compartilhamento das impressões e a apreciação da leitura.

Espera-se que a leitura dos contos possibilite aos estudantes fazer relações entre os textos, demonstrando que suas temáticas tornam-se semelhantes, à medida em que suas protagonistas femininas não aceitam o lugar onde estão postas e, no desfecho das narrativas, as surpresas acontecem.



Anote essa dica

Dê espaço para que os estudantes, motivados pelo diálogo, possam expressar-se livremente, de modo a ressignificar o texto. Além disso, é importante identificar, nas personagens de ficção, tipos humanos reais e, a partir dessa leitura, possam fazer relação com os sentimentos que foram despertados na leitura, de forma que os estudantes entendam o poder da literatura.

ATIVIDADE 3:**COMENTÁRIOS**

Ação 10: Convidar a turma a realizar uma segunda leitura do texto. Nesse momento, é oportuno que o professor exiba os contos em vídeos, como suportes na leitura, mediando para que os estudantes participantes de um determinado grupo compartilhem suas impressões sobre os outros contos.

Ação 11: Criar um painel com registros escritos das principais informações e impressões apresentadas, por cada grupo de estudantes.

Ação 12: Lançar um desafio para a turma: cada grupo deverá expressar seu próprio ponto de vista sobre os contos lidos, comentando e recomendando-o aos colegas, em situações coletivas e colaborativas.

3.2.3 DESCRIÇÃO DE AÇÕES – MÓDULO III

Iniciamos, neste módulo, as produções das resenhas literárias. Nele, também, destacaremos o trabalho com os feedbacks, baseado nos estudos de Passarelli (2011). Vale a pena acompanhar cada etapa dessa produção. Estão ansiosos(as)

MÓDULO III: RESENHANDO SOBRE CONTOS LITERÁRIOS

HABILIDADE(S) DA BNCC: EF69LP45 e EF69LP46

OBJETO(S) DO CONHECIMENTO: Adesão às práticas de leitura

Produção de textos orais

Relação entre textos/ Consideração das condições de produção

PRÁTICAS DE LINGUAGEM: Leitura

Oralidade

Produção de textos



OBJETIVOS DAS AULAS:

- Reconhecer as características do gênero resenha.
- Reconhecer a leitura de resenhas como apoio para a escolha de textos literários.
- Revisar/editar o texto produzido, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, características do gênero, aspectos relativos à textualidade e público destinatário.



CONTEÚDOS:

- Gênero textual resenha literária.
- Produção de texto.
- Reescrita de texto.

ATIVIDADE 1: O que é Resenha?

Ação 1: Estabelecer diálogos com os estudantes, incentivando-os a dizer o que é resenhar para eles. É provável que surjam diversos comentários sobre a acepção da palavra. O professor deve contextualizar os exemplos dados pelos alunos, valorizando a participação deles. Depois, exponha slides com explicações dos diversos sentidos da palavra, mostrando o conceito da resenha literária, enquanto gênero informativo e argumentativo, expondo exemplos.

Ação 2: Apresentar um modelo de resenha literária em slides, a fim de ajudar os estudantes a identificarem os argumentos que foram utilizados pelo autor resenhista, para expressar sua apreciação ao texto literário.

Ação 3: Aprofundar o conhecimento sobre resenhas literárias, reconhecendo-as como textos de indicação que, também, se caracterizam por terem função informativa e argumentativa, cujo objetivo é convencer o leitor a fazer a leitura do texto literário.



Saiba mais em: MACHADO, Anna Rachel; ABREU-TARDELLI, Lília; LOUSADA, Eliane. Resenha. São Paulo: Parábola, 2004.

ATIVIDADE 2: Vamos resenhar sobre os contos?

Ação 4: Propor que os estudantes, estando organizados em duplas, façam a recomendação por escrito do conto lido pelo grupo, o qual fez parte da etapa inicial do projeto. Nesse momento, o professor deve orientar as duplas mediando as produções e colaborando no que for necessário. Nesta aula, os alunos produzirão a primeira versão de sua resenha, cujo aprimoramento necessitará de reescritas posteriores.



Anote essa dica

Incentive as duplas a trocarem ideias, pois, a interação é importante para os alunos testarem hipóteses de como escrever o que foi planejado, para que o texto tenha o sentido que pretendem. A produção de um texto exige a mobilização de múltiplos conhecimentos: forma de composição do texto, convenções da escrita, pontuação, paragrafação, organização da argumentação, relação entre os parágrafos, progressão temática e coesão. Enfim, a tarefa de produzir um texto e a troca de ideias entre os componentes da dupla, juntamente com o auxílio do professor, contribuem para que os alunos melhorem seu desempenho a cada produção escrita.

ATIVIDADE 3: Vamos praticar o feedback nas resenhas?



Na prática

Ação 5: Revisar os textos escritos pelas duplas, realizando o processo de feedback feito pelos alunos, com a mediação constante da professora. Esse tipo de *feedback*, consiste em possibilitar que os alunos observem o texto do colega e o ajudem a melhorá-lo.



Anote essa dica

O papel do professor como mediador é de fundamental importância, pois ele auxiliará a turma a dar o *feedback* ao texto do colega, preservando para que o ambiente de aprendizagem seja cordial, imbuído de um clima de confiança e amistosidade.

ATIVIDADE 4: Vamos produzir arte?

Ação 6: Apresentar obras produzidas por artistas plásticos brasileiros que utilizaram sua arte para retratar determinado mundo, seja ele real ou imaginário. Abrir espaço para os estudantes interpretarem as obras, relacionando-as com contextos sociais diversos.



Anote essa dica

Considere os conhecimentos prévios dos alunos ao fazer relações com outro tipo de arte. Cabe a você, como mediador, incentivar os estudantes a observarem certos aspectos que contribuem para a construção dos sentidos dos textos.

Ação 7: Propor aos alunos a produção de uma arte (ilustração), baseada no conto resenhado.

3.2.4 DESCRIÇÃO DE AÇÕES – MÓDULO IV

Este módulo é a conclusão de nossa sequência didática. Nele, apresentamos atividades que visem publicizar os trabalhos produzidos pelos(as) estudantes. Se você chegou até aqui, é porque cada etapa foi valiosa e significativa e culminará, também, de forma muito proveitosa. Continuemos no processo de construção de práticas efetivamente produtivas. Avante!

MÓDULO IV: PUBLICAÇÃO DE RESENHAS LITERÁRIAS A PARTIR DA LEITURA E FRUIÇÃO DE CONTOS

HABILIDADE(S) DA BNCC: EF08LP04 – EF89LP26 - EF89LP32

OBJETO(S) DO CONHECIMENTO: Análise linguística/semiótica

Consideração das condições de produção

PRÁTICAS DE LINGUAGEM: Elementos notacionais da escrita

Produção de textos

OBJETIVOS DAS AULAS:



- Revisar resenhas literárias, recomendando a leitura de contos a outras pessoas.
- Publicizar os textos produzidos nas aulas, em local de fácil acesso na escola.
- Criar um e-book ou outro veículo de comunicação para divulgação das produções dos estudantes.



CONTEÚDOS:

- Gênero textual resenha literária.
- Revisão textual.
- Elaboração de livro virtual – e-book ou outro veículo de comunicação.

ATIVIDADE 1: Vamos a uma nova revisão?



Foco no conteúdo

Ação 1: Edição final do texto (produto final), com disposição da arte/ilustração. Nessa etapa, a professora dará sua contribuição aos textos produzidos pelos estudantes, por meio de seu *feedback*.



Na prática

Ação 2: Apresentação oral das resenhas produzidas pelos(as) estudantes leitores(as) e posterior publicação, com exposição no mural da escola, a fim de produzir uma comunidade de leitores de contos literários, bem como ampliar e consolidar o repertório cultural dos alunos. Divulgação das resenhas literárias, em formato virtual, por meio de e-book.



Anote essa dica

Recomendamos que o dia da culminância do projeto seja um momento celebrativo. Recordemos que no início das etapas, os estudantes receberam um convite para participar das aulas de leitura literária de contos, conforme consta no módulo I do quadro-síntese. Em razão disso, o desfecho do plano deve ser realizado em comemoração às conquistas, descobertas e compartilhamento de conhecimentos. Afinal, foram aulas bastante produtivas. Portanto, comemorem este momento festivo com bolos, docinhos, mimos e muita alegria!

Parabéns!

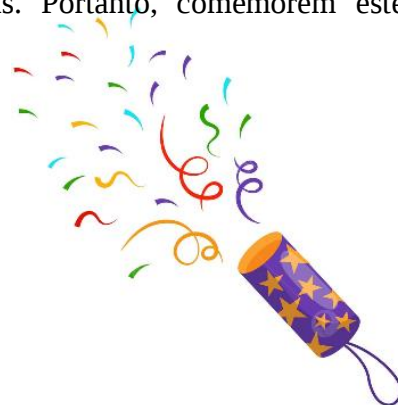
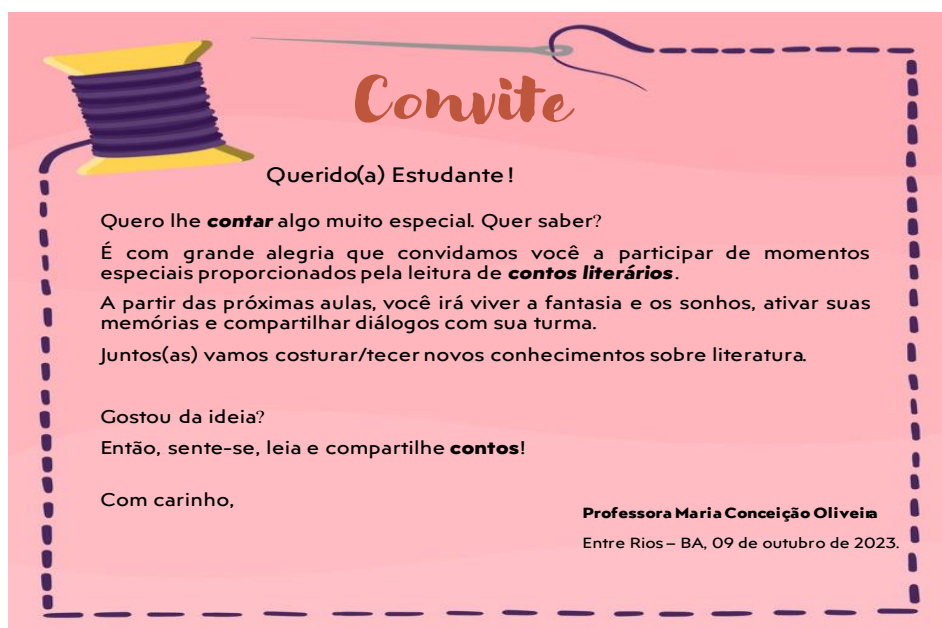


Imagem do convite recebido pelos(as) estudantes na primeira aula da Sequência Didática



Fonte: Elaboração própria.

PARTE IV: PALAVRAS FINAIS

Este Caderno Pedagógico foi organizado no intuito de atender a uma necessidade específica de ensino: contribuir com o processo de ensino e aprendizagem da educação básica do nosso espaço educativo. Por isso, ele tornou-se um convite ao diálogo, à formação de parcerias e a iniciativas em prol da elaboração de propostas colaborativas que melhorem as práticas de leitura e escrita, com ênfase na literatura.

A leitura literária nos contextos escolares está, muitas vezes, configurada com práticas que limitam os estudantes a responder a questionários de cunho interpretativo, que exigem sua participação de maneira objetiva, distanciando-os de uma ação que vise desenvolver o exercício do pensamento crítico.

Diante disso, as propostas apresentadas neste projeto, objetivam buscar meios necessários para a implementação de uma prática que inclua a literatura no lugar que ela deve estar: sendo convidada continuamente a fazer parte do ambiente de sala de aula.

A nossa intenção é contribuir de alguma forma, para que o(a) docente, de hoje e de amanhã, possa conduzir seus(suas) alunos(as) ao acesso aos textos literários, promovendo o desenvolvimento da humanização e ampliando suas possibilidades de modificar a realidade que o cerca.

Ao realizarmos este esforço, nos dirigimos aos(às) professores(as) de língua portuguesa, destinatários especiais deste trabalho, com o desafio de sermos todos(as) colaboradores(as) na promoção de uma educação com mais qualidade. Mais ainda, sermos pessoas aptas a mobilizar os estudantes para atuarem criticamente em sociedade, vivendo no exercício contínuo da humanização.

É, também, um convite para que nós procuremos introduzir nossos(as) estudantes em um mundo movido por constantes transformações e cheio de desafios que exigirão deles condutas críticas, criativas e atuantes.

Você aceita, então, este convite? Vamos levar avante este projeto!

4.1 MATERIAIS DE APOIO



Aqui estão algumas sugestões de leitura relacionadas às propostas feitas neste Caderno Pedagógico intitulado “*Experiências com Contos: Um convite à fruição e resenhas*”. Siga discutindo e construa projetos que colaborem com a educação, para além de seu território, de seu país.

- ✓ Para a questão que envolve a literatura e a formação do leitor literário:



BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2021.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

- ✓ Para ampliar conhecimento sobre o gênero literário Conto:



MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 11 edição. São Paulo: Ática, 1990.

- ✓ Para a noção de organização de sequências didáticas:



DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

- ✓ Para consultas e fundamentação legal de projetos:



BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

- ✓ Para estudo sobre o ensino da escrita:



PASSARELLI, Lílían Ghiuro. Da teoria à prática: o lúdico e o processual na produção do texto narrativo. In: **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Cortez, 2012. pp. 177 – 238.

CINTRA, Anna Maria Marques; PASSARELLI, Lílían Ghiuro. O que é e para que serve a escrita. In: **Leitura e produção de texto**. São Paulo: Blucher, 2011. pp. 95 – 109.

HABILIDADES DA BNCC (Base Nacional Comum Curricular)

EF69LP44: Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

EF69LP49: Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

EF69LP45: Posicionar-se criticamente em relação a textos pertencentes a gêneros como quarta-capa, programa (de teatro, dança, exposição etc.), sinopse, resenha crítica, comentário em blog/vlog cultural etc., para selecionar obras literárias e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, exposições, espetáculos, CD's, DVD's etc.), diferenciando as sequências descritivas e avaliativas e reconhecendo-os como gêneros que apoiam a escolha do livro ou produção cultural e consultando-os no momento de fazer escolhas, quando for o caso.

EF69LP46: Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, blogs e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, vlogs e podcasts culturais (literatura, cinema, teatro, música), playlists comentadas, fanfics, fanzines, e-zines, fanvídeos, fanclipes, posts em fanpages, trailer honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.

EF69LP53: Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infanto-juvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

EF08LP04: Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominal e verbal, modos e tempos verbais, pontuação etc.

EF89LP26: Produzir resenhas, a partir das notas e/ou esquemas feitos, com o manejo adequado das vozes envolvidas (do resenhador, do autor da obra e, se for o caso, também dos autores citados na obra resenhada), por meio do uso de paráfrases, marcas do discurso reportado e citações.

EF89LP32: Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, trailer honesto, vídeos-minuto, vidding, dentre outros.

AGRADECIMENTOS E CRÉDITOS

Este material foi construído com muito carinho para contribuir com a prática de leitura literária dos(as) professores(as) da educação básica. Esperamos que seja uma oportunidade de construir aulas com maior significado para você e para nossos estudantes!



Prof^a Ms. Maria Conceição Oliveira da Paz
Professora Pesquisadora da UFS - PROFLETRAS

Prof. Dr. Alexandre de Melo Andrade
Professor do Departamento de Letras da UFS

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português - encontro & interação**. 8ª edição. São Paulo: Parábola, 2009. Pp. 45-46.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul; Duas Cidades, 2004. p. 169-191.
- CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.
- CINTRA, Anna Maria Marques; PASSARELI, Lílían Ghiuro. O que é e para que serve a escrita. In: **Leitura e produção de texto**. São Paulo: Blucher, 2011. pp. 95 – 109.
- COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Global, 2004. 1. Ed., 9ª reimpressão.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2021.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.
- GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. 11 edição. São Paulo: Ática, 1990.
- LEFFA, Vilson Jose. **Fatores da Compreensão Na Leitura**. Cadernos do IL, Porto Alegre, v.15, 1996.
- LISPECTOR, Clarice. **Uma galinha**. In: LISPECTOR, C. Todos os contos. Rio de Janeiro: Rocco, 2016b, pp. 156-158.
- TELLES, Lygia Fagundes. Natal na Barca. In: **Antes do Baile Verde**. Niterói, Rio de Janeiro: EDUFF, 1999. CX
- <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000269.pdf>. Acesso em: 12 de junho de 2023.



Maria Conceição Oliveira da Paz
Universidade Federal de Sergipe

RESENHANDO CONTOS LITERÁRIOS

*Escrita criativa de Estudantes do 8º ano
do Ensino Fundamental
Escola Municipal Monteiro Lobato*



Entre Rios - BA
2023



APRESENTAÇÃO

Queridos leitores e queridas leitoras,

Apresento a vocês este material que é resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido no ano letivo 2023, na turma do 8º ano B do ensino fundamental da Escola Municipal Monteiro Lobato, em Entre Rios - BA. As resenhas literárias apresentadas neste e-book são parte de uma sequência didática trabalhada em sala de aula, a qual contemplou a leitura e análise de *contos literários*.

O percurso que empreendemos neste trabalho se deu a partir de estudo e de pesquisa implementadas no âmbito do Mestrado em Letras, da Universidade Federal de Sergipe. Para dar início às aulas, utilizamos como elemento motivador o conto "Um apólogo" de Machado de Assis. Posteriormente, os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer e refletir sobre os contos "A moça tecelã", de Marina Colasanti; "Natal na barca", de Lygia Fagundes Telles; e "Uma galinha", de Clarice Lispector. As propositivas apresentadas aqui são um recorte das atividades desenvolvidas com a turma.

Espero que vocês apreciem os textos produzidos por nossos(as) estudantes e sintam-se convidados(as) a conhecer as obras literárias indicadas por eles/elas. É importante, além disso, que tornemos a leitura de textos literários um hábito em nossa vida, pois a literatura nos impulsiona a criar, a refletir e a mudar nossas atitudes, permitindo que façamos conexões entre o texto literário e a vida social.

Acompanhem conosco a leitura das produções escritas e acolham a leveza, a beleza e a revelação do poder que a literatura provoca no leitor.

Maria Conceição Oliveira da Paz
Professora Pesquisadora da Universidade Federal de Sergipe

REFLETINDO COM OS

Contistas

Assim como deixamos abertas as portas e disponíveis os sentimentos para receber a chegada de um amor, devemos deixar livre a passagem para que serenamente se vá quando chegada a hora.

Marina Colasanti

PENSADOR

Já que é preciso
aceitar a vida, que
seja então
corajosamente.

LYGIA FAGUNDES TELLES

"A LITERATURA É UMA
FORMA DE AMOR"

Lygia Fagundes Telles

Se eu não me amar estarei
perdida – porque
ninguém me ama a ponto
de ser eu, de me ser.

Clarice Lispector

PENSADOR



Nasci para escrever.
A palavra é meu
domínio sobre o
mundo.

Clarice Lispector

"Eu gosto de olhos
que sorriem e silêncios
que se declaram."

(Machado de Assis)



Machado de Assis – Conto: “Um apólogo”



Machado de Assis (Joaquim Maria Machado de Assis), jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908.

Estudantes Tecendo Comentários



“A agulha e a linha
são importantes.
Cada uma tem sua

“Nós precisamos nos
valorizar e ter amor-
próprio. Não podemos
permitir que ninguém
subestime a nossa
capacidade”.

“O conto nos mostra
que devemos assumir
uma posição inversa
a dos personagens:
ter respeito ao
próximo e valorizar o

Não devo dar atenção a comentários
negativos que lançam sobre mim.
Preciso ter amor-próprio.

“O importante é que
devemos nos valorizar e
amar sempre, evitando
confusão desnecessária
com o outro.”

Marina Colasanti – Conto: “A moça tecelã”



Marina Colasanti foi uma escritora, contista, jornalista, tradutora e artista plástica ítalo-brasileira, nascida 26 de setembro de 1937 na colônia italiana da Eritreia. A autora publicou mais de 70 obras destinadas às crianças e aos adultos.

TRECHOS

“Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.”

“Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.”

“Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido.”

Estudantes Tecendo Comentários

Uma mulher que tece sua própria vida, materializando seus desejos e construindo uma nova realidade.

O conto nos leva a refletir sobre as escolhas que fazemos na vida.

Podemos mudar e transformar nossas vidas, basta querermos.

Esse conto fala de uma moça que vivia na janela de sua casa tecendo um tapete gigante. Ela tecia todos os seus desejos a ponto de tecer um homem. No começo foi maravilhoso, mas no decorrer da história ela percebeu que ele estava apenas explorando ela. Depois, ela decide desmanchar o tapete, partindo da maior torre do castelo.

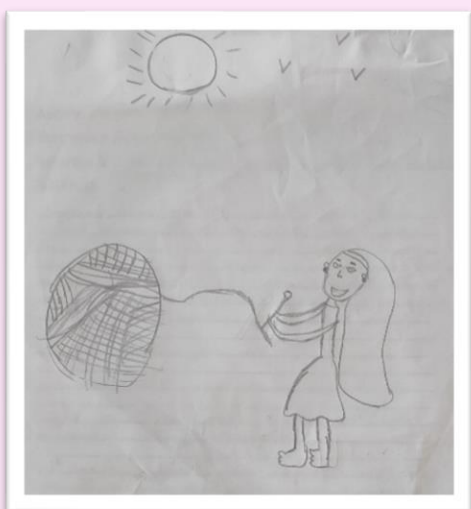
CONTO LITERÁRIO: A MOÇA TECELÃ

Autora: Marina Colasanti

Produção escrita: Devison e Genivaldo

Ilustração: Devison

Referência: COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. 1. Ed., 9ª reimpressão - São Paulo: Global, 2004.



RESENHA LITERÁRIA

Já imaginou alguém ter poderes meio mágicos e tornar real seus próprios sonhos e desejos? Esse conto revela a história de uma moça que vivia produzindo em seu tear coisas necessárias para sua vida. Criava todas as coisas que sonhava possuir. Quando estava com fome, a moça teava o que queria comer; quando sentia sono, escolhia a linha da escuridão e teava uma noite estrelada; e quando a ventania batia, ela pegava fios

dourados de lã e teava um belo dia. Apesar de ser muito feliz com sua vida, um dia a moça sentiu-se só e desejou tear um homem para que ele se tornasse seu marido. Mas parece não ter sido uma boa ideia. O homem começou a exigir muitas coisas dela, casas maiores e muitos outros luxos, obrigando a tecelã a satisfazê-lo em todo tempo, atendendo seus desejos. O sonho de ser mãe foi ficando para trás, apenas tecia as vontades do marido. E assim aconteceu até certo tempo... Um dia, ela resolve dar uma nova cor aos fios de sua vida. Quer saber o que aconteceu ao final dessa história? Só posso lhe dizer que o conto é bastante envolvente, apresenta em seu enredo uma mulher corajosa e destemida e nos leva a entender que somos capazes de mudar o nosso destino.

TEMAS: Sonho; Coragem; Interesses.

CONTO LITERÁRIO: A MOÇA TECELÃ

Autora: Marina Colasanti

Produção escrita e Ilustração: Brenda da Conceição; Enikson Vitor.

Referência: COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. 1. Ed., 9ª reimpressão - São Paulo: Global, 2004.

RESENHA LITERÁRIA

Esse conto relata sobre a vida de uma moça que gostava muito de sonhar e realizar seus desejos, materializando suas vontades



através de seu tear. E seu tear parecia ser mágico porque tudo que ela tecia, acontecia. Depois de vários dias e dias tecendo, ela sentiu falta de algo que parecia ser muito importante para ela. Vocês querem saber ? Ela desejou um amor, um companheiro para ela. Após concretizar seu desejo, a tecelã viveu momentos de mudanças significativas em sua vida. Vocês vão descobrir, ao ler o conto, a revelação de uma mulher

que transformou sua história. No desfecho da trama, a moça toma uma grande decisão. Essa narrativa nos leva a refletir sobre situações que são vividas por muitas pessoas, ou melhor, por muitas mulheres que se entregam à subserviência de seus companheiros e esquecem de si mesma. Fica a dica para nós de que o importante é sabermos que temos a capacidade de projetar mudanças em nossa vida por meio de atitudes certas, corajosas e decisivas.

TEMAS: Exploração de trabalho; Transformação; Força; Coragem; Desejos.

CONTO LITERÁRIO: A MOÇA TECELÃ

Autora: Marina Colasanti

Produção escrita: Diogo Santos; Eduarda Vitória.

Ilustração: Diogo Santos

Referência: COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. 1. Ed., 9ª reimpressão - São Paulo: Global, 2004.

RESENHA LITERÁRIA

Imagine uma mulher solitária que vivia trabalhando em seu tear e gostava muito de viver assim, sonhando e realizando suas vontades.



Tudo aquilo que a moça desejava, acontecia como passe de mágica. A tecelã tinha poderes? Ou seu tear era poderoso? Ela tinha o poder de criar tudo que era necessário à sua vida: o dia, a noite, a natureza, seu alimento. Sua vida estava completa. Entretanto, chegou o dia em que aquela rotina não trazia mais felicidade para a tecelã. Ela sentiu que faltava algo que completasse seu vazio. O que faltava para ela? Um marido, uma casa nova? Essas coisas deixariam a tecelã mais feliz? Ao ler o conto, você perceberá que nem sempre ter tudo aquilo que se deseja,

trará a felicidade! O conto mostra uma mulher independente que se esforça para mudar sua vida, o seu destino. A simplicidade de sua vida torna-se algo muito mais importante que qualquer desejo supérfluo.

TEMAS: Valorização pessoal; Simplicidade; Ambição.

Lygia Fagundes Telles – Conto: “Natal na barca”



Lygia Fagundes Teles foi uma escritora brasileira, nasceu em 19 de abril de 1923, em São Paulo, e faleceu em 3 de abril de 2022, aos 98 anos. Publicou seu primeiro livro de contos — *Porões e sobrados* — em 1938. Formada em Direito, trabalhou como procuradora do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo.

TRECHOS

— É. Está doente, vou ao especialista, o farmacêutico de Lucena achou que eu devia ver um médico hoje mesmo. Ainda ontem ele estava bem mas piorou de repente. Uma febre, só febre... Mas Deus não vai me abandonar.

Como se não bastasse a pobreza que espiava pelos remendos da sua roupa, perdera o filhinho, o marido, via pairar uma sombra sobre o segundo filho que ninava nos braços. E ali estava sem a menor revolta, confiante. Apatia? Não, não podiam ser de uma apática aqueles olhos vivíssimos, aquelas mãos enérgicas. Inconsciência? Uma certa irritação me fez andar.

Sob o manto preto, de pontas cruzadas e atiradas para trás, seu rosto resplandecia. Apertei-lhe a mão vigorosa e acompanhei-a com o olhar até que ela desapareceu na noite.

Estudantes Tecendo Comentários

Quando eu era criança via como minha mãe ficava preocupada comigo quando ficava doente. Ela também sempre teve fé. Sempre acreditou que eu ia melhorar.

O conto nos envolve e nos leva a perceber que devemos ter fé, força e coragem para superar as dificuldades da vida.

Ele mostra que devemos ter fé. A fé de uma mãe.

CONTO LITERÁRIO: NATAL NA BARCA

Autora: Lygia Fagundes Telles

Produção escrita: Ana Clara; Eliomar.

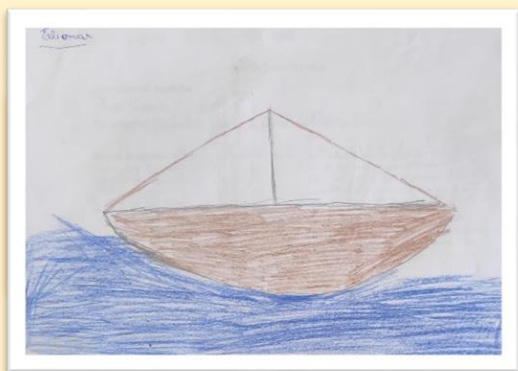
Ilustração: Eliomar

Referência: TELLES, Lygia Fagundes. Natal na barca. In: TELLES, Lygia Fagundes.

Antes do baile verde: contos. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 74-78.

RESENHA LITERÁRIA

Em “Natal na barca” o que prevalece enquanto conteúdo da narrativa é a dor que toma conta de seus personagens em uma noite de Natal. Na barca havia algumas pessoas. Duas se destacam como principais: a narradora-personagem e uma mulher com o bebê no colo. A mulher relata uma história triste e dramática enfrentada por ela, diante das perguntas feitas pela narradora. Nesse conto estão presentes sentimentos como a fé e a força interior que uma mulher corajosa utiliza para vencer as dificuldades da vida.



TEMAS: Medo; Força; Mulher.

CONTO LITERÁRIO: NATAL NA BARCA

Autora: Lygia Fagundes Telles

Produção escrita e Ilustração: Poliana; Dafine.

Referência: TELLES, Lygia Fagundes. Natal na barca. In: TELLES, Lygia Fagundes. **Antes do baile verde**: contos. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 74-78.

RESENHA LITERÁRIA

Esse conto trata de um drama vivido por uma mãe e seu bebê e revela várias emoções. A história se passa em uma barca que faz a travessia de um rio. Durante a viagem, encontram-se, além da narradora-personagem, um bêbado e uma mulher com um



manto escuro cobrindo-lhe a cabeça e carregando seu bebê no colo. Ao estabelecer o diálogo entre as duas mulheres, a narradora soube que aquela mãe perdera o primeiro filho e fora abandonada pelo marido. A mulher contou também que estava na barca porque precisava levar seu bebê ao médico, pois a criança

estava doente. A simplicidade e a fé da mulher que vestia um manto chamaram a atenção da narradora, que demonstrava ser uma pessoa muito gentil. Aquela mãe, diante de tanta dificuldade passada na vida, amava muito seu filho, que mesmo estando doente, mantinha uma tranquilidade e mansidão. Vale à pena ler o conto porque ele nos mostra emoções e apresenta uma mulher que mantém a fé e a esperança na vida.

TEMAS: Dar destaque às relações estabelecidas entre a vida, a morte e a ressurreição.

CONTO LITERÁRIO: NATAL NA BARCA

Autora: Lygia Fagundes Telles

Produção escrita: Elisandro; Gabriel; Ruanderson.

Ilustração: Ruanderson

Referência: TELLES, Lygia Fagundes. Natal na barca. In: TELLES, Lygia Fagundes.

Antes do baile verde: contos. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 74-78.

RESENHA LITERÁRIA

Publicado em 1944, em “Natal na barca” a narradora-personagem conta que em uma noite de Natal, havia na barca um bêbado que conversava com o vizinho invisível, e uma mulher que apertava nos braços uma criança toda enrolada em panos. Esse conto é uma história de surpresas e reviravoltas sobre relatos de uma criança que parecia estar doente, mas, na verdade, estava apenas dormindo. Recomendamos a leitura do conto, pois ele lhe fará refletir sobre a fé e a esperança expressada por uma mãe.



TEMAS: Força; Fé; Esperança.

Clarice Lispector – Conto: “Uma galinha”



Clarice Lispector nasceu em 10 de dezembro de 1920. Foi escritora e jornalista brasileira nascida na Ucrânia. Autora de romances, contos e ensaios, é considerada uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX.

TRECHOS

De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou, respirando, abotoando e desabotoando os olhos.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícios da grande fuga — e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo — se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Estudantes Tecendo Comentários

Podemos refletir sobre o sentido da vida. A galinha só presta enquanto está dando ovos. Depois

Comparamos à figura da mulher que as vezes se acomoda em um lugar e não busca conquistar seus sonhos.

O conto conta a história de uma família que escolhe uma galinha para o almoço de domingo. Ela foge. Na fuga quando volta a casa da família

CONTO LITERÁRIO: UMA GALINHA

Autora: Clarice Lispector

Produção escrita: Ariel; Flávia; Juliane.

Ilustração: Ariel

Referência: LISPECTOR, Clarice. Uma galinha. In: LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. São Paulo: Rocco, 1960.

RESENHA LITERÁRIA

Em um dia de domingo, havia uma galinha que tentou fugir da casa de uma família, pois estava entediada e percebeu que queriam matá-la para preparar o almoço. Então, o pai dessa família foi atrás da galinha que fugiu pelo telhado da casa e conseguiu resgatá-la. Em um momento de inteira afobação e agonia, a galinha colocou um ovo. Isso fez com que a família desistisse de matá-la. Depois que passou o tempo em que a galinha estava atendendo aos desejos e às necessidades da família, acabou sua importância, sendo então morta de forma desapegada, servindo pela última vez como almoço. Quando a galinha bota o ovo, parece que a família desenvolve um sentimento de afeto àquele animal. Porém, passado o tempo de utilidade da galinha, a família tira sua vida de forma inesperada. Esse conto revela como há pessoas que apenas consideram o outro quando estão sendo beneficiadas por algo, quando isso termina, acabam também a consideração e a amizade.



TEMAS: Benefício próprio; Comodismo; Inutilidade.

CONTO LITERÁRIO: UMA GALINHA

Autora: Clarice Lispector

Produção escrita: Isabela; Gabriela.

Ilustração: Isabela

Referência: LISPECTOR, Clarice. Uma galinha. In: LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. São Paulo: Rocco, 1960.

RESENHA LITERÁRIA

Uma galinha que viraria o almoço de domingo, em um ato de coragem, decide fugir em prol de sua vida. E em um curto voo alcança a murada do terraço. Porém há alguém



que vai atrás dela, enquanto corria de telhado a telhado. Ao parar por alguns segundos para recuperar sua fuga, é apanhada por aquela pessoa. Ao voltar à cozinha da casa da família, algo inesperado acontece. Será que a galinha virou almoço do domingo

daquela família? Será se ela depois conseguiu fugir? Para saber o que aconteceu com essa galinha e o desfecho dessa história, basta ler o conto com atenção, para perceber como se destacam temas como a amizade, a consideração ao outro e a superficialidade da vida.

TEMAS: Maternidade; Fuga; Esperança.

ESTE PROJETO FOI PREPARADO COM
MUITO CARINHO E CUIDADO!
AGRADECEMOS A LEITURA!

COMPARTILHE ESTE E-BOOK E VIVA A
EXPERIÊNCIA DE SER UM(A) LEITOR(A)
DE CONTOS LITERÁRIOS.



REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2021.

COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Global, 2004. 1. Ed., 9ª reimpressão.

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000269.pdf>. Acesso em: 12 de junho de 2023

LISPECTOR, Clarice. **Uma galinha**. In: LISPECTOR, C. Todos os contos. Rio de Janeiro: Rocco, 2016b, pp. 156-158.

TELLES, Lygia Fagundes. Natal na Barca. In: **Antes do Baile Verde**. Niterói, Rio de Janeiro: EDUFF, 1999.

ANEXOS

Conto 1: Um Apólogo



Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu.

Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se

também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic plic-plic* da agulha no pano.

Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Machado de Assis

Conto 2: A moça tecelã

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo.

Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza. Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.



Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer. E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

Marina Colasanti

Conto 3: Natal da Barca



Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão. Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança e eu.

O velho, um bêbado esfarrapado, deitara-se de comprido no banco, dirigira palavras amenas a um vizinho invisível e agora dormia. A mulher estava sentada entre nós, apertando nos braços a criança enrolada em panos. Era uma mulher jovem e pálida. O longo manto escuro que lhe cobria a cabeça dava-lhe o aspecto de uma figura antiga.

Pensei em falar-lhe assim que entrei na barca. Mas já devíamos estar quase no fim da viagem e até aquele instante não me ocorrera dizer-lhe qualquer palavra. Nem combinava mesmo com uma barca tão despojada, tão sem artifícios, a ociosidade de um diálogo. Estávamos sós. E o melhor ainda era não fazer nada, não dizer nada, apenas olhar o sulco negro que a embarcação ia fazendo no rio.

Debrucei-me na grade de madeira carcomida. Acendi um cigarro. Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era Natal.

A caixa de fósforos escapou-me das mãos e quase resvalou para o rio. Agachei-me para apanhá-la. Sentindo então alguns respingos no rosto, inclinei-me mais até mergulhar as pontas dos dedos na água.

— Tão gelada — estranhei, enxugando a mão.

— Mas de manhã é quente.

Voltei-me para a mulher que embalava a criança e me observava com um meio sorriso. Sentei-me no banco ao seu lado. Tinha belos olhos claros, extraordinariamente brilhantes. Reparei que suas roupas (pobres roupas puídas) tinham muito caráter, revestidas de uma certa dignidade.

— De manhã esse rio é quente — insistiu ela, me encarando.

— Quente?

— Quente e verde, tão verde que a primeira vez que lavei nele uma peça de roupa pensei que a roupa fosse sair esverdeada. É a primeira vez que vem por estas bandas?

Desviei o olhar para o chão de largas tábuas gastas. E respondi com uma outra pergunta:

— Mas a senhora mora aqui perto?

— Em Lucena. Já tomei esta barca não sei quantas vezes, mas não esperava que justamente hoje...

A criança agitou-se, choramingando. A mulher apertou-a mais contra o peito. Cobriu-lhe a cabeça com o xale e pôs-se a niná-la com um brando movimento de cadeira de balanço. Suas mãos destacavam-se exaltadas sobre o xale preto, mas o rosto era sereno.

— Seu filho?

— É. Está doente, vou ao especialista, o farmacêutico de Lucena achou que eu devia ver um médico hoje mesmo. Ainda ontem ele estava bem mas piorou de repente. Uma febre, só febre... Mas Deus não vai me abandonar.

— É o caçula?

Levantou a cabeça com energia. O queixo agudo era altivo mas o olhar tinha a expressão doce.

— É o único. O meu primeiro morreu o ano passado. Subiu no muro, estava brincando de mágico quando de repente avisou, vou voar! E atirou-se. A queda não foi grande, o muro não era alto, mas caiu de tal jeito... Tinha pouco mais de quatro anos.

Joguei o cigarro na direção do rio e o toco bateu na grade, voltou e veio rolando aceso pelo chão. Alcancei-o com a ponta do sapato e fiquei a esfregá-lo devagar. Era preciso desviar o assunto para aquele filho que estava ali, doente, embora. Mas vivo.

— E esse? Que idade tem?

— Vai completar um ano. — E, noutro tom, inclinando a cabeça para o ombro: — Era um menino tão alegre. Tinha verdadeira mania com mágicas. Claro que não saía nada, mas era muito engraçado... A última mágica que fez foi perfeita, vou voar! disse abrindo os braços. E voou.

Levantei-me. Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade. Mas os laços (os tais laços humanos) já ameaçavam me envolver. Consegui evitá-los até aquele instante. E agora não tinha forças para rompê-los.

— Seu marido está à sua espera?

— Meu marido me abandonou.

Sentei-me e tive vontade de rir. Incrível. Fora uma loucura fazer a primeira pergunta porque agora não podia mais parar, ah! aquele sistema dos vasos comunicantes.

— Há muito tempo? Que seu marido...

— Faz uns seis meses. Vivíamos tão bem, mas tão bem. Foi quando ele encontrou por acaso essa antiga namorada, me falou nela fazendo uma brincadeira, a Bila enfeiou, sabe que de nós dois fui eu que acabei ficando mais bonito? Não tocou mais no assunto. Uma manhã ele se levantou como todas as manhãs, tomou café, leu o jornal, brincou com o menino e foi trabalhar. Antes de sair ainda fez assim com a mão, eu estava na cozinha lavando a louça e ele me deu um adeus através da tela de arame da porta, me lembro até que eu quis abrir a porta, não gosto de ver ninguém falar comigo com aquela

tela no meio... Mas eu estava com a mão molhada. Recebi a carta de tardinha, ele mandou uma carta. Fui morar com minha mãe numa casa que alugamos perto da minha escolinha. Sou professora.

Olhei as nuvens tumultuadas que corriam na mesma direção do rio. Incrível. Ia contando as sucessivas desgraças com tamanha calma, num tom de quem relata fatos sem ter realmente participado deles. Como se não bastasse a pobreza que espiava pelos remendos da sua roupa, perdera o filhinho, o marido, via pairar uma sombra sobre o segundo filho que ninava nos braços. E ali estava sem a menor revolta, confiante. Apatia? Não, não podiam ser de uma apática aqueles olhos vivíssimos, aquelas mãos enérgicas. Inconsciência? Uma certa irritação me fez andar.

— A senhora é conformada.

— Tenho fé, dona. Deus nunca me abandonou.

— Deus — repeti vagamente.

— A senhora não acredita em Deus?

— Acredito — murmurei. E ao ouvir o som débil da minha afirmativa, sem saber por quê, perturbei-me. Agora entendia. Aí estava o segredo daquela segurança, daquela calma. Era a tal fé que removia montanhas...

Ela mudou a posição da criança, passando-a do ombro direito para o esquerdo. E começou com voz quente de paixão:

— Foi logo depois da morte do meu menino. Acordei uma noite tão desesperada que saí pela rua afora, enfiei um casaco e saí descalça e chorando feito louca, chamando por ele! Sentei num banco do jardim onde toda tarde ele ia brincar. E fiquei pedindo, pedindo com tamanha força, que ele, que gostava tanto de mágica, fizesse essa mágica de me aparecer só mais uma vez, não precisava ficar, se mostrasse só um instante, ao menos mais uma vez, só mais uma! Quando fiquei sem lágrimas, encostei a cabeça no banco e não sei como dormi. Então sonhei e no sonho Deus me apareceu, quer dizer, senti que ele pegava na minha mão com sua mão de luz. E vi o meu menino brincando com o Menino Jesus no jardim do Paraíso. Assim que ele me viu, parou de brincar e veio rindo ao meu encontro e me beijou tanto, tanto... Era tamanha sua alegria que acordei rindo também, com o sol batendo em mim.

Fiquei sem saber o que dizer. Esbocei um gesto e em seguida, apenas para fazer alguma coisa, levantei a ponta do xale que cobria a cabeça da criança. Deixei cair o xale novamente e voltei-me para o rio. O menino estava morto. Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. Estava morto. A mãe continuava a niná-lo, apertando-o contra o peito. Mas ele estava morto.

Debrucei-me na grade da barca e respirei penosamente: era como se estivesse mergulhada até o pescoço naquela água. Senti que a mulher se agitou atrás de mim

— Estamos chegando — anunciou.

Apanhei depressa minha pasta. O importante agora era sair, fugir antes que ela descobrisse, correr para longe daquele horror. Diminuindo a marcha, a barca fazia uma larga curva antes de atracar. O bilheteiro apareceu e pôs-se a sacudir o velho que dormia:

— Chegamos!... Ei! chegamos!

Aproximei-me evitando encará-la.

— Acho melhor nos despedirmos aqui — disse atropeladamente, estendendo a mão.

Ela pareceu não notar meu gesto. Levantou-se e fez um movimento como se fosse apanhar a sacola. Ajudei-a, mas ao invés de apanhar a sacola que lhe estendi, antes mesmo que eu pudesse impedi-lo, afastou o xale que cobria a cabeça do filho.

— Acordou o dorminhoco! E olha aí, deve estar agora sem nenhuma febre.

— Acordou?!

Ela sorriu:

— Veja...

Inclinei-me. A criança abriu os olhos — aqueles olhos que eu vira cerrados tão definitivamente. E bocejava, esfregando a mãozinha na face corada. Fiquei olhando sem conseguir falar.

— Então, bom Natal! — disse ela, enfiando a sacola no braço.

Sob o manto preto, de pontas cruzadas e atiradas para trás, seu rosto resplandecia. Apertei-lhe a mão vigorosa e acompanhei-a com o olhar até que ela desapareceu na noite.

Conduzido pelo bilheteiro, o velho passou por mim retomando seu afetuoso diálogo com o vizinho invisível. Saí por último da barca. Duas vezes voltei-me ainda para ver o rio. E pude imaginá-lo como seria de manhã cedo: verde e quente. Verde e quente.

Conto 4: Uma galinha



Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã.

Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi, pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto voo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou — o tempo da cozinheira dar um grito — e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro voo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde está, hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa.

De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre. Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga.

Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou, respirando, abotoando e desabotoando os olhos.

Seu coração, tão pequeno num prato, solevava e abaixava as penas, enchendo de tepidez àquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarecada. Mal, porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos: — Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem!

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave, nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

— Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

— Eu também! jurou a menina com ardor. A mãe, cansada, deu de ombros.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: "E dizer que a obriguei a correr naquele estado!" A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícios da grande fuga — e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo — se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar.

Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria, mas ficaria muito mais contente.

Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho — era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se os anos.

Clarice Lispector